UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

JULIA SVAZATI ASSINE

A EMERGÊNCIA DE PREFIXOS NA PRODUÇÃO DE CRIANÇAS DURANTE A AQUISIÇÃO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

Guarulhos
2020

JULIA SVAZATI ASSINE

A EMERGÊNCIA DE PREFIXOS NA PRODUÇÃO DE CRIANÇAS DURANTE A AQUISIÇÃO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre.
Orientadora: Profa. Dra. Indaiá de Santana Bassani

Guarulhos
2020

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita deste trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Universidade Federal de São Paulo
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Assine, Julia Svazati.

A emergência de prefixos na produção de crianças durante a aquisição de português brasileiro/ Julia Svazati Assine. – Guarulhos, 2020.
111 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020.

Orientador: Indaiá de Santana Bassani.
Título em inglês: The emergence of prefixes in the production of children during the acquisition of Brazilian Portuguese.

1. Morfologia. 2. Prefixos. 3. Aquisição. 4. Português brasileiro. I. Bassani, Indaiá de Santana. II. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. III. Título.

JULIA SVAZATI ASSINE

A EMERGÊNCIA DE PREFIXOS NA PRODUÇÃO DE CRIANÇAS DURANTE A AQUISIÇÃO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre.

Aprovado em: _____ de 2020.

_____

Profa. Dra. Indaiá de Santana Bassani (Presidente)
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo

_____

Profa. Dra. Elaine Grolla (Titular Externo)
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

_____

Prof. Dr. Rafael Dias Minussi (Titular Interno)
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo

_____

Profa. Dra. Ana Paula Scher (Suplente)
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A presente pesquisa foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer à minha orientadora, Profa. Indaiá Bassani, por ter me proposto o mestrado, por ter acreditado na minha capacidade, pela paciência e por todas as orientações cuidadosas. Posso dizer que foi um privilégio ter sido orientada por uma professora tão querida e tão competente. Muito obrigada!

Também agradeço a todos os professores que dividiram algum conhecimento comigo durante o mestrado. Sou grata, principalmente, aos professores Rafael Minussi, Elaine Grolla, Raquel Santos, Ana Scher e Marcello Marcelino.

Ao Prof. Rafael, obrigada por ter aceitado o convite para a banca, pelos comentários relevantes acerca do meu trabalho e por ter se disposto a ajudar com possíveis questões. À Profa. Elaine Grolla, também agradeço a participação na banca e os apontamentos muito necessários. Além disso, sou muito grata por ter se colocado à disposição em outros momentos e por ter me recebido como aluna especial em uma de suas disciplinas. Agradeço imensamente à Profa. Raquel Santos, pela gentileza em me fornecer as transcrições das sessões de gravação, fundamentais para a realização deste trabalho. À Profa. Ana Scher, também quero agradecer pela participação na banca; além disso, por ter me acolhido com muito carinho no GREMD e pelas reflexões promovidas. Ao Prof. Marcello, obrigada por ter participado como membro substituto da banca de qualificação e por também ter se disposto a elucidar possíveis dúvidas.

Agradeço, também, a todos os meus colegas e amigos da Unifesp. À Patrícia, ao Edmar e à Adriana, muito obrigada por compartilharem comigo preocupações, dúvidas, informação, conhecimento e alegrias. Aos colegas da bateria e da iniciação teatral, obrigada por proporcionarem momentos de descontração.

Não poderia deixar de gradecer, igualmente, aos familiares que sempre torceram por mim, respeitaram as minhas escolhas e me ajudaram de alguma forma durante a graduação e o mestrado. Agradeço, principalmente, à minha mãe, Valéria, e à minha avó, Abigail. As pessoas mais importantes na minha vida, que sempre me deram apoio, amor e importância à minha formação, e a quem devo tudo que conquistei até hoje. Também agradeço à minha tia Edith, que me acolheu em sua casa durante o primeiro ano de graduação. Ao Rafael Margiotto, sou muito grata pelas conversas, pelo companheirismo, pela compreensão, e pelos diversos auxílios com o *software* de planilhas, que foram essenciais para a otimização do trabalho.

Por fim, agradeço à CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo acerca da emergência dos prefixos *a-*, *eN-* e *deS-* na produção de crianças falantes do português brasileiro. A seleção dos prefixos em estudo teve como critério a representatividade nas produções infantis. A busca pelos dados prefixados foi realizada por meio do programa *AntConc* dentro de dois *corpora*. O *Corpus* A contém 160 sessões de gravação de produções espontâneas e cobre a faixa etária de 3 a 5 anos de idade; o *Corpus* B possui 101 sessões de gravação de produções eliciadas e compreende a faixa etária de 5 a 9 anos de idade. Após as buscas, encontramos 618 *tokens* prefixados na produção infantil do *corpus* A e 1547 na produção adulta; na produção infantil do *corpus* B, encontramos 186 *tokens*. Os dados encontrados foram catalogados a partir das seguintes características: composicionalidade semântica da forma, contribuição semântica da raiz e posição dos prefixos em relação à raiz. No geral, com base nos pressupostos da Morfologia Distribuída, os prefixos *a-* e *eN-* ocupam uma posição interna em relação à raiz da palavra, enquanto o *deS-* costuma ocupar uma posição externa. Os objetivos específicos deste trabalho são: a) examinar a emergência dos prefixos na produção das crianças considerando as características citadas acima; b) verificar, nos dados do *corpus* A, se a criança produz, para cada forma composicional prefixada, a mesma forma sem o prefixo, como indício de que ela está de fato segmentando a palavra; c) comparar, no *corpus* A, a emergência das formas prefixadas nas produções infantis com a frequência recebida pelo *input*; d) observar que tipo de produção prefixada, presente no adulto, falta na criança; e) comparar os dados do *corpus* A com os dados do *corpus* B, a fim de observar as possíveis diferenças entre as formas produzidas por crianças mais novas e por crianças mais velhas; e f) a partir dos achados, discutir em que medida a distinção entre morfologia interna e morfologia externa se mostra relevante na produção infantil. Com base na análise dos dados, chegamos, resumidamente, aos seguintes resultados: a) no geral, o primeiro prefixo a aparecer é o *a-*, em formas sem composicionalidade semântica e muito frequentes; b) 53% das formas com composicionalidade semântica apresentam presença prévia da forma sem o prefixo; isto é, são possivelmente analisáveis; c) a maioria das formas que surgem na primeira faixa etária são frequentes ou muito frequentes na fala adulta. Nas faixas seguintes, aumenta a presença de formas pouco frequentes; d) a maioria das produções que faltam nas crianças são aquelas com baixa frequência no *input*; e) as características presentes nos dados das crianças mais velhas não evidenciam uma maior complexidade em comparação com a produção das crianças mais novas; e, por fim, f) a distinção entre morfologia interna e externa se mostra

relevante na produção infantil na medida em que a primeira é mais expressiva nas faixas etárias inicias e a segunda surge em maior número com o avanço da idade.

Palavras-chave: Morfologia. Prefixos. Aquisição. Português brasileiro.

ABSTRACT

This paper presents a study on the emergence of prefixes *a-*, *eN-* and *deS-* in the speech of Brazilian Portuguese speakers children. The prefixes under study were selected based on representativeness in children's speech. The data searches were performed using the AntConc program within two corpora. *Corpus* A contains 160 transcriptions of spontaneous productions and covers the age range of 3 to 5 years old; *corpus* B has 101 transcriptions of elicited productions and covers the age range of 5 to 9 years old. After searching, we found 618 *tokens* in children's speech of *Corpus* A, and 1547 *tokens* in adult's speech. In children's speech of *corpus* B, we found 186 *tokens.* The data found were classified according to the following characteristics: semantic compositionality, semantic contribution and prefixes' position in relation to the root. In general, based on the assumptions of Distributed Morphology, the prefixes *a-* and *eN-* are considered as inner prefixes and the prefix *deS-* is considered as an outer prefix. Our specific purposes are as follows: a) to examine the emergence of prefixes in children's speech considering the characteristics mentioned above; b) to verify, in *corpus* A data, if the child produces, for each compositional form with prefix, the same form without the prefix, as an indication that he/she is in fact analyzing the word; c) to compare, in *corpus* A, the emergence of forms with prefix in children's speech with the frequency received by the *input*; d) to observe what type of production, present in the adult's speech, lacks in the child's speech; e) to compare the data from *corpus* A with the data from *corpus* B in order to observe the possible differences between the forms produced by younger and older children; and f) based on the findings, to discuss to what extent the distinction between inner and outer morphology is relevant in child's speech. The data analysis led us to the following conclusions: a) in general, the first prefix to appear is the prefix *a-*; it appears in very frequent forms without semantic compositionality; b) 53% of the forms with semantic compositionality have a previous presence of the equivalent form without the prefix; it means that these 53% are possibly analyzable; c) most forms that appear in the first age group are frequent or very frequent in the adult's speech. In the following age groups, the presence of infrequent forms increases; d) most of the forms that are lacking in children's speech are those with low frequency in the *input*; e) the characteristics present in the older children's data do not show greater complexity compared to the younger children's output; and, lastly, f) the distinction between inner and outer morphology is relevant in child's speech as the former is more expressive in the early age groups and the latter appears in greater numbers with advancing age.

Keywords: Morphology. Prefixes. Acquisition. Brazilian Portuguese.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Porcentagem de types por faixa etária e por prefixo na produção das crianças (corpus A). 54
Gráfico 2 - Porcentagem de types por faixa etária e por prefixo na produção das crianças (corpus A). 91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número total de dados no corpus A (types e tokens). 51
Tabela 2 - Número de types por faixa etária e por prefixo na produção das crianças (corpus A). 52
Tabela 3 - Porcentagem de dados com/sem composicionalidade semântica por prefixo (corpus A). 77
Tabela 4 – Número de tokens, de types e de formas prefixadas por prefixo (corpus B). 84
Tabela 5 - Porcentagem de dados com/sem composicionalidade semântica por prefixo (corpus B). 85

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A gramática na Morfologia Distribuída. 25
Figura 2 - Morfologia interna e externa 26
Figura 3 – Ferramenta word list (AntConc). 46
Figura 4 - Ferramenta concordance (AntConc). 46
Figura 5 - Ferramenta file view (AntConc). 47
Figura 6 – Classificação dos dados infantis. 48
Figura 7 – Classificação das formas sem prefixo. 50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Separação dos prefixos em PCs e PLs. 23
Quadro 2 - Distribuição dos PCs e PLs no léxico. 24
Quadro 3 - Prefixos produtivos (Schwindt, 2004) e exemplos. 42
Quadro 4 - Número de dados por prefixo. 43
Quadro 5 – Número de sessões de gravação por idade no corpus A. 44
Quadro 6 - Número de sessões de gravação por idade no corpus B. 44
Quadro 7 - Número de sessões e de palavras (corpus A) 52
Quadro 8 – Emergência das formas prefixadas – 3 a 3,6 anos (corpus A). 55
Quadro 9 – Emergência dos prefixos. 61
Quadro 10 - Emergência das formas prefixadas – 3,6 a 4 anos (corpus A). 63
Quadro 11 - Emergência das formas prefixadas – 4 a 4,6 anos (corpus A). 68
Quadro 12 - Emergência das formas prefixadas – 4,6 a 5 anos (corpus A). 71
Quadro 13 - Emergência das formas prefixadas – 5 a 5,6 anos (corpus A). 73
Quadro 14 – Emergência dos prefixos em formas analisáveis (composicionais com presença prévia da forma simples). 75
Quadro 15 – Prefixos com mais composicionalidade semântica (CS) e prefixos mais analisáveis. 76
Quadro 16 – Porcentagem de dados com composicionalidade semântica (CS) e de dados analisáveis (por faixa etária). 78
Quadro 17 – Contribuição semântica nos dados emergentes analisáveis (Luiza). 80
Quadro 18 – Contribuição semântica nos dados emergentes analisáveis (Arthur). 80
Quadro 19 – Contribuição semântica nos dados emergentes analisáveis (Amelie). 81
Quadro 20 – Tipo de frequência predominante nas formas emergentes. 82
Quadro 21 - Formas do corpus B que são ausentes na produção infantil do corpus A. 86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15
1.1 Objetivos 17
1.2 Organização dos capítulos 17
2 REVISÃO DA LITERATURA 19
2.1 Prefixos em estudo 19
2.1.1 O prefixo *deS-* 19
2.1.2 Os prefixos *a-* e *eN-* 21
2.2 Estudos em morfologia prefixal 23
2.2.1 Estudo em morfologia e fonologia lexical: Schwindt (2001) 23
2.2.2 Prefixação na Morfologia Distribuída 24
2.3 Aquisição de linguagem 30
2.4 Aquisição de morfologia 32
2.4.1 Estudos em aquisição de morfologia derivacional no português brasileiro 39
3 METODOLOGIA 42
3.1 Metodologia de seleção dos prefixos e dos dados 42
3.2 Classificação dos dados 47
3.3 Seleção e classificação das formas não prefixadas 48
4 A EMERGÊNCIA DOS PREFIXOS *a-*, *eN-* E *deS-* NA FALA INFANTIL 51
4.1 *Corpus* A (3 a 5 anos) 51
4.2 *Corpus* B – AlegreLong (5 a 9 anos) 84
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 88
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 94
REFERÊNCIAS 96
APÊNDICES 98
APÊNDICE A – *Types* e distribuição dos *tokens* na produção adulta do *corpus* A. 98
APÊNDICE B – *Types* e distribuição dos *tokens* na produção infantil do *corpus* A. 103
APÊNDICE C – Formas produzidas pelos adultos que são ausentes na produção infantil. 106
APÊNDICE D – Produção infantil do corpus B. 107
APÊNDICE E – Sessões de gravação do *corpus* A. 108

1 INTRODUÇÃO

Quando se trata de estudar a aquisição da linguagem no paradigma gerativista, historicamente, a morfologia parece despertar menos interesse em comparação aos estudos de outros componentes da gramática, como a sintaxe e a fonologia[1]. Na teoria gerativa, em geral, a morfologia passou a ter mais espaço após a década de 80. Entre os estudos em aquisição de morfologia, a investigação sobre a formação de palavras por prefixação também parece despertar menos interesse em relação ao número de pesquisas que investigam os processos da morfologia flexional e da formação de palavras por sufixação. Sendo assim, podemos afirmar que nosso trabalho trata de um tópico pouco explorado: a aquisição de morfologia prefixal por crianças falantes do português brasileiro.

Com base na distinção proposta em Marantz (2007) sobre os tipos de morfologia, observamos, mais especificamente, a emergência de palavras prefixadas e o estatuto dos prefixos na produção infantil diante das seguintes variáveis: composicionalidade semântica da formação, contribuição semântica da raiz e posição interna ou externa do prefixo em relação à raiz.

Sobre a composicionalidade semântica da formação, uma palavra pode possuir um significado composicional ou não. Isso significa que, no primeiro caso, é possível identificar em uma palavra as partes que compõem o significado do todo, como em *desligar*, em que o prefixo *deS-* reverte o evento de *ligar*; no segundo caso, embora uma palavra tenha transparência morfológica, isto é, embora seja possível identificar e segmentar afixo e base, não é possível identificar nesses morfemas a composição do significado do todo. Alguns exemplos são: *assombrar, desesperar* e *encaixar*. Nessas formações, podemos perceber que não há denotação direta do significado da raiz quando pensamos no significado da palavra; *assombrar* não é causar *sombra*; *desesperar* não significa *não esperar* ou *deixar de esperar* e *encaixar* não significa *colocar em caixa*. Sobre a contribuição semântica da raiz, veremos adiante que um mesmo prefixo pode estabelecer diferentes relações, e, dessa forma, aparentar uma polissemia,

[1] Vale ressaltar que esse cenário pode ser diferente em outros paradigmas. No paradigma conexionista, por exemplo, existem muitos trabalhos em morfologia flexional. Essa relevância dada à morfologia flexional dentro do paradigma conexionista pode ser vista, principalmente, em alguns trabalhos de Pinker, tais como *Overregularization in Language Acquisition* (1992) e *Regular and Irregular Morphology and the Psychological Status of Rules of Grammar* (1994). Referências completas dos trabalhos:
MARCUS, G. F. et al. Overregularization in Language Acquisition. **Monographs of the Society for Research in Child Development**, v. 57, n. 4, 1992. Disponível em <www.jstor.org/stable/1166115>. Acesso em: 16 abr. 2020.
PINKER, S; PRINCE, A. Regular and irregular morphology and the psychological status of rules of grammar. In: S. D. Lima, R. L. Corrigan, & G. K. Iverson (Eds.). **The reality of linguistic rules**. Philadelphia: Benjamins, 1994.

a depender da semântica da raiz a qual ele se afixa. A título de exemplo, quando o prefixo *eN-* se afixa a uma raiz que denota um lugar, como em *engarrafar*, se estabelece uma relação do tipo *colocar algo em determinado lugar*; quando o mesmo prefixo se afixa a uma raiz que denota um estado, como acontece em *engordar*, a relação que se cria é a do tipo *deixar/ficar (alguma coisa) em determinado estado*. Por fim, a respeito da posição do prefixo em relação à raiz, um prefixo é interno quando ele se afixa a uma raiz que ainda não foi categorizada como nome, verbo ou adjetivo; nesse contexto, há a possibilidade de formações com sentido não composicional, sem a denotação da raiz, conforme vimos nos exemplos de *assombrar, desesperar* e *encaixar*. Por outro lado, um prefixo externo é aquele que se afixa a uma raiz que já recebeu uma categoria, isto é, uma palavra; dessa forma, as palavras com prefixos afixados externamente apresentam significado composicional, com denotação direta do significado da raiz, como em *desligar*, *engarrafar* e *engordar*, apresentados acima. Vale destacar que *engarrafar*, a depender do contexto, pode ter significado não composicional, como em *O acidente engarrafou o trânsito*, em que o *engarrafar* é sinônimo de *congestionar, impedir, dificultar*. Portanto, consideramos os aspectos contextuais durante a classificação dos nossos dados.

Além de estudarmos a produção da fala infantil, também nos preocupamos em coletar, classificar e descrever os dados da fala de adultos em interação com as crianças, com o objetivo de comparar esses dois tipos de produção e observar o papel da frequência na fala adulta no processo de aquisição prefixal infantil.

Para o desenvolvimento deste trabalho, contamos com dois *corpora*. O primeiro deles, denominado *corpus* A, é constituído de 160 sessões de gravação de produções espontâneas e compreende a faixa etária dos 3 aos 5 anos de idade. As 160 sessões que formam esse *corpus* são parte do projeto *Análise dos sistemas fonético e fonológico* e foram gentilmente fornecidas pela Profa. Dra. Raquel Santana Santos (USP)[2]. O segundo *corpus* é o AlegreLong (ou *corpus* B), que é formado por 101 sessões de gravação de produções eliciadas e compreende a faixa etária dos 5 aos 9 anos de idade. Esse *corpus* está disponível no banco de dados CHILDES. A seleção dos dados dentro dos dois *corpora* citados foi realizada por meio do *software* AntConc. Na seção 3.1, detalhamos o passo a passo dessa busca.

Consideramos em nossa pesquisa os prefixos *a-*, *eN-* e *deS-*[3]. A decisão sobre a escolha desses prefixos foi feita com base na representatividade revelada nos dados infantis. Após a

[2] Agradecemos imensamente à Profa. Raquel Santos pela disponibilização das sessões de gravação.
[3] As letras em maiúscula significam que podem existir alomorfias e diferenças gráficas. As possibilidades para o prefixo *eN-* são *em-* e *en-*; para o prefixo *deS-* são *de/z/* e *de/s/*. Além disso, em nossas buscas, consideramos o

triagem realizada nas produções das crianças, os prefixos *a-*, *eN-* e *deS-* também foram selecionados para a busca nas produções adultas. Trazemos mais detalhes a respeito da triagem dos prefixos nos dados infantis no capítulo 3. A seguir, apresentamos nossos objetivos.

1.1 Objetivos

- **Objetivo geral:** Observar a emergência dos prefixos *a-*, *eN-* e *deS-* na produção de crianças que estão adquirindo o português brasileiro como língua materna.

- **Objetivos específicos:**

a) Examinar a emergência dos prefixos na produção das crianças considerando especificamente: a composicionalidade semântica da forma, a contribuição semântica da raiz e a posição dos prefixos em relação à raiz;

b) Verificar, nos dados do *corpus* A, se a criança produz, para cada forma composicional prefixada, a mesma forma sem o prefixo, como indício de que ela está de fato segmentando a palavra;

c) Comparar, no *corpus* A, a emergência das formas prefixadas nas produções infantis com a frequência recebida pelo *input*;

d) Observar que tipo de produção prefixada, presente no adulto, falta na criança;

e) Comparar os dados do *corpus* A com os dados do *corpus* B a fim de observar as possíveis diferenças entre as formas produzidas por crianças mais novas e por crianças mais velhas;

f) A partir dos achados obtidos nos itens anteriores, discutir em que medida a distinção entre morfologia interna e morfologia externa, postulada pela teoria da Morfologia Distribuída, se mostra relevante na produção infantil.

1.2 Organização dos capítulos

Acerca da organização deste trabalho, no capítulo 2 temos a Revisão da literatura. Nesse capítulo, apresentamos uma descrição dos prefixos em estudo com base na literatura prévia e trazemos uma revisão sobre a morfologia prefixal e a aquisição de morfologia, discorrendo

alomorfe *diS-* e encontramos apenas um dado com essa sequência: *disjuntar*; portanto, não julgamos relevante a marcação dessa alomorfia na forma de citação do prefixo.

sobre alguns trabalhos que tratam desses tópicos e que consideramos relevantes para o desenvolvimento e fundamentação desta pesquisa. No capítulo 3, apresentamos a Metodologia, que está subdividida em Metodologia de seleção dos prefixos e dos dados, na qual apresentamos como se deu a escolha dos prefixos em estudo e o passo a passo da seleção dos dados, e Metodologia de classificação dos dados, na qual discorremos brevemente sobre cada uma das variáveis citadas acima: composicionalidade semântica da formação, contribuição semântica da raiz e posição interna ou externa do prefixo em relação à raiz. A seção 4 destina-se à descrição dos dados; na seção 5 apresentamos uma breve discussão com base nos nossos achados; e, por último, na seção 6, apresentamos as Considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, apresentamos algumas descrições e alguns trabalhos sobre a morfologia prefixal e a aquisição de linguagem/morfologia que consideramos relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa e para as respectivas áreas de estudo. A princípio, trazemos uma descrição dos prefixos *a-*, *eN-* e *deS-*. Como fundamento para o nosso trabalho, consideramos alguns estudos que tratam dos tipos de prefixos. Em Schwindt (2001), os prefixos estão separados em níveis do léxico e são caracterizados por suas propriedades fonológicas e morfológicas. Diferentemente, no modelo da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993) e, consequentemente, nos estudos que adotam esse modelo (Bassani, 2011; 2013; Bassani, Medeiros & Scher, 2011), os comportamentos de um prefixo são explicados, em parte, pela posição que esse pode ocupar dentro da estrutura sintática. Apesar de os estudos citados se basearem em modelos teóricos distintos, é a preocupação compartilhada em evidenciar e investigar o fenômeno dos prefixos internos e externos que nos interessa a princípio.

A respeito da aquisição de linguagem, adotamos um ponto de vista gerativo e apresentamos alguns de seus questionamentos e argumentos. Em seguida, especificamente sobre a aquisição de morfologia, consideramos as leituras de Clark (2001) e Ferrari Neto (2012). Clark (2001) traz informações indispensáveis para a compreensão dos processos de aquisição morfológica enquanto Ferrari Neto (2012) trata de discutir algumas propostas teóricas que poderiam explicar esse fenômeno. Por último, discorremos brevemente sobre dois estudos que têm como ponto de interesse a aquisição de morfologia derivacional.

2.1 Prefixos em estudo

Nos itens 2.1.1 e 2.1.2, apresentamos uma descrição acerca dos prefixos *a-*, *eN-* e *deS-* considerando diferentes perspectivas teóricas.

2.1.1 O prefixo *deS-*

Bechara (2009, p. 366), em sua gramática, apresenta as definições semânticas de alguns prefixos latinos. Acerca do *deS-*, é dito que ele pode significar *negação, ação contrária,*

cessação de um ato ou estado, ablação e intensidade; os exemplos usados são *desventura, desinfeliz, desfear (fazer muito feio) e desmudar (mudar muito)*.

Além disso, Bechara (2009, p. 367) afirma que "Os prefixos negativos mais comuns são *in-* e *des-* ou *de-*. [...] a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des-* ou *de*: desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual etc.". Sobre essa passagem, é interessante notarmos que enquanto o prefixo *i(N)-* se anexa a adjetivos (*ilegal*, *independente*), o prefixo *deS-*, usado na "derivação popular", se anexa a adjetivos, verbos e está presente em derivações de substantivos deverbais.

Cunha e Cintra (2013) também oferecem uma descrição acerca do prefixo *deS-*. No tópico em que discorrem sobre os prefixos de origem latina, é dito, em relação ao conteúdo semântico do prefixo, que este confere sentido de separação e ação contrária; os exemplos usados são: *desviar* e *desfazer.*

Na proposta de Mioto & Silva (2009), o prefixo *deS-* faz seleção categorial e representa um caso de homonímia. Segundo os autores, a afixação de *deS-* é produtiva com bases verbais, mas o morfema também se une a adjetivos, como em *desnecessário*, *desleal* e *deselegante*. Em virtude dessa dupla combinação e para argumentar a favor da proposta de seleção categorial rígida realizada por esse tipo de afixo, Mioto & Silva (2009) sugerem que há dois *deS-*: um que se afixa a verbos e tem sentido de *reversão (desfazer)*, o outro que se afixa a adjetivos e tem sentido de *negação (deselegante)*.

Em Medeiros (2010), encontramos uma contraproposta ao trabalho de Mioto & Silva (2009). O autor defende que o prefixo *deS-* não faz seleção categorial rígida; a hipótese é de que *deS-* apenas seleciona tipos semânticos, isto é, o prefixo apenas seleciona verbos que denotam algum estado, negando ou invertendo o estado e não o processo/evento: "[...] o verbo *desenterrar* pressupõe um estado: 'enterrado', [...] estado alvo de um possível evento de enterrar. Ao final do evento *desenterrar*, o que estava 'sob o solo' não mais permanece em tal estado, atinge o estado 'não-enterrado' [...]" (MEDEIROS, p. 97, 2010). Conforme é exemplificado pelo autor, o prefixo *deS-* não pode ser afixar a alguns verbos que denotam atividade, como em *destrabalhar** ou *desdançar**. Ainda segundo essa proposta, quando a raiz denota uma entidade inerente como *casca*, o prefixo *deS-* passa a ter o significado de separação; em *descascar a laranja*, o prefixo reverte a relação/estado de posse da casca pela laranja.

Diante das revisões apresentadas acima sobre as características semânticas do prefixo *deS-* e diante dos dados vistos até agora, adotaremos para a classificação das palavras (com sentido composicional) do nosso *corpus* as seguintes contribuições semânticas, que são as mais salientes: negação, como em *desleal*, quando o prefixo se anexa a uma raiz que foi categorizada

como adjetivo ou nome; reversão, como em *desfazer*, quando o prefixo se anexa a um verbo que pressupõe um estado, nesse caso, que pressupõe a existência de algo *feito;* e separação, como em *descascar*, quando o prefixo se anexa a uma raiz que denota uma entidade inerente.

2.1.2 Os prefixos *a-* e *eN-*

Como sabemos, nas gramáticas tradicionais, os prefixos são divididos em prefixos de origem latina e prefixos de origem grega. Em Cunha & Cintra (2013), ao prefixo *a-*, de origem latina, são conferidos os significados de afastamento, separação, aproximação e direção[4]. Os respectivos exemplos colocados pelos autores são: *amovível, aversão, abeirar* e *assentir*. Em Bechara (2009), as contribuições do prefixo latino *a-* são: movimento para aproximação, adicionamento e passagem para outro estado. Segundo o gramático, em alguns casos, esse prefixo pode não ter significação, como em *alevantar*. Ao *a-* de origem grega, os diferentes gramáticos aqui citados atribuem, principalmente, os significados de negação e privação, presentes em *anarquia* e *ateu*, exemplos de Cunha & Cintra (2013), ou em *afônico* e *amoral*, exemplos de Bechara (2009). Caso fossemos levar em conta o caráter etimológico dos prefixos, poderíamos dizer que em nossos dados o prefixo *a-* só se realiza na sua origem latina.

Sobre o prefixo *eN-*, de origem latina, Cunha & Cintra (2013) apresentam somente a existência da semântica de movimento para dentro e os exemplos são *embarcar* e *enterrar*. Em contrapartida, Bechara (2009) apresenta as seguintes possibilidades semânticas para o prefixo: movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento e revestimento; os exemplos usados são: *ingerir, enevoar, enterrar* e *embeber*. Em relação ao prefixo *eN-* de etimologia grega, a semântica atribuída em comum é a de posição interior ou interioridade, como em *encéfalo*. Nos dados encontrados, temos somente a realização do prefixo *eN-* de origem latina.

Nas descrições tradicionais apresentadas, tanto *a-* quanto *eN-*, em suas variantes latinas, são definidos como prefixos que carregam alguma expressão de movimento e de mudança de estado. De fato, como veremos a seguir, os dois prefixos possuem as mesmas possibilidades semânticas. No entanto, as descrições trazidas pelas gramáticas não são muito precisas e não cobrem todas as possibilidades de contribuição semântica dos dois prefixos. Bechara (2009), por exemplo, confere alguns sentidos ao prefixo *eN-*, no caso, os de passagem para uma forma,

[4] São dois prefixos latinos: um de separação e afastamento (*a-*/*ab-*) e outro de aproximação e direção (*a-*/*ad-*).

de guarnecimento e de revestimento, que não são conferidos ao prefixo *a-*, mas que também são válidos para esse último. Vale ressaltar que *a-* e *eN-* são quase exclusivamente prefixos verbais.

No estudo de Bassani (2013), fundamentado em um modelo sintático para a formação de palavras, a polissemia dos prefixos *a-* e *eN-* é explicada pelo tipo de estrutura morfológica a qual esses prefixos podem, igualmente, se afixar. A partir da classificação de alguns verbos formados pelos prefixos em questão, Bassani (2013) chega aos seguintes tipos de estruturas: estruturas de mudança de estado, de mudança de posse abstrata, de mudança de posse concreta, de mudança de lugar, de mudança de configuração e de modificação do núcleo verbal/evento pela raiz. É a semântica ou o papel da raiz que determina qual será o tipo de estrutura e, nessas estruturas, os prefixos funcionam como relacionadores: eles introduzem um argumento interno e relacionam esse argumento à raiz. Por exemplo, em *O tesouro foi enterrado*, podemos dizer que o prefixo *eN-* "coloca, direciona" o argumento interno *tesouro* dentro do lugar denotado pela raiz de *enterrado*, isto é, dentro da *terra*. Nesse caso, temos uma estrutura de mudança de lugar.

Em uma estrutura de mudança de estado, a raiz denota um estado, como em *endoidar* e *acalmar*. Aqui, a relação instaurada pelo prefixo é a de "deixar alguma coisa (argumento interno) em determinado estado (denotado pela raiz). Em uma estrutura de mudança de posse abstrata ou concreta, a raiz denota uma entidade. Em *abençoar* há a denotação de entidade abstrata ('benção') e em *engessar* há a denotação de entidade concreta ('gesso'). Nesse caso, a relação que se estabelece é a de transferência da entidade para o argumento interno. Em uma estrutura de mudança de configuração, a raiz denota uma criação a partir do material denotado pelo argumento interno, como em *empilhar* ou *agrupar*. Quando empilhamos ou agrupamos livros, por exemplo, estamos criando pilhas ou grupos de livros e oferecendo uma nova configuração a esse objeto. Por último, temos as estruturas em que a raiz funciona como modificadora do núcleo verbal. Essas estruturas se diferenciam das anteriores pois não se tratam de estruturas de mudança e resultado. Nesses casos, a raiz denota a maneira de execução de uma determinada atividade dirigida ao argumento interno. Alguns exemplos são *apedrejar* e *encabeçar*. Quando apedrejamos ou encabeçamos algo, estamos, respectivamente, atingindo algo com pedras e agindo como o "cabeça" (líder) de uma situação.

Por conta de as descrições apresentadas em Bassani (2013) serem mais precisas e mais completas, as adotaremos para a classificação semântica dos dados deste trabalho prefixados por *a-* e *eN-*, considerando as denotações das raízes e as relações estabelecidas pelos prefixos.

2.2 Estudos em morfologia prefixal

Nos itens 2.2.1 e 2.2.2, discorremos sobre alguns estudos, de perspectivas teóricas diferentes, que tratam dos tipos de prefixos (prefixos internos e externos).

2.2.1 Estudo em morfologia e fonologia lexical: Schwindt (2001)

O trabalho de Schwindt (2001) nos é relevante pois o autor sinaliza e oferece uma explicação para a existência de tipos diferentes de morfologia prefixal: a morfologia interna e a morfologia externa. O estudo parte de uma análise prosódica e lexical dos prefixos no português brasileiro. Para a delimitação dos dados, são selecionados prefixos monossilábicos e dissilábicos. No que diz respeito às características prosódicas dos prefixos, Schwindt (2001) propõe uma reclassificação e os separa em prefixos composicionais (doravante PCs) e prefixos legítimos (doravante PLs). Conforme mostra o quadro abaixo, todos os dissilábicos e os monossilábicos acentuados (tônicos) são classificados como PCs. Os PCs podem ser comparados às palavras, recebem acento e se comportam como formas independentes; como em *Carlos decidiu fazer uma pós. (pós-graduação)*. Os prefixos monossilábicos não acentuados (átonos) são classificados como PLs. Ao contrário dos PCs, os PLs podem corresponder aos clíticos em termos morfofonológicos, não recebem acento e se comportam como formas presas; como em *Ele já retornou, mas ela ainda não* ****re***.

Quadro 1 - Separação dos prefixos em PCs e PLs.

PREFIXOS COMPOSICIONAIS	
DISSILÁBICOS	auto-, ante-, contra-, extra-, hiper-, infra-, macro-, micro-, mono, neo-, pseudo-, recéN-, semi-, ultra-, vice-
MONOSSILÁBICOS	beN-, bi-, eS_{ana}-, não-, paN-, póS-, pré-, pró-, tri-
PREFIXOS LEGÍTIMOS	
MONOSSILÁBICOS	a-, ad-, aN-, coN-, eN-, deS-, diS-, eS_{fora}-, iN_{dentro}-, iN_{neg}-, re-, sub-, tranS-

Fonte: Schwindt (2001, p. 178).

Diante das diferenças prosódicas dos prefixos, o autor propõe uma segunda separação, de cunho lexical, e distribui os PLs e os PCs em níveis do léxico. Para o autor, que se baseia no modelo da Fonologia e Morfologia Lexical, toda prefixação ocorre no léxico. No nível 1 do

léxico, estão os prefixos que se anexam a uma base em formação e, no nível 2, estão os que se anexam a uma palavra já formada. As hipóteses para a distribuição são as seguintes: os PCs são alçados do nível pós-lexical para o nível 2, no qual podem passar por prefixação; os PLs são divididos em PLs de classe I e PLs de classe II, eles se afixam, respectivamente, no nível 1 (nível da raiz) e no nível 2 (nível da palavra). Os PLs de classe I podem, então, se anexar a palavras em formação, como ocorre nos casos de parassíntese: *esclarecer (*esclaro, *clarecer)* e *descamisado (*descamisa, *camisado)*; enquanto os PCs e os PLs de classe II precedem palavras já prontas e podem se sobrepor, como ocorre nos exemplos de dupla prefixação: *[deS[eN[cabeçar]]]*, *[pre[en[cadernado]]]* e *[iN[pre[meditado]]]*.

No quadro abaixo, podemos visualizar a distribuição lexical proposta por Schwindt (2001):

Quadro 2 - Distribuição dos PCs e PLs no léxico.

NÍVEL 1 (RAIZ)
PLS DE CLASSE I: a-, ad-, aN-, coN-, deS_{priv}-, diS-, eN-, iN_{dentro}-, eS_{fora}-, re, tranS-
NÍVEL 2 (PALAVRA)
PLS DE CLASSE II: iN_{neg}-, deS_{neg}-, sub- TODOS OS PCS ALÇADOS
PÓS-LÉXICO
COMPOSIÇÃO SINTÁTICA

Fonte: Schwindt (2001, p. 188).

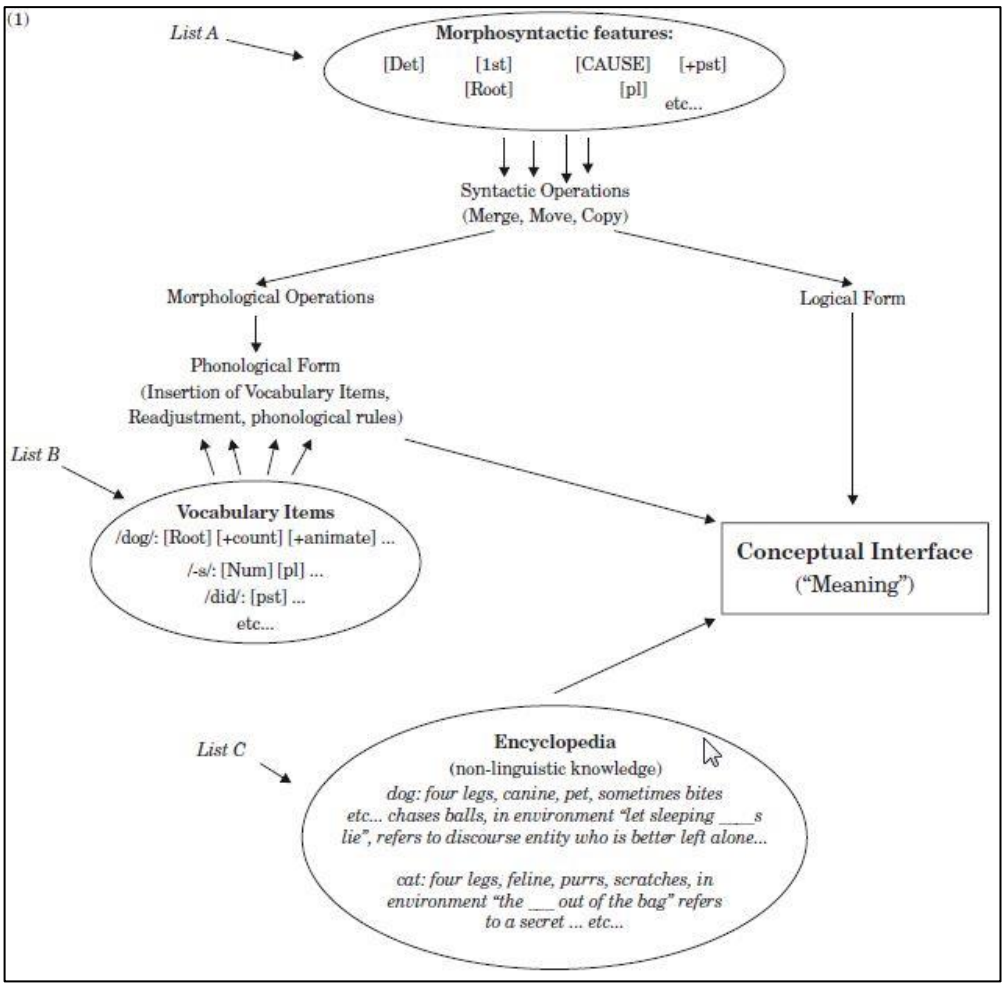
Como veremos, Bassani (2011), adotando o modelo da Morfologia Distribuída, que será apresentado a seguir, oferece uma possibilidade alternativa de explicação para os diferentes comportamentos dos prefixos do português brasileiro previstos em Schwindt.

2.2.2 Prefixação na Morfologia Distribuída

Vimos acima que em um modelo lexicalista como o empregado por Schwindt (2001), a morfologia se situa no léxico (Quadro 2). Uma contraproposta a esse entendimento pode ser encontrada no modelo teórico da Morfologia Distribuída (doravante MD) (Halle & Marantz, 1993). A MD é um modelo de base gerativista que propõe que as palavras são formadas por operações sintáticas. Nos dizeres dos precursores da MD, "Chamamos nossa abordagem de *Morfologia Distribuída* para destacar o fato de que o mecanismo que tradicionalmente tem sido

chamado de morfologia não está concentrado em um único componente da gramática, mas é distribuído entre vários componentes diferentes.” (HALLE & MARANTZ, 1993, p.111-112, tradução nossa)[5]. Uma das características desse modelo diz respeito a não correspondência direta entre forma/som e significado. Conforme mostra a figura 1, abaixo, a arquitetura da gramática está organizada, parcialmente, em listas: na lista 1, assume-se a existência de raízes e traços morfossintáticos. Na lista 2, estão os itens de vocabulário, ou as formas fonológicas, que possibilitam a realização dos traços e, possivelmente, também das raízes da lista 1 em algumas abordagens teóricas. Por último, na lista 3, estão os conhecimentos extra-linguísticos, e é nela que os itens de vocabulário se relacionam aos significados.

Figura 1 - A gramática na Morfologia Distribuída.



Fonte: Harley e Noyer (1999, p. 3).

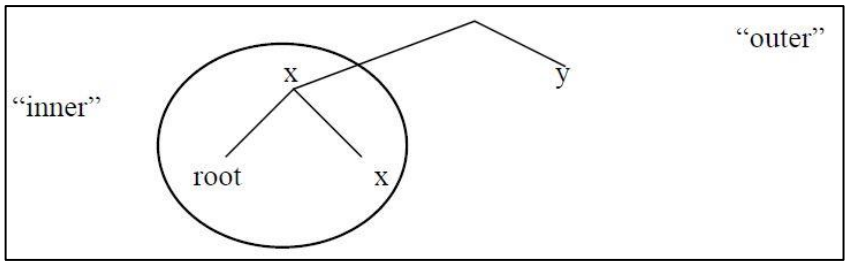
[5] “We have called our approach distributed morphology to highlight the fact that the machinery of what traditionally has been called morphology is not concentrated in a single component of the grammar, but rather is distributed among several different components.”

Dado que as palavras correspondem a estruturas governadas pela sintaxe, os fenômenos morfológicos devem ser explicados levando em consideração a configuração dessas estruturas e a relação entre os componentes da gramática. É isso que faz Bassani (2011) ao promover uma explicação alternativa para PCs e PLs, com base, mais especificamente, na ideia de restrição de localidade na formação de palavras (Marantz, 2007):

> Dentro do modelo da MD, não precisamos assumir que prefixos são (estaticamente) de tipo lexical ou composicional, mas que podem estar em uma configuração estrutural em que se juntam diretamente a uma raiz, e então são categorizados (internamente a uma fase) ou podem estar em uma configuração de composição, por constituírem núcleo de uma fase que se liga a uma raiz já categorizada (duas fases). Por já ter sido categorizada, a fase com o PC já sofreu *spell out* recebendo acento e configurando então uma palavra livre na língua. (BASSANI, 2011, p. 1).

Em termos gerais, Marantz (2007), com a restrição de localidade, assume que existem dois domínios para a formação de palavras: um interno e um externo (figura 2). Segundo o autor, "A 'morfologia interna' se afixa a raízes ou constituintes complexos abaixo do primeiro nó *x*(zinho) (x = {*v*, *n*, *a*}) (núcleo de fase) acima da raiz. Toda morfologia acima do primeiro nó *x* é 'morfologia externa', incluindo toda 'mudança de categoria' da morfologia derivacional." (MARANTZ, 2007, p. 5, tradução nossa)[6].

Figura 2 - Morfologia interna e externa.



Fonte: Marantz (2007, p. 5).

Para a sua postulação, Marantz (2007) parte das generalizações do trabalho de Dubinsky & Simango (1996) e aponta que:

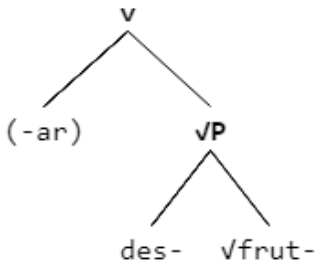
[6] "Inner morphology' attaches to roots or complex constituents below the first little x (x = {v, n, a}) node (phase head) above the root. All morphology above the first x node is 'outer morphology', including all 'category changing' derivational morphology."

> [...] a formação interna da palavra é caracterizada por (a) uma potencial imprevisibilidade na fonologia e semântica (forma e significado potencialmente especiais) e (b) uma incapacidade para tomar como *input* um radical que já foi lexicalmente categorizado. A formação externa da palavra, por outro lado, é caracterizada por (a) uma regularidade na fonologia e semântica e (b) a capacidade de tomar como *input* um radical que já foi lexicalmente categorizado. (MARANTZ, 2007, p. 4, tradução nossa)[7].

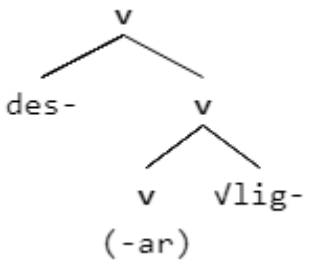
Em resumo, a morfologia interna possibilita a formação de palavras com sentido não composicional a partir da afixação no nível da raiz (não categorizada) (exemplo em a. abaixo) e a morfologia externa resulta em formações com sentido composicional a partir da afixação no nível da palavra (raiz categorizada) (exemplo em b.).

(1) Exemplos de *desfrutar* e *desligar*:[8]

a.



b.



Bassani, Medeiros & Scher (2011) propõem uma análise baseada na restrição de localidade para explicar as diferentes atribuições semânticas do prefixo *deS-* em verbos denominais parassintéticos. Inicialmente, os autores apresentam como o prefixo é caracterizado na descrição tradicional e comentam, a partir da observação de algumas formações em discussão, que algumas descrições não contemplam características essenciais do prefixo no que diz respeito à sua função e sentido. Diante da falta de atenção dada a algumas formações pelas descrições tradicionais e da existência de dados que não se encaixam nessas descrições, os

[7] "[…] inner word formation is characterized by (a) potential unpredictability in phonology and in semantics (potential special form and special meaning) and (b) an inability to take as input a stem that already has been typed morphologically as belong to a lexical category. Outer word formation, on the other hand, is characterized by (a) regularity in phonology and in semantics and (b) the ability to take as input a stem that has already been typed as belonging to a particular lexical category."

[8] As estruturas em 1a. e 1b. foram construídas com base na proposta de Bassani, Medeiros & Scher (2011).

autores, a princípio, dão ênfase ao significado que o prefixo *deS-* pode oferecer aos verbos denominais analisados.

Com base na análise desses verbos, os autores concluem que o prefixo *deS-* pode ter três comportamentos distintos. No primeiro caso, *deS-* "[...] parece atribuir mais substancialmente o sentido de ausência, retirada, separação, ou seja, se comporta como previsto pela descrição tradicional, parecendo conservar algum sentido trazido por sua história, sua derivação etimológica." (BASSANI, MEDEIROS & SCHER, 2011, p. 128). Alguns exemplos desse primeiro caso são *desnecessário* e *descascar*. No segundo caso, não há um significado evidente conferido pelo prefixo (de ausência, negação ou reversão); segundo os autores parece haver, na verdade, uma "extensão de significado". Por exemplo, a palavra *despontar*, que não significa ausência ou retirada de ponta. O terceiro caso observado revela que em diferentes contextos alguns verbos precedidos por *deS-* podem denotar mais de um sentido. Pode haver, para um mesmo verbo, um sentido composicional e um sentido abstrato. Os verbos que apresentam essa duplicidade de sentido são, por exemplo: *desovar, descartar* e *despencar*.

Na presença dos diferentes comportamentos do prefixo *deS-* expostos acima, os autores afirmam que, para os dados com *sentido composicional* e para os *sem sentido composicional*, não pode haver uma única estrutura sintática. Na palavra *descascar*, como é ilustrado por Bassani, Medeiros e Scher (2011, p. 132), a denotação do nome (*casca*) ocorre, pois existe uma primeira fase na qual a raiz é categorizada como nome, o que faz esse tipo de formação ser considerada uma derivação denominal; numa segunda fase, a palavra passa por categorização verbal. Em *descascar*, o sentido de cada parte (prefixo *-deS* e nome *casca*) se manifesta compondo o significado da palavra. Diferentemente, na palavra *desfrutar*, uma formação não composicional, a fase nominal não acontece e, portanto, o sentido do nome e do prefixo pode ser reinterpretado até a fase verbal; as partes da palavra, nesse caso, não constituem o significado do todo.

Acreditamos que a interpretação feita pelos autores em relação ao comportamento semântico desses verbos certamente poderá nos auxiliar na classificação e análise dos dados deste trabalho. Sendo assim, tomaremos a distinção entre palavras composicionais e não composicionais na fala adulta e na fala infantil como fruto de formações sintáticas diferentes.

Por último, consideramos importante salientar que existem outros modelos que oferecem explicações sintáticas para as diferenças presentes nas formações de palavras, como é o caso da Nano-sintaxe, abordagem adotada por Svenonius (2004) para a análise dos prefixos eslavos. Svenonius afirma que esses prefixos, em sua maioria, podem ser classificados como lexicais ou supralexicais. Os prefixos lexicais se assemelham às partículas germânicas e

possuem significado resultativo, espacial e idiossincrático. Por outro lado, os supralexicais se assemelham a advérbios e verbos auxiliares e carregam sentido aspectual e quantitativo; as idiossincrasias não estão presentes em formações que levam esse tipo de prefixo.

Em seu trabalho, Svenonius traz alguns exemplos do Russo que retomaremos aqui. Começamos com o prefixo *za-* (exemplos em 2), que apresenta comportamento ambíguo. Esse prefixo pode ser lexical e ter significado resultativo (exemplo em a.) ou idiossincrático (exemplo em b.), bem como pode ser do tipo supralexical e ter significado aspectual (inceptivo) (exemplo em c.).

(2) Prefixo *za-* (Svenonius, 2004, p. 206).

a. Helder za-brosil mjač v vorota angličan.
   Helder into-threw ball in goal English
   'Helder kicked the ball into the English goal'
   'Helder chutou a bola para dentro do gol inglês'

b. David sovsem za-brosil futbol.
   David completely into-threw soccer
   'David completely gave up soccer'
   'David desistiu completamento do futebol'

c. Ricardo nervno za-brosal mjač.
   Ricardo nervously INCP-*threw ball*
   'Ricardo began to nervously throw the ball'
   'Ricardo começou a jogar a bola nervosamente'

O significado quantitativo (cumulativo) (exemplo em 3a.), característico dos prefixos supralexicais, pode ser encontrado no prefixo *na-*, que, assim como o anterior, tem caráter ambíguo e pode aparecer com significado idiossincrático (exemplo em 3b.), característico dos prefixos lexicais.

(3) Prefixo *na-* (Svenonius, 2004, p. 233).

a. On na-kolol orexov.

He CMLT-*cracked nuts*
'He cracked a sufficiently large quantity of nuts'
'Ele quebrou uma quantidade suficientemente grande de nozes'

b. On na-kalyval klijentov.
He on-cracked clients
'He was cheating the clients'
'Ele estava enganando os clientes'

Por fim, o significado espacial (exemplo em 4a.), característico dos prefixos lexicais, pode ser observado no prefixo *pod-*. Em 4b., temos um exemplo desse prefixo com significado idiossincrático.

(4) Prefixo *pod-* (Svenonius, 2004, p. 214).

a. Pod lodkoj.
Under boat
'under the boat'
'Embaixo do barco'

b. pod-pravitj
under-drive
'correct'
'Corrigir/correto'

Sobre o lugar dos prefixos lexicais e supralexicais na estrutura sintática, o autor assume que os primeiros se configuram internamente em relação ao sintagma verbal (VP) enquanto os segundos tomam uma posição externa ao VP.

2.3 Aquisição de linguagem

Sabemos que, em condições naturalmente favoráveis, toda criança adquire língua. Sendo assim, é necessário definirmos o que é língua para entendermos o que é de fato adquirido. A Gramática Gerativa, inaugurada por Chomsky em meados de 1950, é um exemplo de teoria linguística que explica a linguagem e a sua aquisição a partir de uma visão racionalista. Nessa

teoria, o fato de que a língua não precisa ser explicitamente ensinada, isto é, de que a língua é adquirida naturalmente, leva ao entendimento de que alguns aspectos linguísticos têm natureza biológica e, portanto, são inatos. Além de a língua ser adquirida naturalmente, outros fatores reforçam esse entendimento, como o curto período para a aquisição e a limitação de evidências linguísticas que, sozinhas, não explicam a riqueza e a complexidade do processo de aquisição. Segundo Hauser, Chomsky & Fitch (2002, p.1577),

> Uma criança é exposta a somente uma pequena parte das frases possíveis em sua língua, dessa forma, seu banco de dados é limitado para construir uma versão mais geral dessa língua em sua própria mente. Essa questão tem implicações lógicas para qualquer sistema que tente adquirir uma língua natural com base em dados limitados. (HAUSER, CHOMSKY & FITCH, 2002, p.1577, tradução nossa)[9]

Apesar de essa limitação de dados, sabemos que, conforme afirma Guasti (2002, p. 4), aos 5 anos de idade as criança já adquiriram grande parte das construções de sua língua e, portanto, já sabem o que é permitido (gramatical) e o que não é permitido (agramatical) nas construções linguísticas.

Com base em Chomsky (1986), os seres humanos adquirem um sistema abstrato de restrições. Esse sistema abstrato de restrições é chamado de língua-I, ou língua interna, muitas vezes retomada pelo conceito de gramática[10], e é o objeto de estudo da Gramática Gerativa. A língua-I, que pode ser qualquer língua natural do mundo e é externalizada pela língua-E (objeto variável e relacionado ao desempenho do falante), é a formatação da faculdade da linguagem, um módulo da nossa mente, universal e invariável, responsável pelo conhecimento linguístico.

Por meio do Modelo de Princípios e Parâmetros, Chomsky (1981) sugere uma explicação para a aquisição da língua-I, isto é, para chegar a uma formatação da faculdade da linguagem. Nesse modelo, a Gramática Universal (GU), que caracteriza o estado inicial da faculdade da linguagem, é constituída por dois tipos de restrições: os princípios e os parâmetros (ainda não marcados). Os princípios representam os universais linguísticos, as características que as línguas naturais possuem em comum; os parâmetros representam as propriedades variáveis, que diferenciam as línguas, e devem ser binários. Dado que a faculdade da linguagem

[9] "A child is exposed to only a small proportion of the possible sentences in its language, thus limiting its database for constructing a more general version of that language in its own mind/brain. This point has logical implications for any system that attempts to acquire a natural language on the basis of limited data." (HAUSER, CHOMSKY & FITCH, 2002, p.1577)

[10] "In my 1965 book *Aspects of the Theory of Syntax*, for example, there is no entry for 'language' in the index, but many entries under 'grammar', generally referring to I-language." (CHOMSKY, 1986, p. 29)

e suas propriedades são inatas, a criança nasceria dotada de todos os princípios e parâmetros e, a partir do *input*, ou seja, dos dados linguísticos que são apresentados indiretamente à criança, ela marcaria os parâmetros de sua língua com um determinado valor (negativo ou positivo). De acordo com a teoria gerativa, embora somente a exposição a uma língua específica (ou mais de uma) não seja suficiente para que a aquisição completa aconteça, essa exposição é indispensável durante o processo.

Em resumo, a aquisição de uma língua acontece quando há a passagem do estado inicial da faculdade da linguagem para um estado estável/maduro, que, segundo Chomsky (1986, p. 26), contém dois componentes: um específico da língua em questão e a contribuição do estado inicial.

Neste trabalho, optamos por adotar a visão de língua e de aquisição de linguagem apresentada acima, que propõe uma diferenciação entre propriedades do meio externo (ambiente) e propriedades do meio interno (mente) e adota como objeto de estudo a língua no domínio mental.

2.4 Aquisição de morfologia

A morfologia pode ser dividida, basicamente, em morfologia flexional e morfologia derivacional. A morfologia flexional atribui traços gramaticais às palavras e é necessária para a concordância sintática, existe uma obrigatoriedade em relação ao uso da morfologia flexional; por outro lado, a morfologia derivacional nos possibilita a formação de novas palavras e o seu uso é menos obrigatório. Tendo em vista que esses dois tipos de morfologia não apresentam o mesmo estatuto de ocorrência e que a flexão mostra de maneira mais evidente a presença de regras linguísticas, percebemos que entre os estudos em aquisição de morfologia, a investigação sobre a formação de palavras, principalmente por prefixação, parece despertar menos interesse quando pensamos no número de pesquisas que investigam os processos da morfologia flexional. Sendo assim, podemos afirmar que, neste trabalho, estamos tratando de um tópico que ainda não foi amplamente explorado, a aquisição de morfologia derivacional prefixal.

Clark (2001) apresenta um conjunto de características relevantes sobre a aquisição da morfologia flexional, derivacional e composicional. Um dos primeiros pontos abordados pela autora diz respeito aos pré-requisitos para a aquisição da morfologia, ou seja, para a combinação de morfemas e formação de novas palavras. Segundo Clark (2001), a aquisição da morfologia envolve os seguintes passos: percepção das estruturas das palavras, identificação de bases e

afixos e mapeamento de significados. A realização desses passos parece acontecer antes de a criança ser capaz de produzir os afixos, ou seja, a compreensão da morfologia está presente antes do aparecimento das primeiras produções da criança. A emergência da compreensão antes da produção é uma característica do processo de aquisição de linguagem e está presente em todos os níveis linguísticos: o bebê dentro do útero já possui sensibilidade sonora e nas primeiras semanas de vida já mostra sinais de atenção para algumas estruturas linguísticas.

Sobre a ordem de aquisição dentro da morfologia, a literatura mostra que, de modo geral, os primeiros afixos adquiridos são os flexionais e, em algumas línguas, aparecem antes de as crianças completarem um ano e meio. Conforme comentamos acima, os afixos flexionais são aqueles que contribuem com significado gramatical às palavras. No caso do português, na flexão de nome temos os morfemas que marcam gênero e número; na flexão verbal temos os morfemas que marcam modo, aspecto, tempo, número e pessoa. A flexão tem o papel de indicar as relações gramaticais existentes entre os elementos de um enunciado. De acordo com Clark (2001, p. 8), em algumas línguas a aquisição da morfologia flexional e a da morfologia derivacional podem se sobrepor. No entanto, conforme foi mencionado acima, os afixos flexionais tendem a surgir antes dos afixos derivacionais. Segundo a autora, a manifestação da flexão antes da derivação está relacionada à recorrência, à saliência fônica e ao significado mais coerente dos afixos flexionais. Além dessa sequência de aquisição dos morfemas flexionais e derivacionais, também temos uma sequência que favorece a aquisição dos sufixos em relação aos prefixos. Sobre os sufixos se manifestarem antes dos prefixos, "[...] as crianças parecem achar mais fácil processar informações adicionadas aos finais das palavras do que aos inícios delas." (CLARK, 2001, p. 7, tradução nossa)[11]. Provavelmente, a aquisição dos sufixos antes dos prefixos também está relacionada à saliência fônica. No nosso trabalho, investigamos a aquisição de morfemas derivacionais, especificamente prefixos; sendo assim, a previsão é a de que o fenômeno estudado aqui é relativamente tardio na aquisição da morfologia. No entanto, é importante ressaltar que, na língua portuguesa, temos estruturas ainda mais tardias que as derivacionais, como a formação de palavras por composição.

Conforme explica Clark (2001, p. 8-9), o modo como se dá a aquisição de determinadas estruturas e morfemas pode depender da tipologia da língua. Algumas línguas têm preferências diferentes no que diz respeito aos processos de formação de palavras. Existem línguas que possibilitam um número maior de formações por meio da composição enquanto outras oferecem a derivação como meio mais produtivo de criar novas palavras. De acordo com a autora, nas

[11] "[...] children seem to find it easier to process information added to the end of words than to the beginnings."

línguas românicas, por exemplo, as crianças só dão início a produção de formas composicionais depois dos 5 anos de idade. No entanto, na língua inglesa, em que esse processo é bastante produtivo, as crianças começam a produzir compostos com cerca de um ano e meio; os compostos criados a partir de palavras não derivadas surgem pouco depois das primeiras flexões.

Além da tipologia linguística, a autora, baseada em estudos como o de Brown (1973), também cita a complexidade do afixo, tanto formal quanto semântica, como fator determinante para as primeiras produções morfológicas. A complexidade semântica parece ser a mais decisiva para a aquisição dos morfemas. No caso da flexão, por exemplo, um morfema cumulativo, que carrega vários significados, será adquirido mais tarde do que um morfema que carrega apenas um significado. Sendo assim, segundo Clark (2001, p. 9), as crianças costumam dar preferência aos afixos mais transparentes em relação ao significado, ou seja, aos mais composicionais semanticamente; aos mais simples em relação à forma e, além disso, aos mais produtivos. A respeito da possível atuação da frequência na aquisição de afixos, Clark (2001) afirma que "Os achados até agora mostram que as crianças atendem mais aos *types* do que aos *tokens* no input. Os primeiros afixos que elas produzem são aqueles que aparecem em maior número de *types* (Guillaume 1927) [...]" (CLARK, 2001, p. 4, tradução nossa)[12]. Como veremos adiante, no capítulo 4, algumas das previsões apontadas por Clark se confirmam nos nossos resultados.

Na língua inglesa, a formação de novas palavras começa a aparecer entre dezoito e vinte e quatro meses, mas essas palavras ainda não são formadas por afixação. Clark (2001, p. 8-9) aponta que as crianças falantes de língua inglesa, nessa idade, produzem compostos a partir de raízes e formam verbos denominais com derivação zero, como *to key* para dizer *insert a key*. Nas línguas em geral, os afixos começam a aparecer entre dois anos e meio e três anos; entre os três e quatro anos, a produção de palavras novas derivadas aumenta. Conforme expõe a autora, em algumas línguas, os sufixos formadores de diminutivo e os formadores de nomes de agente e instrumento, como o *-er* do inglês, são os primeiros a serem adquiridos para a formação de novas palavras por derivação.

Durante a aquisição de morfologia, um fenômeno que nos chama a atenção é a sobregeneralização. A sobregeneralização acontece quando a criança expande o uso de um paradigma regular e passa a aplicá-lo a formações irregulares. Por exemplo, no português brasileiro temos o verbo regular *comer*; a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do

[12] "Findings so far show that children attend more to types than to tokens in the input. The first affixes they produce are those that appear on the largest number of types (Guillaume 1927)".

indicativo desse verbo é *comi*. Ao mesmo tempo, temos o verbo irregular *fazer* e a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *fazer* é *fiz*. Crianças falantes do português brasileiro, durante o processo de aquisição, produzem a forma *fazi* no lugar de *fiz*, adotando o padrão flexional de um verbo regular e mais recorrente. Os experimentos de Berko (1958), realizados com crianças entre quatro e sete anos de idade, também revelam uma instância desse fenômeno, que é a capacidade das crianças de sobregeneralizarem afixos que já conhecem adicionando-os a palavras inventadas, nunca ouvidas antes.

Na morfologia derivacional também encontramos exemplos de sobregeneralização, como em "O avião *desdecolou"* (em lugar de *aterrissou*) e "Mamãe, *desestica* o braço" (em lugar de *encolhe*). As idades correspondentes são 3 anos e 4 meses e 3 anos e 6 meses. Esses dados foram retirados do livro Aquisição de Linguagem, de Grolla & Silva (2014); resultaram de uma coleta longitudinal e foram produzidos por uma criança adquirindo português brasileiro. Como o *fazi* no lugar de *fiz*, *desdecolou* e *desestica* são formações que não encontramos na fala dos adultos; sendo assim, a criança nunca as ouviu antes, mas isso não impede que as palavras apareçam na fala infantil. De acordo com Clark (2001),

> [...] quando as crianças inventam novas palavras, elas preenchem lacunas semânticas. As crianças não esperam até que tenham aprendido a palavra apropriada antes de tentarem expressar um significado particular. Em vez disso, quando precisam, elas constroem uma forma para o significado que desejam transmitir. (CLARK, 2001, p. 8, tradução nossa)[13]

Nos dois exemplos apresentados acima, a criança adiciona o prefixo a bases que não são comumente combinadas a esse prefixo, passando à sobregeneralização. A autora diz que a construção de novas palavras indica que a criança está usando derivação. Isso significa que ela já sabe perceber os afixos, identificá-los e atribuir significado a eles, pois, conforme citamos anteriormente, esses são os passos necessários para a aquisição de morfologia.

Clark (2001) questiona se os processos de flexão e de formação de palavras[14] recebem tratamentos semelhantes por parte da criança que está adquirindo morfologia. Já sabemos que os pré-requisitos para a aquisição dos morfemas derivacionais e flexionais parecem ser os mesmos: a análise da estrutura da palavra, a identificação de bases e afixos e o mapeamento de

[13] "[...] when children coin new words, they fill semantic gaps. Children do not wait until they have learnt the appropriate word before they try to express a particular meaning. Instead, when they need to, they construct a form for the meaning they want to convey." (CLARK, 2001, p. 8)

[14] Clark (2001) faz uma diferenciação entre flexão e processos de formação de palavras (derivação e composição).

significados. Mas, a respeito do questionamento, a autora menciona que "[...] a formação de palavras parece exigir atenção e, portanto, conhecimento do léxico como um todo, diferentemente da flexão" (CLARK, 2001, p. 2, tradução nossa)[15]. Conforme apresenta Ferrari Neto (2012), existem diferentes propostas para explicar a qual domínio pertence a morfologia e a adoção de alguma dessas propostas nos leva a compreensões distintas sobre a aquisição das estruturas morfológicas. Se adotado um modelo não-lexicalista, como o da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993), que sugere que flexão e derivação são, em linhas gerais, tratadas igualmente pela sintaxe, ou quando adotamos a Hipótese Lexicalista Forte (Halle, 1973), que propõe que tanto flexão quanto derivação estão na esfera lexical, aceitamos que os processos flexionais e derivacionais são adquiridos de maneiras semelhantes. Por outro lado, quando adotamos, por exemplo, a Hipótese Lexicalista Fraca (Aronoff, 1976; Anderson, 1982), prevê-se que a aquisição de derivação e a de flexão sigam caminhos diferentes. Na Hipótese Lexicalista Fraca, a derivação está no domínio lexical e a flexão encontra-se no domínio sintático.

Além de comentar sobre essas diferentes visões para a compreensão dos processos morfológicos, o autor, em seu trabalho, se preocupa em discorrer sobre a necessidade de formulação de uma teoria da aquisição da morfologia. Algumas propostas de teorização apresentadas são: MacWhinney (1978), Kiparsky (1983) e Pinker (1984).

Sobre MacWhinney (1978), Ferrari Neto (2012) menciona que esse trabalho foi pioneiro no campo de estudos da aquisição da morfologia e que sua teoria é composta pela explicação de três passos que cooperam para o desenvolvimento da morfologia nos seus aspectos produtivo e perceptivo. Estes passos são: *entrada inicial*, *aquisição* e *correção*. Em cada um desses passos, são mobilizadas as seguintes estratégias: *hábito, analogia* e *combinação.* Na primeira estratégia, a criança armazena palavras flexionadas como unidades; na segunda estratégia, a criança já segmenta as palavras e emprega os morfemas com base em analogias, em um grupo restrito de palavras; na última fase, de combinação, é constituída uma regra de utilização do morfema. Para exemplificar, pode-se pensar no exemplo, citado no texto, de uma regra de formação de plural: uma criança, adquirindo a língua inglesa, em um primeiro momento armazena a palavra *cats* como uma unidade não analisável. Em um segundo momento, a criança já é capaz de separar a palavra em raiz (*cat*) e afixo (*-s*), mas o uso do afixo se limita a palavras parecidas com *cat*, como *bat* ou *hat*, por exemplo; esse é o estágio da analogia. Em um último momento, por meio da combinação, a criança adquire a regra.

[15] "[...] word formation seems to demand attention to, and hence knowledge of, the lexicon as a whole, unlike inflection."

As capacidades mostradas acima, de segmentação e, consequentemente, classificação dos morfemas, são frutos da *entrada inicial*. Os outros dois passos, *correção* e *aquisição*, lidam com a capacidade da criança de perceber e produzir irregularidades; primeiro, por meio da autocorreção; em seguida, por meio da fixação de regras do sistema.

Segundo Ferrari Neto (2012), "O modelo dialético de MacWhinney pode ser compreendido como uma tentativa de elaborar um modelo do desenvolvimento da morfologia que leva em conta operações psicológicas gerais." (FERRARI NETO, 2012, p. 242). Com isso, entendemos que o modelo segue as bases do Cognitivismo. Ferrari Neto (2012) faz algumas críticas à proposta de MacWhinney, referentes à falta de um modelo de língua, à falta de uma explicação sobre como ocorre a identificação e segmentação dos morfemas e à ausência de diferenciação entre aquisição de morfologia flexional e de morfologia derivacional.

No modelo de Kiparsky (1983), baseado no modelo da Morfologia e Fonologia Lexical, a preocupação está direcionada à caracterização das regras morfológicas. Existem três tipos de regras organizadas em níveis e a ordem de execução de cada regra depende das especificidades que elas possuem. Para exemplificar a atuação das regras nesse modelo, Ferrari Neto (2012, p. 243) recorre à formação de plural da palavra *cantor*. Para chegar à formação *cantores* é indispensável a atuação preliminar da *Regra de Nível 2* (seu tipo de operação é a *Derivação*, que possui caráter produtivo e é semanticamente previsível) e em seguida a atuação da *Regra de Nível 3* (seu tipo de operação é a *Flexão*, que tem natureza regular); do contrário, a formação seria *cant-es-or*.

(5) Formação de *cantores*:
Raiz: cant-
Aplicação da Regra de Nível 2 (derivação): cant-or
Aplicação da Regra de Nível 3 (flexão): cant-or-es

As *Regras de Nível 1*, que não estão presentes no exemplo acima, são formadas por: *derivação* (não-produtiva e semanticamente imprevisível), *flexão* (irregular) e produzem *efeitos fonológicos* (supleção).

Como mencionado, Kiparsky (1983) propõe uma morfologia ordenada em níveis. Tendo como base a língua inglesa, os afixos são separados em primários e secundários: os afixos primários aparecem mais perto da raiz e podem mudar o acento da palavra enquanto os afixos secundários não interferem no acento:

(6) Mudança de acento com afixo primário:

Base: **Mon**.gol – a primeira sílaba é tônica

a. Mon.**gol** -ian (afixo primário) – a segunda sílaba passa a ser a tônica

b. **Mon**.gol -ism (afixo secundário) – a primeira sílaba permanece tônica

O exemplo acima mostra uma afixação sufixal. Quando os dois tipos de sufixo se anexam ao mesmo tempo a uma base, o sufixo primário deve sempre preceder o sufixo secundário: *mongol -ian -ism / *mongol -ism -ian*.

Sobre a proposta de Pinker (1984), a atenção é dada à forma como o significado e a função gramatical dos morfemas se estabelecem na aquisição. Dentre as estratégias que Pinker propõe para a explicação, é escolhida como mais provável a estratégia de *formação de paradigmas.* A princípio, para adquirir a morfologia, a criança guarda palavras inteiras em vez de segmentá-las. As palavras são agrupadas em paradigmas, como em *walk, walks, walking, walked*, e a partir desses agrupamentos a criança começa a identificar bases e afixos e forma um *template* (um molde) para a formação de novas combinações: [v base + afixo]. No exemplo acima a base é *walk* é os afixos são *-s* (presente), *-ing* (gerúndio) e *-ed* (passado).

Como comenta Ferrari Neto (2012), pelo fato de a morfologia derivacional ser mais assistemática em comparação com a flexão, a proposta de Pinker, por tratar da formação de paradigmas, não explicaria a formação de palavras por derivação.

As estratégias que Pinker descarta são as de *hipotetização exaustiva* e *testagem de hipóteses*. A estratégia de *hipotetização exaustiva* é a seguinte: para cada morfema que a criança identifica, ela supõe uma infinidade de possibilidades relacionadas à função e significado do morfema. Cada possibilidade é comparada com um determinado contexto e a criança considera apenas os significados que se mostram compatíveis, adquirindo, assim, a combinação correta de forma, função e significado. A estratégia é rejeitada pois, como o próprio nome diz, trata-se de uma tarefa muito exaustiva para a criança. Na estratégia de *testagem de hipóteses*, a criança atribui ao morfema um significado de cada vez e, em seguida, após a testagem, adota o significado que lhe parece mais viável. Segundo Ferrari-Neto (2012), Pinker descarta essa estratégia por, entre outros motivos, não ser possível explicar a aquisição dos traços dos morfemas sem conteúdo fônico (morfemas zero)[16].

[16] Nas palavras de Schwindt (2014, p.119), "Partindo-se da ideia de que morfemas são unidades portadoras de significado, há que se lidar com casos em que o significado está presente, mas não há contraparte fônica para este significado. A isso os estruturalistas norte-americanos chamaram de morfema zero, uma ausência significativa."

Por fim, após a exposição das três propostas, Ferrari-Neto (2012) tece alguns comentários relevantes, e um deles está relacionado à questão da identificação e segmentação de morfemas. Conforme foi apresentado acima, o modelo de MacWhinney não explica como a criança chega à segmentação, mas essa falta não é exclusividade de MacWhinney; ela também está presente nos modelos de Kiparsky e Pinker. Outro ponto em comum entre as propostas diz respeito à consideração apenas de dados de produção e, com isso, à afirmação de que a criança adquire palavras inteiras, excluindo a possibilidade de já existir a competência para a percepção de morfemas flexionais em estágios iniciais da aquisição.

2.4.1 Estudos em aquisição de morfologia derivacional no português brasileiro

Barbosa & Gomes (2014) fazem um levantamento de afixos derivacionais do português brasileiro na fala de crianças de 2 a 5 anos de idade com o objetivo de desenvolverem testes de identificação de decomposicionalidade pelas crianças em fase de aquisição. Para esse levantamento, as autoras consideram 3 *corpora* diferentes. No primeiro *corpus* (PEUL/UFRJ), do qual foram selecionadas 9 crianças para o estudo, é encontrado apenas o prefixo *deS-*, que aparece num total de 11 palavras prefixadas. No segundo *corpus* (AQUIVAR), do qual foram analisadas 34 crianças, as autoras encontraram 12 ocorrências de palavras prefixadas. O prefixo mais frequente dessa amostra foi o *eN-*, com 6 palavras (50%), seguido pelo *deS-*, com 3 (25%), *re-*, com 2 palavras (16,7%) e, por último, o menos frequente, *eS-*, com 1 palavra (8,3%). É importante ressaltar que as ocorrências dos dois *corpora* acima foram contadas em número de *tokens*. No terceiro *corpus* (ASPA-UFMG), sem detalhamento de tamanho, número de participantes e idade dos participantes, Barbosa & Gomes (2014) fazem um levantamento a partir dos prefixos encontrados nos dois *corpora* anteriores: *deS-*, *eN-*, *re-* e *eS-*. Nesse último levantamento, as ocorrências aparecem em número de *types*, pois as autoras pretendem analisar a produtividade dos quatro prefixos citados. O número de palavras prefixadas encontradas em *types* é de 1097 palavras. O prefixo *deS-* é o mais produtivo e precede 553 dados. Ocupando a segunda posição, está o *re-*, com 417 dados; em seguida, o *eN-*, com 107 dados e, por último, o *eS-*, com 20 dados.

Considerando os resultados do *corpus* ASPA-UFMG, talvez o maior de todos os três, podemos dizer que, ao contrário do que encontramos, o prefixo *re-* parece ser muito frequente. Por outro lado, nos estranha a ausência do prefixo *a-*, que aparece em nossos dados como o prefixo com maior número de ocorrências na fala das crianças, tanto em *types* quanto em *tokens*.

No geral, observando os três *corpora*, vemos que os pontos de concordância entre os achados deste trabalho e os achados de Barbosa & Gomes (2014) são: a baixa frequência do prefixo *eS-* e a alta frequência dos prefixos *deS-* e *eN-* nos dados infantis, conforme veremos nos capítulos a seguir.

Gostaríamos de destacar que o número de *types* do *corpus* ASPA-UFMG, comparado ao número de *tokens* encontrados nos dois *corpora* anteriores, nos parece muito alto, e, como informamos acima, as autoras não especificam o tamanho do *corpus* ASPA-UFMG. Com base nisso, podemos dizer que, durante a leitura do artigo, sentimos falta de informações importantes para a compreensão dos números apresentados.

Outro estudo que corrobora, em certa medida, com o nosso trabalho, é o de Lima (2006). Nesse estudo, a autora investiga a aquisição de morfemas derivacionais e compostos do português brasileiro por crianças de 2 a 7 anos de idade. Lima (2006) observa a frequência dos processos de formação de palavras e dos afixos. Além disso, é apresentada uma comparação entre a frequência dos afixos presentes na fala infantil e a frequência presente na fala dos adultos. Os dados da fala infantil são provenientes de 62 amostras dos bancos de dados AQUIFONO e DELICRI. Para a coleta dos dados da fala adulta, foram utilizados o *corpus* VARSUL e o Dicionário Aurélio Eletrônico. Sobre os processos de formação de palavras, a prefixação é o menos frequente na fala das crianças, resultando em apenas 9 dados de um total de 788. Os prefixos que estão entre esses 9 dados são *deS-* e *re-*. O prefixo *deS-* é o mais frequente e tem 5 ocorrências, todas correspondem a ocorrências da palavra *desligar*. Isso mostra que o único significado encontrado nesses dados com o prefixo em questão foi o de *reversão*; como veremos adiante, esse é o significado mais comum ao prefixo *deS-* em nossos dados. As 4 ocorrências do prefixo *re-* correspondem a ocorrências da palavra *remexer* e todas se concentram na mesma faixa etária: 3 a 4 anos. Por outro lado, as 5 ocorrências do prefixo *deS-*, citadas acima, estão distribuídas em diferentes faixas etárias; 3 das 5 ocorrências pertencem à primeira faixa: 2 a 3 anos. Isso pode ser uma indicação de que o prefixo *deS-* é adquirido antes do prefixo *re-*. As outras duas ocorrências restantes se dividem entre a terceira e a quarta faixa etária (4 a 5 anos e 5 a 6 anos). A última faixa etária, dos 6 aos 7 anos, não possui nenhum dado prefixado. Com conclui Lima (2006), nos seus dados, o aumento da produção de palavras formadas por prefixação só ocorre da primeira para a segunda faixa etária, isto é, dos 2 até os 4 anos de idade. Em contrapartida, pelos resultados que apresentaremos adiante, parece que o aumento da produção de palavras prefixadas (em *types*) continua a partir dos 4 anos de idade.

Em relação à comparação entre a frequência dos prefixos *deS-* e *re-* na fala infantil e na fala adulta, a autora chega à conclusão de que tanto os dados do *corpus* VARSUL quanto os do Dicionário Aurélio Eletrônico apresentam a mesma proporção que vemos nos dados infantis: o prefixo *deS-*, em todos os casos, precede mais palavras do que o prefixo *re-*. Nos nossos dados, *re-* também é menos frequente na fala das crianças, mas, como indica o quadro 4, a seguir, a discrepância entre as ocorrências dos dois prefixos é muito maior em comparação à discrepância mostrada no trabalho de Lima (2006). Além disso, também percebemos, em nossos dados, correspondências entre as produções dos adultos e as das crianças.

Por fim, assim como o estudo de Barbosa & Gomes (2014), comentado inicialmente, Lima (2006) não traz ocorrências de palavras prefixadas por *a-*, mas, mais do que isso, também não são encontradas ocorrências com o prefixo *eN-*, que é relevante tanto em nossos dados quanto nos dados de Barbosa & Gomes (2014).

3 METODOLOGIA

O conjunto de dados prefixados por *a-*, *eN-* e *deS-* presente neste trabalho é fruto de buscas que foram feitas em dois diferentes tipos de *corpora*. Neste capítulo, apresentamos os dois *corpora* utilizados e o passo a passo da busca pelos dados. Na nossa busca, consideramos apenas formas com transparência morfológica, isto é, formas que permitem a identificação formal clara do afixo e da base. Essas, como foi dito anteriormente, podem ter significado composicional ou não. Também neste capítulo, explicamos os critérios para a seleção dos prefixos em estudo e a metodologia de classificação dos dados.

3.1 Metodologia de seleção dos prefixos e dos dados

Para chegarmos à escolha dos prefixos em estudo, fizemos uma primeira triagem que, com base em Schwindt (2004), teve como critério de seleção a produtividade prefixal em português. Assim, os prefixos atestados como mais produtivos por Schwindt (2004) e primeiramente selecionados em nossa amostra foram os seguintes: *a-*[17], *eN-*, *deS-*, *eS-*, *re-* e *i(N)-*[18]. No quadro abaixo, apresentamos os prefixos com seus respectivos exemplos.

Quadro 3 - Prefixos produtivos (Schwindt, 2004) e exemplos.

PREFIXOS	EXEMPLOS
a-	acalmar, amaciar, adentrar.
eN-	engavetar, envenenar, enterrar.
deS-	desfazer, desmontar, desleal.
eS-	esfriar, esfaquear, expatriar.
re-	refazer, recadastrar, ressuscitar.
i(N)-	insuportável, ilegal, infeliz.

Esses prefixos foram considerados em nossa busca por dados infantis e, a partir dessa busca, delimitamos o número de prefixos pela frequência de aparição nos dados. Dada a

[17] Corresponde ao prefixo *a-* verbal e de origem latina, com significado de aproximação e mudança de estado, e não ao prefixo *a-* de origem grega, com significado de negação e privação, como em *amoral* e *afônico.*
[18] Corresponde ao prefixo *i(N)-* de origem latina, com significado de negação e privação, e não ao prefixo *i(N)-* (também de origem latina) com significado de movimento para dentro, já contemplado pelo prefixo *eN-*.

ocorrência encontrada, decidimos considerar em nosso estudo os três prefixos mais frequentes. Estes prefixos mais frequentes são *a-*, *eN-* e *deS-*. Como mostra o quadro a seguir, a baixa ocorrência dos demais prefixos não nos permite proceder a um estudo relevante.

Quadro 4 - Número de dados por prefixo.

	CORPUS		
PREFIXO	*Corpus* A (3 a 5 anos)	*Corpus* B (5 a 9 anos)	TOTAL
a-	390	122	512
eN-	108	37	145
deS-	120	27	147
eS-	**12**	**2**	**14**
re-	**4**	**2**	**6**
i(N)-	**4**	**1**	**5**
TOTAL	638	191	829

Dos 638 dados encontrados na fala infantil do *corpus* A, 390 são formados pelo prefixo *a-* (61,1%), 108 pelo *eN-* (17%) e 120 pelo *deS-* (18,8%). Os 20 dados restantes (3,1%) correspondem a prefixos com baixa ocorrência: *eS-*, *re-* e *i(N)-*. Sobre o *corpus* B (AlegreLong), dos 191 dados encontrados na fala das crianças, 122 apresentam o prefixo *a-* (63,9%), 37 apresentam o *eN-* (19,4%) e 27 são formados pelo *deS-* (14,1%). Os dados que apresentam os prefixos menos representativos, *eS-*, *re-* e *i(N)-*, somam apenas 5 ocorrências (2,6%). Vemos que, nos dois *corpora*, o prefixo *a-* é o mais frequente dentre os três e os prefixos *eN-* e *deS-* apresentam resultados aproximados. Embora tenhamos considerado aqui os números de *tokens*[19], a descrição dos dados será feita, principalmente, com base nos números de *types*[20] e de formas prefixadas. Os *tokens* serão usados apenas quando estivermos observando o papel da frequência.

Com relação à seleção dos dados, o primeiro *corpus* (*corpus* A) utilizado contém 160 sessões de gravação provenientes de interações espontâneas de três crianças falantes do português paulista: Amelie, Arthur e Luiza. Esse número de sessões se divide da seguinte forma entre as três crianças: 7 são da Amelie e correspondem ao intervalo de 3 anos, 4 meses e 9 dias (3;04.09) a 4 anos e 17 dias (4;00.17); 43 são do Arthur e correspondem ao intervalo de 3 anos e 12 dias (3;00.12) a 4 anos, 11 meses e 12 dias (4;11.12); e 110 são da Luiza e correspondem ao intervalo de 3 anos e 9 dias (3;00.09) a 5 anos, 6 meses e 7 dias (5;06.07). No geral, as

[19] Contagem de cada ocorrência de uma mesma palavra.
[20] Uma única ocorrência de palavra.

sessões de gravação cobrem a faixa de 3 a 5 anos e meio de idade e cada uma delas corresponde, em média, a trinta minutos de gravação[21]. O número de sessões por idade é o seguinte:

Quadro 5 – Número de sessões de gravação por idade no *corpus* A.

IDADE	Nº DE SESSÕES
3,0 – 3,6	41
3,6 – 4,0	44
4,0 – 4,6	35
4,6 – 5,0	26
5,0 – 5,6	14

O material que forma o *corpus* A foi fornecido pela Profa. Dra. Raquel Santana Santos (USP) e é resultante do projeto *Análise dos sistemas fonético e fonológico*. A construção desse material se deu por meio de observações longitudinais realizadas durante os anos 2000.

O segundo *corpus* adotado é o AlegreLong (*corpus* B), que compreende dados de crianças entre 5 e 9 anos de idade, residentes da cidade de Porto Alegre (RS). Esse *corpus* começou a ser desenvolvido por Ana Maria Guimarães (UFRGS) em 1992, é fruto do projeto *Desenvolvimento da linguagem da criança na fase de letramento* e encontra-se disponível no banco de dados CHILDES[22].

O *corpus* AlegreLong é formado por 7 crianças e cada uma possui, em média, 14 sessões, que foram coletadas ao longo de 4 anos (dos 5 aos 9 anos de idade); portanto, trata-se de dados longitudinais. As sessões de gravação também somam, em média, 30 minutos. No quadro a seguir, temos os números de sessões por idade.

Quadro 6 - Número de sessões de gravação por idade no *corpus* B.

IDADE	Nº DE SESSÕES
5,0 – 6,0	26
6,0 – 7,0	26
7,0 – 8,0	26
8,0 – 9,0	23

[21] No apêndice E, há uma lista para consultar os espaçamentos de idade entre as sessões do *corpus* A e o tempo de gravação de cada uma delas.

[22] O banco de dados CHILDES é composto por dados de língua infantil e pertence ao projeto *TalkBank*. O projeto foi fundado entre os anos 1999 e 2004 e é coordenado pelo professor Brian MacWhinney (CMU). Para acessar o *corpus* AlegreLong dentro do banco de dados CHILDES, basta utilizar o seguinte link: https://childes.talkbank.org/access/Romance/Portuguese/AlegreLong.html.

Diferentemente dos dados espontâneos do projeto *Análise dos sistemas fonético e fonológico*, os dados do *corpus* AlegreLong são decorrentes de produções eliciadas, isto é, produções que ocorrem por meio de algum estímulo/tarefa. As tarefas propostas para as crianças foram as seguintes: a) diálogos entre o entrevistador e a criança, nos quais o entrevistador faz perguntas sobre acontecimentos da vida da criança; b) narrativa pessoal de algum evento da vida da criança; c) narrativa de imagens sequenciais; e, para uma parte dos participantes (20%): d) conversa entre crianças e e) contação de uma história que a criança já havia ouvido.

Em relação ao método aplicado para a seleção das palavras prefixadas, seguimos os mesmos passos para os dois *corpora* apresentados acima. A seleção foi realizada por meio do programa AntConc[23], desenvolvido para a análise de *corpus*. O passo a passo para a busca das palavras prefixadas com o uso do AntConc foi o seguinte:

1) Em *global settings*, e, em seguida, *character encoding*, configuramos a codificação para UTF-8[24];

2) Em *file* e, sem seguida, *open directory*, selecionamos e abrimos a pasta com todos os arquivos desejados em formato .txt e armazenados com a configuração de codificação UTF-8;

3) Na barra de opções, selecionamos a ferramenta *word list* (indicada na figura 3);

4) No campo de busca, inserimos o prefixo seguido de asterisco (ex. des*); em *sort by*, escolhemos a opção *sort by word;* em seguida clicamos em *start*. Depois que a busca pela lista de palavras estava concluída, clicamos em *search only* (repetimos os passos da busca para as possíveis alomorfias);

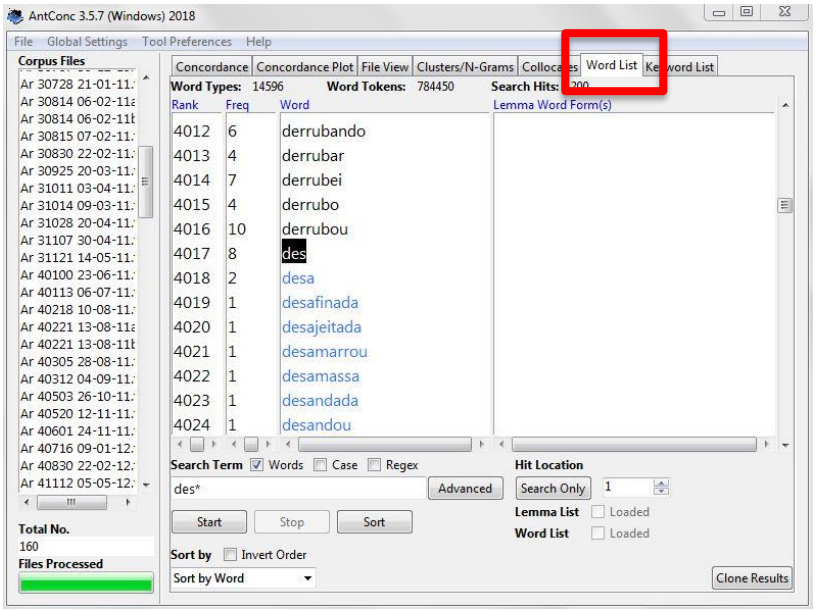
5) Após clicarmos em *search only*, o programa nos leva às palavras iniciadas pela sequência gráfica que estamos buscando (conforme indica a figura 3). Em seguida, devemos clicar em cada um dos dados que realmente correspondem a uma palavra prefixada para termos acesso a todas as suas ocorrências (*tokens*) pela ferramenta *concordance* (figura 4);

6) Por último, na tela da ferramenta *concordance*, clicamos em cada ocorrência, o que nos leva à ferramenta *file view* (figura 5). Na ferramenta *file view*, temos acesso ao contexto completo e podemos confirmar se o dado foi produzido pela criança ou pelo adulto.

[23]O programa AntConc é gratuito e pode ser encontrado no seguinte link: https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/.

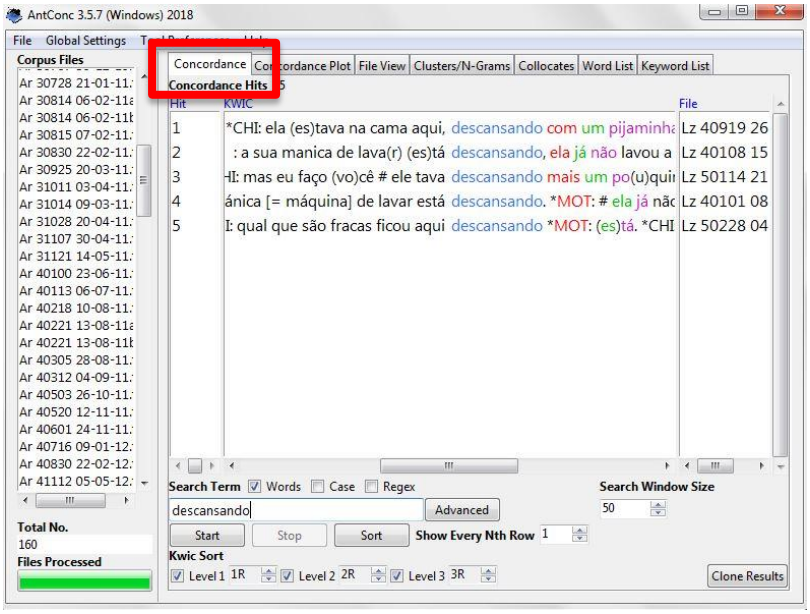
[24]A configuração da codificação é necessária para que os caracteres das sessões de gravação transcritas sejam interpretados/lidos corretamente pelo programa. Importante ressaltar que as sessões de gravação transcritas também foram armazenadas com essa codificação.

Figura 3 – Ferramenta word list (AntConc).



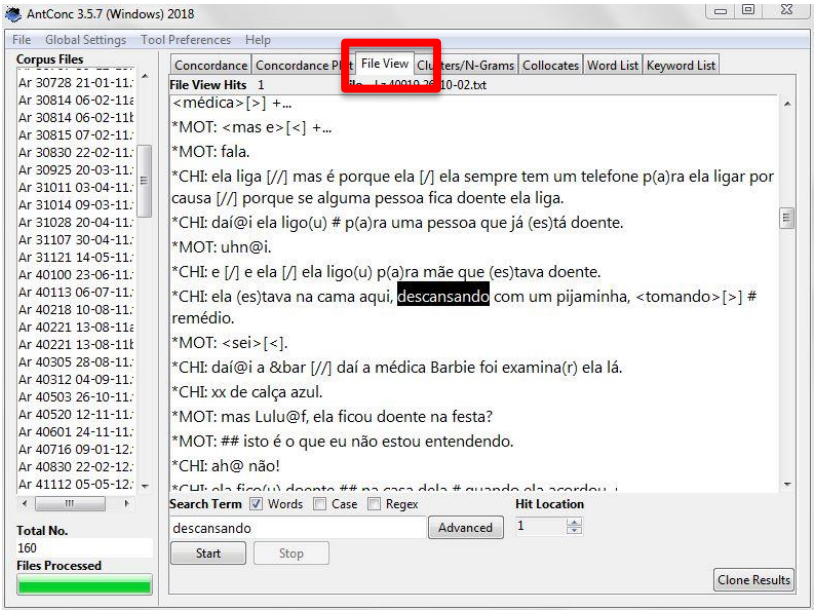
Fonte: AntConc (2018).

Figura 4 - Ferramenta *concordance* (AntConc).



Fonte: AntConc (2018).

Figura 5 - Ferramenta *file view* (AntConc).



Fonte: AntConc (2018).

Apesar de ser possível buscar os dados por meio de outras opções dentro do programa, como diretamente pelas funções *concordance list* ou *file view*, optamos, após alguns testes, pelo uso da ferramenta *word list*. Essa ferramenta nos forneceu uma visão mais organizada dos dados e se destacou como o meio mais eficiente de busca.

3.2 Classificação dos dados

Para a classificação dos dados, as variáveis escolhidas foram: composicionalidade semântica da formação, contribuição semântica da raiz e posição do prefixo em relação à raiz. Essas três variáveis estão diretamente envolvidas em uma das grandes distinções empíricas sugeridas pela teoria da Morfologia Distribuída, a distinção entre morfologia interna e morfologia externa. Esperamos que a investigação dessas variáveis na produção prefixal na fala infantil possa contribuir de algum modo para a discussão acerca da validade dessa dicotomia.

Sobre a contribuição semântica, conforme apresentamos com detalhes na seção 2.1, para os prefixos *a-* e *eN-* consideramos, com base em Bassani (2013), os seguintes significados: mudança de estado (*acalmar*, *endurecer*), mudança de lugar (*acampar*, *enterrar*), mudança de posse abstrata (*assustar*, *enfeitiçar*), mudança de posse concreta (*aparafusar*, *envenenar*), mudança de configuração (*apontar*, *enfileirar*) e modificação de *v* – formador de atividade

(*ajoelhar*, *enfrentar*). Para o *deS-*, com base na descrição da literatura (Bechara, 2009; Cunha & Cintra, 2013; Medeiros, 2010; Mioto & Silva, 2009), selecionamos os significados de negação, reversão e separação, que aparecem respectivamente em *desajeitada*, *desligar* e *despedaçado*. Sobre a composicionalidade semântica da formação, conforme comentamos em outros momentos nesse trabalho, uma palavra pode ser composicional, como *descansar*, ou pode não apresentar composicionalidade, como *desesperado*. Por fim, temos a classificação pela posição do prefixo em relação à raiz e essa posição pode ser interna ou externa. Esse aspecto foi abordado anteriormente, na seção 2.2.2; por isso, não entraremos em detalhes neste capítulo. Conforme ilustra a figura 6, abaixo, todos os dados foram classificados e organizados em um editor de planilhas e a partir dessa classificação pudemos partir para as descrições desses dados. Além das variáveis citadas acima, as planilhas também contêm a idade em que cada palavra foi produzida e o contexto.

Figura 6 – Classificação dos dados infantis.

1	Idade	Palavra	Prefixo	Interno ou Externo	Semântica	Composicionalidade semântica	Contexto
506	5;01.21	DESMONTOU	deS-	EXTERNO	R	TOTAL	não não, foi você que desmonto(u).
507	5;05.22	DESMONTOU	deS-	EXTERNO	R	TOTAL	xx desmontou, mãe.
508	3;10.14	DESOBEDECEU	deS-	EXTERNO	N	TOTAL	CHI: ele desobedeceu Jesus. GRM: <ah> (compreensão). [>]
509	3;01.20	DESPEDAÇADO	deS-	EXTERNO	S	TOTAL	(es)tá pistazado (despedaçado)
510	4;09.19	DESPEDAÇADO	deS-	EXTERNO	S	TOTAL	ela deu o cabelo p(a)ra pentear o cabelo por causa que o cabelo (es)tava todo despedaçado, todo desembolado@c.
511	4;03.12	DISJUNTA	deS-	EXTERNO	R	TOTAL	e não disjunta@c (es)tá?
512	4;01.15	EMBARALHAR	eN-	INTERNO		NULA	LUI: <tem que:> (em)b(r)ulha(r) tudo [<]! MAE: tem que embaralha(r),, né? LUI: é! LUI: embaralha(r):.
513	5;03.18	EMBARALHEI	eN-	INTERNO		NULA	CHI: a brincadeira vai ser de Pokémon, eu já até embaralhei.

3.3 Seleção e classificação das formas não prefixadas

Como foi mencionado no capítulo 1, um dos nossos objetivos é observar, nos dados das crianças mais jovens (*corpus* A), se existe, para cada forma prefixada, a ocorrência da mesma forma sem o prefixo, como evidência de que a criança analisa a estrutura da palavra. Por exemplo, queremos ver se para as formas *acalm-*, *enterr-* e *desmont-* existem as respectivas

formas *calm-*, *terr-* e *mont-*. Para isso, também utilizamos o programa AntConc, mas com uma metodologia de busca diferente. Primeiramente, extraímos todas as partes em comum dos *types* produzidos pelas crianças; uma forma que ocorreu prefixada, como *deslig-*, foi selecionada como forma comum entre os seguintes *types*: *desliga, desligado, desligar, desligou* e *desligue*. Depois disso, por meio da ferramenta *file view* (figura 5), foi feita a busca pelas formas sem os prefixos, isto é, pelas possíveis formas alomórficas da raiz, em cada uma das crianças, separadamente. Por exemplo, em vez de abrirmos o total de transcrições das três crianças de uma só vez dentro do programa, abrimos apenas o total de transcrições de uma determinada criança por vez e buscamos por cada uma das formas sem prefixo seguindo a ordem crescente das transcrições, que estão organizadas pela idade da criança. Dessa maneira, pudemos selecionar a primeira ocorrência de cada forma não prefixada em cada uma das crianças.

Como mostra a figura 7, a seguir, na classificação dessas formas (prefixadas e não prefixadas) consideramos as seguintes informações: idade da primeira produção da forma prefixada, idade da primeira produção da forma sem prefixo (quando há forma sem prefixo), se há ou não produção da forma sem prefixo, se as produções da forma com prefixo e da forma sem prefixo ocorrem na mesma criança e, por último, se há produção da forma sem prefixo antes da produção da forma com prefixo. Na figura, as células que aparecem em verde claro indicam a idade da primeira ocorrência da forma sem prefixo entre as três crianças, enquanto as células em verde escuro indicam a idade da primeira ocorrência da forma com prefixo. Essas variáveis possibilitam observar as crianças individualmente e a ordem de ocorrência das formas com e sem prefixo; sendo assim, elas podem nos indicar de modo mais minucioso se as crianças analisam ou não as palavras prefixadas. Caso apareça a forma simples antes da forma precedida por prefixo e essa tenha significado composicional, podemos considerar a possibilidade de análise por parte da criança. Esse cenário pode ser observado, por exemplo, na linha 27 da figura abaixo, na qual a Luiza produziu a forma sem prefixo *col-* (presente no verbo *colar*) aos 3 anos, 9 meses e 16 dias, e, somente depois, aos 4 anos, 6 meses e 27 dias, produziu a forma com prefixo *descol-* (presente no verbo *descolar*).

Figura 7 – Classificação das formas sem prefixo.

	C	F	G	I	J	L	M	O	P	Q	R
1	forma c/ prefixo	forma s/ prefixo	forma s/ prefixo (Amelie)	forma c/ prefixo (Amelie)	forma s/ prefixo (Arthur)	forma c/ prefixo (Arthur)	forma s/ prefixo (Luiza)	forma c/ prefixo (Luiza)	Presença forma s/ prefixo	Presença forma s/ e c/ prefixo na mesma criança	forma s/ antes de forma c/ prefixo
26	DESENROL-	enrol-			Ar 30728		Lz 30728	Lz 41023	SIM	SIM	SIM
27	DESCOL-	col-			Ar 30507		Lz 30916	Lz 40627	SIM	SIM	SIM
29	DESFAZ-	az-/fiz-/faç-/fa	Am 30409		Ar 30012		Lz 30009	Lz 40319	SIM	SIM	SIM
31	DISJUNT-	junt-			Ar 30116		Lz 30212	Lz 40312	SIM	SIM	SIM
32	DESOBEDEs-	obedeS-	Am 30716			Ar 31014			SIM	NÃO	SIM
35	DESLIG-	lig-			Ar 30012	Ar 40520	Lz 30407	Lz 30324	SIM	SIM	SIM E NÃO
37	DESMONT-	mont-			Ar 30211	Ar 30419	Lz 30120	Lz 30212	SIM	SIM	SIM
39	DESPEDAÇ-	pedaç-			Ar 30419		Lz 30205	Lz 30120	SIM	SIM	NÃO
40	DESCULP-	culp-				Ar 30012	Lz 30805	Lz 30226	SIM	SIM	NÃO
58	ENDUREs-	dur-			Ar 30402		Lz 30107	Lz 31028	SIM	SIM	SIM
61	ENCH-	chei-	Am 31010		Ar 30100	Ar 30410	Lz 30317	Lz 30114	SIM	SIM	SIM E NÃO

4 A EMERGÊNCIA DOS PREFIXOS *a-*, *eN-* E *deS-* NA FALA INFANTIL

As descrições a seguir estão organizadas em subseções pelo tipo de *corpus*. Na seção 4.1, encontra-se a descrição referente ao *corpus* A. Na seção 4.2, apresentamos a comparação entre os dados do *corpus* A e os do *corpus* B (AlegreLong).

4.1 *Corpus* A (3 a 5 anos)

O total de dados selecionados e classificados a partir das buscas no *corpus* A foi de 1547 *tokens* na produção dos adultos e 618 na produção das crianças. Em termos de *types*[25], na produção dos adultos temos um total de 317; desse total de *types* produzidos pelos adultos, 161, ou 50,8%, possuem apenas uma ocorrência (um *token*). Na produção das crianças, o total de *types* é 155; desse conjunto, 81 *types*, ou 52,2%, apresentam apenas um *token.* Nos apêndices A e B mostramos quais são os *types* presentes no nosso banco de dados do *corpus* A e como os números de *tokens* estão distribuídos entre os diferentes *types*. Adiante, falaremos com mais detalhes sobre os dados produzidos pelos adultos e pelas crianças. Por ora, na tabela abaixo, apresentamos os números de dados por prefixo encontrados na fala adulta e infantil.

Tabela 1 - Número total de dados no corpus A (*types* e *tokens*).

	Adultos		**Crianças**	
Prefixo	**Tokens**	**Types**	**Tokens**	**Types**
a-	802 (51,8%)	124 (39,1%)	390 (63,1%)	62 (40%)
eN-	413 (26,7%)	92 (29%)	108 (17,5%)	48 (31%)
deS-	332 (21,5%)	101 (31,9%)	120 (19,4%)	45 (29%)
Total	1547 (100%)	317 (100%)	618 (100%)	155 (100%)

Em uma visão geral mostrada pela tabela acima, como se observa na literatura, o prefixo *a-*, em todos os contextos, é o mais frequente. Os prefixos *eN-* e *deS-* aparecem de forma equilibrada e apenas nos *tokens* da produção adulta podemos perceber uma maior diferença entre as frequências desses dois prefixos. Nesse caso, é o *eN-* que apresenta maior número de ocorrências depois do prefixo *a-*. Conforme informamos no capítulo 1, vale ressaltar que apesar

[25] Palavras com a mesma forma, mas com significados diferentes, foram contadas separadamente. Por exemplo, o verbo *apontar* com significado composicional (*fazer a ponta de algo*) e o verbo *apontar* com significado não composicional (*indicar, mostrar*) são formas idênticas, mas foram contadas como dois *types* diferentes, pois cada uma expressa um significado.

de termos apresentado os números dos dados em *tokens* e em *types*, os *tokens* apenas serão considerados quando estivermos descrevendo a relação da produção infantil com a frequência recebida pelos adultos. A seguir, apresentamos os totais de *types* produzidos por faixa etária e por prefixo na fala das crianças.

Tabela 2 - Número de *types* por faixa etária e por prefixo na produção das crianças (*corpus* A)[26].

	Idade				
Prefixo	3 a 3,6	3,6 a 4	4 a 4,6	4,6 a 5	5 a 5,6
a-	22 (57,9%)	32 (51,6%)	30 (48,4%)	22 (46,8%)	18 (40%)
eN-	10 (26,3%)	17 (27,4%)	18 (29%)	8 (17%)	11 (24,4%)
deS-	6 (15,8%)	13 (21%)	14 (22,6%)	17 (36,2%)	16 (35,6%)
Total	38 (100%)	62 (100%)	62 (100%)	47 (100%)	45 (100%)

A princípio, é importante destacarmos alguns pontos:

- Nesse *corpus,* a faixa etária dos 3 aos 5,6 anos foi dividida em intervalos de 6 meses para uma compreensão mais ampla dos resultados.
- Sobre a divisão de faixa etária, julgamos importante informar que o número de sessões de gravação e de palavras (no geral) em cada faixa é o seguinte:

Quadro 7 - Número de sessões e de palavras (*corpus* A)

IDADE	SESSÕES	TYPES	TOKENS
3,0 a 3,6	41	6820	198951
3,6 a 4,0	44	6610	212208
4,0 a 4,6	35	6160	166673
4,6 a 5,0	26	5140	130679
5,0 a 5,6	14	3560	75739

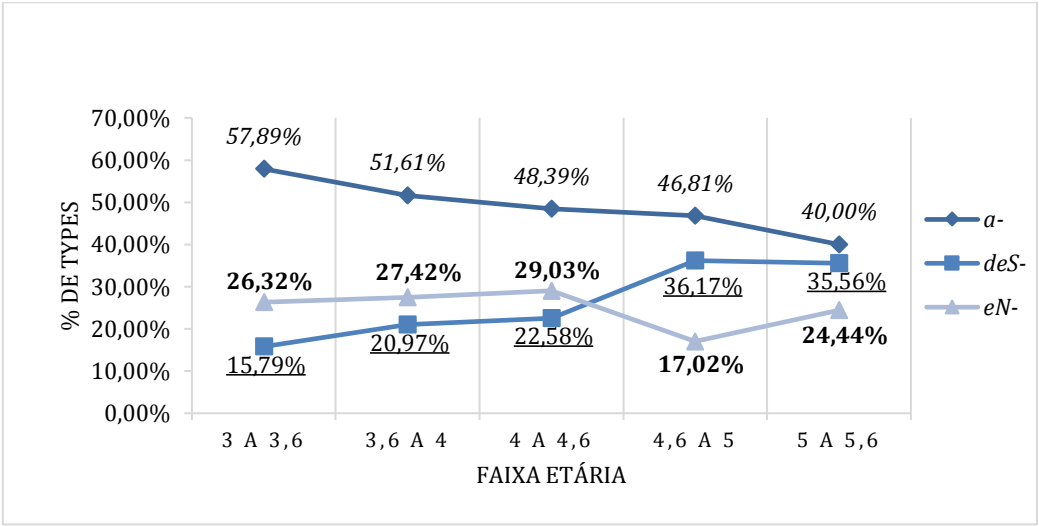
Desse modo, ao olharmos para os totais de palavras prefixadas por idade, devemos levar em conta que nos dois últimos intervalos (4,6 a 5 e 5 a 5,6 anos), os números de sessões de gravação e de *types* e *tokens* diferem de forma mais acentuada dos números presentes nos outros períodos. Assim sendo, o menor número de ocorrências dos prefixos nas duas últimas faixas etárias (em comparação com as duas anteriores) está relacionado a um menor número de dados

[26] Na tabela 2, é possível notar que quando somamos os valores de *types* presentes nas colunas, chegamos a um total de *types* maior do que aquele apresentado na tabela 1. Isso acontece porque na tabela 2 estamos considerando a produção de *types* em diferentes faixas etárias; nesse caso, um mesmo *type* pode estar presente em mais de uma faixa etária e, desse modo, a soma dos valores resultará em um total diferente de dados.

em geral, e não a uma menor produção dos dados em estudo. Na verdade, quando dividimos cada total de *types* prefixados de um período (tabela 2) pelo total geral de *types* do período correspondente (quadro 7), vemos que da primeira (3 a 3,6) à última faixa etária (5 a 5,6) o número de produção de palavras prefixadas aumenta mais que o dobro em relação ao número produzido no primeiro estágio. Nos três estágios intermediários (3,6 a 4; 4 a 4,6 e 4,6 a 5), as produções também aumentam em relação à primeira faixa etária, mas não variam muito entre si.

Na tabela 2, acima, e no gráfico 1, abaixo, observando as ocorrências de cada prefixo nos diferentes períodos, acerca do prefixo *a-* vemos que da primeira à última faixa etária há uma diminuição gradativa do número de dados; portanto, o maior número de ocorrências desse prefixo está na primeira faixa, dos 3 aos 3,6 anos, com 57,9% do total de dados produzidos durante esse período, e o menor número de dados está na última faixa, com 40% do total. Como é de se esperar, apesar dessa diminuição, o prefixo *a-*, em todas as faixas, permanece como o mais frequente. Sobre o prefixo *eN-*, há um aumento progressivo do número de palavras até o terceiro período, dos 4 aos 4,6 anos. É nesse período que temos a maior quantidade de palavras (29%). No período seguinte, dos 4,6 aos 5 anos, há uma grande diminuição dos dados e nessa faixa encontramos a menor quantidade de palavras prefixadas por *eN-* (17%). A respeito do prefixo *deS-*, há um crescimento progressivo do número de dados da primeira à penúltima faixa etária; na última faixa há uma diminuição de apenas 0,6% em relação à anterior, então consideramos que a última faixa mantém o resultado da penúltima. Sendo assim, no primeiro estágio o *deS-* está presente em 15,8% do total de *types* e no penúltimo estágio ele está em 36,2% dos dados. Até o terceiro estágio (4 aos 4,6 anos), o prefixo *eN-* é o segundo mais frequente e depois dele vem o *deS-*. Essa relação se inverte nos dois últimos estágios.

Gráfico 1 - Porcentagem de *types* por faixa etária e por prefixo na produção das crianças (*corpus* A).



Em resumo, com o avanço da idade, a produção de palavras prefixadas por *a-* decresce (mas o prefixo *a-* nunca deixa de ser o mais frequente) e a produção de palavras precedidas pelo *deS-* aumenta. Tendo em vista a alta frequência do prefixo *a-* nas primeiras faixas etárias e o crescimento do número de palavras com *deS-* nas últimas faixas, pressupomos que a aquisição do prefixo *a-* acontece antes da aquisição do *deS-*. Sobre o prefixo *eN-*, vimos que ele ocupa uma posição intermediária entre *a-* e *deS-*; pois não é tão frequente quanto o *a-*, mas, até o terceiro estágio, é um pouco mais frequente que o *deS-*.

A seguir, apresentamos a emergência dos prefixos na produção infantil e a distribuição desses nos diferentes estágios observados e nas diferentes formas. Além disso, falaremos sobre as características dessas formas prefixadas em relação às variáveis que consideramos neste trabalho: composicionalidade semântica da forma, contribuição semântica do prefixo e posição do prefixo; além de tratarmos da frequência que essas formas emergentes apresentam na produção adulta. Decidimos por considerar nas descrições dos próximos quadros somente a primeira ocorrência de cada forma prefixada em cada uma das crianças, e não todos os *types*, devido ao propósito da nossa observação, bem como à extensão que os quadros poderiam tomar.

Quadro 8 – Emergência das formas prefixadas – 3 a 3,6 anos (*corpus* A).

	Prefixos			
Idade	*a-*	*eN-*	*deS-*	Criança[27]
3;00.12			*desculp-*	**Ar**
3;00.30	**acab-**, *acompanh-*			**Ar**
3;01.07	**amass-**, **acab-**			Lz
3;01.14		*ench-*		Lz
3;01.20			desaparec-, *despedaç-*	Lz
3;01.25	*assust-*			**Ar**
3;02.05		**encaix-**, *engraç-*		Lz
3;02.11		*engraç-*		**Ar**
3;02.12	**arrum-**		desmont-	Lz
3;02.19			desarrum-	Lz
3;02.21	**acert-**			**Ar**
3;02.26			*desculp-*	Lz
3;03.24			*deslig-*	Lz
3;04.02	**afi-**, **arrum-**	enterr-		**Ar**
3;04.10	*aproxim-*, aterriss-	ench-		**Ar**
3;04.19			desmont-	**Ar**
3;05.14	*assopr-*			**Ar**
3;05.14	**arrum-**			*Am*

Legenda:

● Composicional e **há** presença prévia da palavra sem o prefixo (na mesma criança).

● *Composicional e **não há** presença (prévia) da palavra sem o prefixo (na mesma criança).*

● **Não composicional.**

a) Análise conjunta dos dados

Diante da disposição dos dados no quadro acima, podemos perceber, inicialmente, que nessa faixa etária as crianças produzem uma maior variedade de formas com os prefixos *a-* e *deS-*. A respeito da emergência dos prefixos, sabemos que o primeiro a aparecer no nosso *corpus* é o *deS-*, presente na forma *desculp-* (presente no verbo *desculpar* e seus derivados), aos 3 anos e 12 dias. Na sequência, surgem as formas prefixadas pelo *a-*: *acab-*[28], *acompanh-* e *amass-*; e, por fim, temos o prefixo *eN-*, em *ench-* (presente no verbo *encher* e seus derivados).

[27] Ar, Lz e Am são as letras iniciais dos nomes das crianças: Arthur, Luiza e Amelie.

[28] Consideramos importante ressaltar que alguns dados presentes em nosso *corpus*, como *acab-*, *arrum-*, *afi-*, *enfi-* e *desfil-*, estão, possivelmente, perdendo suas transparências morfológicas. A ausência de composicionalidade semântica nesses dados leva a uma cristalização da forma. No entanto, eles foram considerados em nossa análise, pois, somente após a finalização da descrição dos dados, pudemos chegar a essa observação. Destacamos que evidências mais robustas para atestar a perda de transparência morfológica de alguns dados podem ser obtidas por meio da realização de experimentos psicolinguísticos.

Sobre a forma *desculp-*, ela é de uso recorrente e na produção adulta conta com 67 *tokens*, sendo o quinto dado mais frequente em um total de 114 formas com prefixo. Além disso, não há na produção da criança a ocorrência prévia da forma sem o prefixo (*culp-)* como sinal de que as partes são identificadas. É possível que esses dados prefixados composicionais, muito frequentes e sem a produção (prévia) da forma simples correspondente sejam tratados pelas crianças como uma forma não analisável. A respeito do dado *acab-* (que forma o verbo *acabar* e seus derivados), além de ser o mais frequente tanto nos adultos quanto nas crianças, com, respectivamente, 286 e 174 *tokens*, ele é um dado não composicional, assim como *amass-* (presente no verbo *amassar*). Diferentemente, a formação *acompanh-* é composicional, bem menos frequente, com 7 *tokens* na fala adulta e 1 na fala infantil, mas sua forma simples (companhia) também não aparece nos dados infantis. Em casos semelhantes a esse, em que o dado é composicional, não há produção (prévia) da forma simples e a frequência é mais baixa, podemos supor duas possibilidades: que a criança realmente ainda não adquiriu a forma não prefixada e portanto o dado precedido pelo prefixo não é entendido como analisável e pode ter sido apenas produzido como uma repetição da produção do adulto, ou que a criança já adquiriu e usou a forma não prefixada em algum momento, apesar de não termos essa evidência em nossos dados. É importante destacar que há uma limitação prática nesse sentido: nossos dados, assim como toda amostra de dados, não compreendem toda a fala da criança. Nesse caso, diante do que as evidências podem nos mostrar, iremos assumir, em nossa análise, que os dados com composicionalidade semântica e ausência da produção prévia da forma não prefixada são dados possivelmente não analisáveis, independentemente da frequência na produção adulta.

A respeito das formas composicionais com presença prévia da forma sem prefixo (formas sublinhadas), o primeiro dado que surge é *desaparec-* (presente em *desaparecer*); esse dado surge aos 3 anos, 1 mês e 20 dias e tem 5 ocorrências na produção adulta e 10 na infantil. O próximo prefixo que aparece em uma forma composicional desse tipo é o *eN-*, em *enterr-* (que forma o verbo *enterrar*), com 4 *tokens* na fala adulta e 5 na infantil; por último, temos o *a-*, em *aterriss-* (presente no verbo *aterrissar*), com apenas uma ocorrência na produção infantil e nenhuma na produção adulta.

Nesse primeiro estágio, considerando apenas a composicionalidade da forma, isto é, considerando as formas composicionais com (sublinhadas) ou sem (itálicas) presença da forma simples, vemos que a distribuição de composicionalidade para cada prefixo é a seguinte: dos 13 dados precedidos pelo *a-*, 38,5% têm significado composicional; dos 6 dados formados com o *eN-*, 83,3% têm significado composicional; por fim, dos 8 dados com o prefixo *deS-*, 100%

apresentam composicionalidade semântica da forma. No geral, somando os três prefixos, dos 27 dados[29] que surgem entre os 3 anos e os 3 anos e meio, 18 (66,7%) são composicionais.

Por outro lado, quando olhamos exclusivamente as formas composicionais e com produção anterior da forma sem prefixo pela criança (sublinhadas), constatamos que dos 27 dados, apenas 7 (25,9%) correspondem a esse tipo: *desaparec-*, *desmont-* (2) (presente em *desmontar*), *desarrum-* (presente em *desarrumar*), *enterr-*, *ench-* e *aterriss-*. Esses são os dados que melhor indicam que a criança está analisando o prefixo; a maior parte deles é precedida pelo *deS-* (4 dados). Dessa maneira, nesse estágio, o prefixo *deS-* é o mais produtivo quando consideramos as formas analisáveis.

Sobre as contribuições semânticas das 18 formas com composicionalidade, temos: *mudança de posse abstrata*, presente em *acompanh-* e *assust-; mudança de estado,* em *aproxim-* e em 2 ocorrências da forma *ench-*; *formação de atividade*, em *assopr-* e em 2 ocorrências da forma *engraç-*; *mudança de lugar*, em *aterriss-* e *enterr-*; e, das contribuições de significado com o prefixo *deS-*, temos *reversão,* que aparece que 7 casos: *desculp-* (2 ocorrências), *desaparec-*, *desmont-* (2 ocorrências), *desarrum-* e *deslig-* (presente em *desligar*); e 1 dado com o significado de *separação*: *despedaç-* (presente em *despedaçar* e seus derivados). Observando apenas os dados composicionais com presença anterior da forma sem prefixo, ou seja, observando apenas os dados analisáveis, temos os significados de *mudança de lugar*, *mudança de estado* e *reversão*.

Por fim, a respeito da relação entre a frequência presente na produção adulta e a emergência das formas nessa faixa etária, temos os dados *acab-* (286)[30] e *arrum-* (246) (do verbo *arrumar*) entre os muito frequentes[31], e os dados *encaix-* (133) (do verbo *encaixar*), *ench-*

[29] Estamos contando as formas que se repetem em crianças diferentes.
[30] Número de *tokens*.
[31] Na produção adulta, a classificação de frequência das formas prefixadas é a seguinte:
- Acima de 155 *tokens*: *muito frequente*;
- De 23 a 155 *tokens*: *frequente*;
- De 2 a 23 *tokens*: *pouco frequente*;
- Apenas 1 *token*: *nada frequente*.

Na produção infantil, a classificação é:
- Acima de 62 *tokens*: *muito frequente*;
- De 9 a 62 *tokens*: *frequente*;
- De 2 a 9 *tokens*: *pouco frequente*;
- Apenas 1 *token*: *nada frequente*.

O critério para a adoção dessa classificação foi misto, pois, concomitantemente, consideramos o conhecimento que adquirimos em contato com os dados e fizemos um cálculo com base no total de *tokens*. Formas com número de *token* acima de 10% do total foram classificadas como *muito frequentes*, formas com número de *token* entre 1,5% e 10% do total foram classificadas como *frequentes*, formas com até 1,5% do total de *tokens* foram classificadas como *pouco frequentes*, e formas com apenas uma ocorrência foram classificadas como *nada frequentes*. As diferenças entre as classificações dos adultos e as das crianças se devem ao total de *tokens* de cada grupo.

(82), *desculp-* (67), *deslig-* (53), *engraç-* (49) (presente no verbo *engraçar* e seus derivados), *amass-* (44), *desmont-* (38), *acert-* (28) (presente no verbo *acertar* e seus derivados) e *assust-* (24) (presente no verbo *assustar* e seus derivados) entre os frequentes. Como podemos notar, nesse conjunto de dados frequentes encontramos uma maioria de formas não composicionais e composicionais sem presença (anterior) da forma não prefixada. De outro modo, entre os dados pouco ou nada frequentes, temos apenas um dado não composicional; o restante se divide entre os dois tipos que apresentam composicionalidade semântica da forma. Esses dados são: *assopr-* (12) (do verbo *assoprar*), *acompanh-* (7) (do verbo *acompanhar*), *desaparec-* (5), *afi-* (4) (presente em *afiar*), *enterr-* (4), *despedaç-* (3), *desarrum-* (3), *aproxim-* (3) (presente em *aproximar*) e *aterriss-* (0). Desses, 44% são composicionais e analisáveis. Considerando as repetições que ocorrem entre as três crianças, que são das formas *desculp-*, *acab-*, *ench-*, *engraç-*, *arrum-* e *desmont-*, temos, nesse estágio, 18 dados (66,7%) entre os frequentes e muito frequentes, e 9 dados (33,3%) entre os pouco ou nada frequentes.

b) Análise individual dos dados

Partindo para uma observação individual das três crianças, começamos primeiro pela Luiza (Lz), que apresenta maior número de dados. Nos dados que possuímos dessa criança, a emergência dos prefixos acontece da seguinte maneira: o prefixo *a-* é o primeiro a surgir, nas formas *amass-* e *acab-*; como foi citado acima, essas duas formas não apresentam composicionalidade semântica e são frequentes na produção adulta. O segundo prefixo que aparece é o *eN-*, na forma *ench-*; essa forma, ao contrário da anterior, apresenta composicionalidade, mas sua forma simples não foi anteriormente produzida pela criança. Além disso, também está entre as mais frequentes no *input*, com 82 ocorrências. Em seguida, temos o prefixo *deS-*, o último a ser produzido. Esse prefixo surge nas formas *desaparec-* e *despedaç-*. A primeira é composicional com presença prévia da forma simples e a segunda é composicional sem presença (prévia) da forma simples. Ambas são pouco frequentes na fala adulta, com respectivamente 5 e 3 ocorrências.

Ao todo, nessa faixa etária, as formas emergentes da Luiza, por ordem de aparição, são: *amass-*, *acab-*, *ench-*, *desaparec-*, *despedaç-*, *encaix-*, *engraç-*, *arrum-*, *desmont-*, *desarrum-*, *desculp-* e *deslig-*; portanto, temos 12 dados emergentes. O prefixo *deS-* é o mais frequente e está presente em 6 desses dados e tanto o prefixo *eN-* quanto o *a-* estão presentes em 3 dados.

Sobre a disposição da composicionalidade semântica entre os prefixos, temos que dos 6 dados prefixados pelo *deS*, 100% são composicionais; dos 3 dados com *eN-*, 2 (66,7%) também são composicionais; e, dos 3 dados com o prefixo *a-*, 100% não apresentam

composicionalidade semântica. Dentre os 8 dados (66,7%) que possuem composicionalidade semântica, 5 são do tipo sem presença da forma simples (*ench-*, *despedaç-*, *engraç-*, *desculp-* e *deslig-*) e 3 são do tipo com presença anterior da forma simples (*desaparec-*, *desmont-* e *desarrum-*). Tendo isso em vista, do total de dados emergentes, 3 (25%) possuem as características de um dado analisável pela criança e esse são precedidos apenas pelo *deS-*.

Acerca das contribuições semânticas dos 8 dados com composicionalidade, encontramos, nas formas prefixadas pelo *deS-*, os significados de *reversão* (em *desculp-*, *deslig-*, *desaparec-*, *desmont-* e *desarrum-*) e de *separação* (em *despedaç-*). Nas 2 formas precedidas pelo *eN-*, os significados são de *mudança de estado* (em *ench-*) e de *formação de atividade* (em *engraç-*). A única contribuição semântica presente nas formas composicionais analisáveis é a contribuição semântica de *reversão.*

Por último, sobre a frequência na fala adulta das formas emergentes, temos 9 dados (75%) entre as formas frequentes e muito frequentes. Eles são: *acab-* (286), *arrum-* (246), *encaix-* (133), *ench-* (82), *desculp-* (67), *deslig-* (53), *engraç-* (49), *amass-* (44) e *desmont-* (38). Como é possível observar, todas as formas sem composicionalidade semântica que surgem na produção da Luiza nessa primeira faixa etária estão entre os dados mais frequentes. Além dessas, que totalizam 4 dados, temos também um total de 4 dados de formas composicionais sem a presença (anterior) da forma simples e apenas 1 dado composicional analisável, isto é, com ocorrência prévia da forma simples. Dos 3 dados que estão entre os pouco frequentes e que representam 25% do total das formas emergentes, 2 são composicionais analisáveis: *desaparec-* (5) e *desarrum-* (3), e 1 é do tipo composicional não analisável: *despedaç-* (3).

Acerca da emergência dos prefixos nos dados produzidos pelo Arthur, chegamos ao seguinte quadro: o primeiro prefixo a aparecer é o *deS-*, na forma *desculp-*; o segundo é o *a-*, em *acab-*, *acompanh-* e *assust-*; e o prefixo *eN-* é o último, na forma *engraç-*. Desses dados emergentes, o único com pouca frequência nos adultos é o *acompanh-*, com 7 *tokens*. Os outros estão entre os frequentes (*desculp-*, *assust-*, *engraç-*) e muito frequentes (*acab-*). Sobre a composicionalidade, nenhum desses dados são do tipo composicional com presença prévia da forma simples. O primeiro dado desse tipo surge aos 3 anos, 4 meses e 2 dias, com o prefixo *eN-* (*enterr-*).

Na produção do Arthur, as formas que se manifestam ao longo de toda essa faixa etária são: *desculp-*, *acab-*, *acompanh-*, *assust-*, *engraç-*, *acert-*, *afi-*, *arrum-*, *enterr-*, *aproxim-*, *aterriss-*, *ench-*, *desmont-* e *assopr-*. No total, são 14 formas. Diferentemente do que vimos na produção da Luiza, aqui o prefixo mais frequente é o *a-* e ele está presente em 9 dados (64,3%).

Mas considerando apenas as formas composicionais analisáveis, o mais produtivo é o *eN-*. O prefixo *eN-* está presente em 3 dados e o *deS-* em 2 dados.

A respeito da composicionalidade semântica da forma, os 9 dados prefixados por *a-* se dividem da seguinte maneira: 4 dados (44,4%) não possuem composicionalidade: *acab-*, *acert-*, *afi-* e *arrum-*; e 5 possuem (55,6%): *acompanh-*, *assust-*, *aproxim-*, *aterriss-* e *assopr-*. No entanto, desses 5 dados com composicionalidade, apenas um é do tipo analisável (com produção da forma sem prefixo *terr-*): *aterriss-*. Dos 3 dados prefixados pelo *eN-*, 2 são composicionais do tipo analisável (*enterr-* e *ench-*) e 1 é do tipo composicional sem presença (prévia) da forma simples (*engraç-*). Por fim, os 2 dados precedidos pelo *deS-*, *desculp-* e *desmont-*, também se dividem entre os dois tipos de dados composicionais. Agrupando esses 14 dados, podemos dizer que 10 (71,4%) deles são composicionais. Observando especificamente os dados composicionais analisáveis, temos 4 ocorrências (28,6%): *enterr-*, *ench-*, *aterriss-* e *desmont-*.

Sobre as contribuições semânticas, encontramos os significados de *mudança de posse abstrata* (em *acompanh-* e *assust-*), *mudança de estado* (em *aproxim-* e *ench-*), *formação de atividade* (em *assopr-* e *engraç-*), *mudança de lugar* (em *aterriss-* e *enterr-*) e *reversão* (em *desculp-* e *desmont-*). Levando em conta apenas as formas analisáveis pela criança, os significados presentes são: *mudança de lugar*, *mudança de estado* e *reversão.*

Referente à frequência das formas no *input*, dos 14 dados emergentes, 8 (57%) estão entre os frequentes e muito frequentes; esses são: *acab-* (286), *arrum-* (246), *ench-* (82), *desculp-* (67), *engraç-* (49), *desmont-* (38), *acert-* (28) e *assust-* (24). Os 6 dados restantes, que correspondem a 43% do total e estão entre os pouco ou nada frequentes, são: *assopr-* (12), *acompanh-* (7), *afi-* (4), *enterr-* (4), *aproxim-* (3) e *aterriss-* (0). Dentre os 8 dados mais frequentes, 3 (37,5%) não têm composicionalidade semântica e 5 (62,5%) apresentam significado composicional; desses 5 que apresentam composicionalidade, apenas 2 são analisáveis (com presença prévia da forma sem prefixo). Portanto, os analisáveis representam 25% do conjunto de dados frequentes e muito frequentes. Dentre os 6 dados menos frequentes, apenas 1 (17%) não possui composicionalidade semântica. Sobre os 5 (83%) que apresentam composicionalidade, 2 (33%) são analisáveis.

Por fim, sobre a produção da Amelie, a única forma emergente na faixa etária em questão é *arrum-*. Conforme já comentamos, essa forma não apresenta composicionalidade semântica e é muito frequente na produção dos adultos. A baixa produção da Amelie está relacionada ao baixo número de sessões de gravação que temos disponível, conforme destacamos no item 3.1.

Abaixo, no quadro 9, apresentamos um resumo da emergência dos prefixos nas 3 crianças.

Quadro 9 – Emergência dos prefixos.

	Luiza			Arthur			Amelie		
Ordem	Prefixo	Tipo de forma	Freq. da forma no *input*	Prefixo	Tipo de forma	Freq. da forma no *input*	Prefixo	Tipo de forma	Freq. da forma no *input*
1º	*a-*	**acab-** **amass-**	MF/F[32]	*deS-*	*desculp-*	F	*a-*	**arrum-**	MF
2º	*eN-*	*ench-*	F	*a-*	**acab-** *acompanh-*	MF/PF	_	_	_
3º	*deS-*	desaparec- *despedaç-*	PF	*eN-*	*engraç-*	F	_	_	_

Diante do quadro apresentado, podemos tirar algumas conclusões:

a) sobre os prefixos, o *a-* é o primeiro a surgir em duas das três crianças e em maior quantidade. No caso do Arthur, a palavras *desculpa* aparece primeiro, mas se comporta como uma interjeição;
b) sobre a composicionalidade semântica da forma, vemos que, inicialmente, aparecem formas sem composicionalidade, ou seja, o prefixo, nessas formas, ocupa uma posição interna em relação à raiz na estrutura; e aparecem formas com composicionalidade, mas não analisadas pela criança; e,
c) sobre a influência da frequência vinda do *input*, percebemos que as formas emergentes são majoritariamente frequentes ou muito frequentes na produção adulta.

Conforme vimos no item 2.4, Clark (2001) aponta que a complexidade formal e semântica do afixo e a frequência em *types* são fatores determinantes para as primeiras produções das crianças. Isso significa que as crianças dão preferência aos afixos mais simples em relação ao significado, mais simples em relação à forma e mais frequentes em número de *types*.

Nos resultados apresentados acima, algumas previsões apontadas por Clark (2001) se confirmam. Sobre a simplicidade da forma, nosso afixo mais simples é o *a-*. Esse também é o

[32] MF = muito frequente, F = frequente e PF = pouco frequente.

afixo mais frequente em número de *types* na fala adulta. Como foi possível observar, o prefixo *a-* é o mais recorrente nas primeiras formas emergentes da fala infantil e parece ser o primeiro a surgir. Sobre a simplicidade em relação ao significado, se considerarmos que palavras sem composicionalidade são mais simples por formarem estruturas mais simples, com menos camadas para serem interpretadas a previsão também se confirma, pois as primeiras formas que aparecem não apresentam composicionalidade semântica e, quando apresentam, não são analisáveis. No entanto, vale lembrar que apesar de as formas com composicionalidade do significado não serem as primeiras formas a emergir, elas são maioria na produção infantil.

A seguir, apresentamos os detalhes das formas que emergem na segunda faixa etária: 3,6 a 4 anos de idade.

Quadro 10 - Emergência das formas prefixadas – 3,6 a 4 anos (*corpus* A).

	Prefixos			
Idade	*a-*	*eN-*	*deS-*	Criança
3;07.07			**descobr-**	**Ar**
3;07.28		enrol-	desaparec-	**Ar**
3;07.28		*enrol-*		Lz
3;08.15	*acredit-*			**Ar**
3;08.25	afund-			Lz
3;08.30	*acamp-*[33], *aproveit-*			**Ar**
3;09.09			**descompet-**	Lz
3;09.16	**apresent-**		descans-	Lz
3;09.30		*envenen-*		Lz
3;10.07	*assust-*			Lz
3;10.10	**acab-**			*Am*
3;10.11			**desanim-**	**Ar**
3;10.14			*desobedec-*	**Ar**
3;10.14		*envergonh-*		Lz
3;10.28	**amass-**			**Ar**
3;10.28		endurec-, **enrosc-**		Lz
3;11.07		**encaix-**		**Ar**
3;11.16	apont-, *assopr-*, *afund-*			*Am*
3;11.21	afund-		descans-	**Ar**

Legenda:

● Composicional e **há** presença prévia da palavra sem o prefixo (na mesma criança).

● *Composicional e **não há** presença (prévia) da palavra sem o prefixo (na mesma criança).*

● **Não composicional.**

a) Análise conjunta dos dados

No intervalo ilustrado pelo quadro acima, temos a emergência de 26 formas. O prefixo mais frequente nesse intervalo é o *a-*, mas considerando apenas as formas analisáveis, constatamos que, proporcionalmente, o mais produtivo é o *deS-*, assim como ocorre na faixa etária anterior.

Sobre a composicionalidade semântica das formas, dos 26 dados presentes nesse intervalo, 18, ou 69%, têm composicionalidade semântica. Observando individualmente cada um dos prefixos, encontramos o seguinte: 75% dos dados prefixados pelo *a-* possuem

[33] O dado *acamp-* apresenta composicionalidade semântica bem como a presença anterior da forma sem prefixo (*camp-*) na produção da criança; no entanto, não iremos considerá-lo como um dado analisável porque, pelo contexto, fica evidente que é uma repetição da produção adulta. Tanto na produção adulta quanto na infantil, há apenas uma ocorrência da forma *acamp-*. Dessa maneira, consideraremos que a forma em questão é do tipo composicional não analisável (formas em itálico/azul).

composicionalidade (com ou sem presença anterior da forma simples), isso corresponde a 9 dados, de um total de 12. Conforme é possível verificar no quadro, esses dados são: *acredit-* (de *acreditar*), *afund-* (de *afundar*) (3 ocorrências, uma de cada criança), *acamp-* (de *acampar*), *aproveit-* (de *aproveitar*), *assust-*, *apont-* (de *apontar*) e *assopr-*. Os dados sem composicionalidade são: *apresent-* (presente em *apresentar*), *acab-* e *amass-*. Sobre o prefixo *eN-*, 71,4% dos dados têm composicionalidade, isto é, do total de 7 dados, 5 apresentam essa característica. Esses são: *enrol-* (presente em *enrolar*) (2 ocorrências), *envenen-* (de *envenenar*), *envergonh-* (de *envergonhar*) e *endurec-* (de *endurecer*). Os 2 dados restantes são *enrosc-* (presente em *enroscar*) e *encaix-*. Por fim, sobre o *deS-*, dos 7 dados emergentes com esse prefixo, 57% (4 dados) apresentam composicionalidade semântica: *desaparec-*, *descans-* (presente no verbo *descansar* e seus derivados) (2 ocorrências) e *desobedec-* (presente em *desobedecer*). Os dados sem composicionalidade são: *descobr-* (presente em *descobrir* e seus derivados), *descompet-* (presente em *descompetiu*) e *desanim-* (presente em *desanimado*). A respeito do dado *descobr-*, como já exemplificamos anteriormente, ele é o tipo de dado que pode ter ou não composicionalidade semântica, a depender do contexto. Outros dados como esse, presentes em nosso *corpus*, são: *acert-* e *enforc-*. Sobre a forma *descompet-*, ela aparece na palavra *descompetiu*, que é uma palavra nova, mas, pelo contexto deficitário, não conseguimos identificar a sua composicionalidade semântica[34]. Acerca da forma *desanim-*, ela aparece na palavra *desanimado* e essa palavra apresenta composicionalidade semântica, mas, nos nossos dados, a criança utiliza a palavra com o sentido oposto, de *feliz*[35]. Devido à emergência das formas *descompet-* e *desanim-* em duas crianças diferentes e devido às suas características, nos parece que nessa faixa etária as crianças estão testando o uso de palavras que elas ainda não conhecem.

Vimos acima que grande parte das formas emergentes apresentam composicionalidade semântica. No entanto, considerando somente as formas composicionais analisáveis (com presença anterior da forma sem prefixo), o resultado é: das 26 formas, 8, ou 31%, pertencem a esse grupo. Essas formas são: *afund-* (2 ocorrências), *apont-*, *enrol-*, *endurec-*, *desaparec-* e *descans-* (2 ocorrências).

A respeito das contribuições semânticas, encontramos, nos 18 dados que apresentam composicionalidade, os significados de *mudança de posse abstrata*, em *acredit-*, *aproveit-* e *assust-*; *mudança de lugar*, em *afund-* e *acamp-*; *mudança de configuração*, em *apont-* e

[34] "CHI: mas ele não descompetiu [?] com essa xxx."
[35] "CHI: eu (es)to(u) desanimado. [...] GRM: o que que é desanimado? CHI: desanimado é quando que a gente (es)tá feliz.

enrol-; *mudança de estado*, em *envergonh-* e *endurec-*; *formação de atividade*, em *assopr-*; *mudança de posse concreta*, em *envenen-*; *reversão*, em *desaparec-* e *descans-*; e *negação*, em *desobedec-*. Contemplando somente os dados composicionais analisáveis, temos as contribuições semânticas de *mudança de lugar*, *mudança de configuração*, *mudança de estado* e *reversão*.

Acerca da frequência, as formas frequentes e muito frequentes na produção adulta que surgem nessa faixa etária são: *acab-* (286), *encaix-* (133), *enrol-* (47), *amass-* (44), *aproveit-* (36), *descobr-* (34) e *assust-* (24). No conjunto dos dados pouco ou nada frequentes, temos: *descans-* (22), *acredit-* (20), *assopr-* (12), *apresent-* (9), *afund-* (6), *endurec-* (5), *envenen-* (5), *desaparec-* (5), *apont-* (4), *envergonh-* (3), *desanim-* (3), *desobedec-* (2), *acamp-* (1), *enrosc-* (0) e *descompet-* (0). Do total de 26 dados emergentes, 8 (31%) são frequentes ou muito frequentes e 18 (69%) são pouco ou nada frequentes. Aqui temos um novo cenário em comparação com a faixa etária anterior, na qual a maior parte dos dados está entre os mais frequentes. O grupo dos dados frequentes ou muito frequentes é composto, em sua maioria, por formas não analisáveis pela criança: 50% (4 dados) são formas sem composicionalidade semântica e 37,5% são de formas com composicionalidade, mas sem presença (anterior) da forma simples; há apenas um dado analisável (12,5%): *enrol-*. O grupo dos dados pouco ou nada frequentes também contém majoritariamente formas não analisáveis pela criança: 22% dos dados não têm composicionalidade e 39% são composicionais sem presença (prévia) da forma simples. Os analisáveis (composicionais com presença anterior da forma simples) correspondem a 39%.

b) Análise individual dos dados

Tratando inicialmente da produção da Luiza, temos a emergência de 10 formas diferentes: *enrol-*, *afund-*, *descompet-*, *apresent-*, *descans-*, *envenen-*, *assust-*, *envergonh-*, *endurec-* e *enrosc-*. Podemos perceber que o prefixo *eN-* é o mais frequente. Considerando exclusivamente os dados analisáveis (sublinhados/verdes), vemos, a partir do quadro acima, que o prefixo mais produtivo continua sendo o *deS-*.

Sobre a composicionalidade semântica, 7 (70%) dos 10 dados são composicionais: *enrol-*, *afund-*, *descans-*, *envenen-*, *assust-*, *envergonh-* e *endurec-*; mas apenas 3 (30%) são analisáveis (composicionais com presença prévia da forma sem prefixo): *afund-*, *endurec-* e *descans-*. Observando os dados por prefixo, vemos que o prefixo *a-* tem um dado de cada tipo: *afund-* é composicional analisável, *apresent-* não é composicional e *assust-* é composicional não analisável; dos 5 dados com *eN-*, 3 (60%) têm composicionalidade semântica e não são

analisáveis (*enrol-*, *envenen-* e *envergonh-*), 1 (20%) não tem composicionalidade e 1 (20%) é analisável (*endurec-*); por fim, dos 2 dados prefixados pelo *deS-*, um apresenta composicionalidade e é analisável (*descans-*) e o outro é do tipo não composicional. Os dados sem composicionalidade semântica são: *descompet-*, *apresent-* e *enrosc-*.

Referente às contribuições semânticas dos 7 dados que apresentam composicionalidade, temos a presença dos significados de *mudança de configuração* (*enrol-*), *mudança de lugar* (*afund-*), *reversão* (*descans-*), *mudança de posse concreta* (*envenen-*), *mudança de posse abstrata* (*assust-*) e *mudança de estado* (*envergonh-* e *endurec-*). Considerando somente as contribuições semânticas que estão presentes nos dados analisáveis, temos: *mudança de lugar*, *mudança de estado* e *reversão*.

Sobre a frequência das formas, encontramos, entre os 10 dados emergentes da Luiza, 2 (20%) formas classificadas como frequentes na produção adulta: *enrol-* (47) e *assust-* (24); e 8 (80%) formas classificadas como pouco ou nada frequentes: *descans-* (22), *apresent-* (9), *afund-* (6), *endurec-* (5), *envenen-* (5), *envergonh-* (3), *enrosc-* (0) e *descompet-* (0). Os dados mais frequentes são composicionais não analisáveis e entre os dados menos frequentes há os 3 dados analisáveis e os 3 não composicionais, além de 2 dados composicionais não analisáveis.

Com relação à produção do Arthur, há um total de 12 formas emergentes: *descobr-*, *enrol-*, *desaparec-*, *acredit-*, *acamp-*, *aproveit-*, *desanim-*, *desobedec-*, *amass-*, *afund-*, *encaix-* e *descans-*. Considerando todo o conjunto de dados, os prefixos *a-* e *deS-* são igualmente frequentes; no entanto, observando apenas os dados analisáveis, vemos que, proporcionalmente, o prefixo mais produtivo é o *eN-* e em seguida o *deS-*.

A respeito da composicionalidade semântica, 67% dos dados possuem essa característica. Esses são: *enrol-*, *desaparec-*, *acredit-*, *acamp-*, *aproveit-*, *desobedec-*, *afund-* e *descans-*. Os dados sem composicionalidade semântica são: *descobr-*, *desanim-*, *amass-* e *encaix-*. Dos 5 dados prefixados por *a-*, 4 (80%) são composicionais, mas desses, apenas 1 é analisável; dos 2 dados prefixados pelo *eN-*, um é analisável e o outro não apresenta composicionalidade semântica; e dos 5 dados prefixados pelo *deS-*, 3 (60%) são composicionais. Dentre esses 3 dados composicionais, 2 são analisáveis. Sendo assim, do total de 12 dados emergentes na produção do Arthur, 4 (33%) são analisáveis: *afund-*, *enrol-*, *desaparec-* e *descans-*.

As contribuições semânticas que encontramos nos 8 dados com composicionalidade dessa faixa etária são: *mudança de posse abstrata* (*acredit-* e *aproveit-*), *mudança de lugar* (*afund-* e *acamp-*), *mudança de configuração* (*enrol-*), *reversão* (*desaparec-* e *descans-*) e

negação (*desobedec*-). Considerando apenas os significados presentes nos dados analisáveis, temos: *mudança de lugar, mudança de configuração* e *reversão*.

Sobre a frequência das formas, 5 (42%) dos 12 dados que aparecem na produção do Arthur nessa faixa etária são classificados como frequentes no *input*: *encaix*- (133), *enrol*- (47), *amass*- (44), *aproveit*- (36) e *descobr*- (34). Dentre esses, 1 (20%) é composicional e analisável, 3 (60%) são possuem composicionalidade semântica e 1 (20%) é composicional não analisável. Os outros 7 dados, classificados como pouco ou nada frequentes, são: *descans*- (22), *acredit*- (20), *afund*- (6), *desaparec*- (5), *desanim*- (3), *desobedec*- (2) e *acamp*- (1). Dentre esses, 3 (43%) são composicionais e analisáveis, 3 (43%) são composicionais não analisáveis e 1 (14%) não apresenta composicionalidade semântica.

Por fim, acerca da produção da Amelie, encontramos 4 formas emergentes nessa faixa etária: *acab*-, *apont*-, *assopr*- e *afund*-. Sobre a composicionalidade semântica, 3 (75%) dos 4 dados são composicionais, esses são *apont*-, *assopr*- e *afund*-; mas apenas *apont*- é analisável, correspondendo a 25% do total de dados. A contribuição semântica de *apont*- é *mudança de configuração*. As contribuições dos dados não analisáveis são: *formação de atividade* (*assopr*-) e *mudança de lugar* (*afund*-). A respeito da frequência dos dados na produção adulta, temos a seguinte distribuição: o dado *acab*- (286), sem composicionalidade semântica, é classificado como muito frequente e os dados *assopr*- (12), *afund*- (6) e *apont*- (4), todos com composicionalidade, mas apenas 1 analisável, estão entre os pouco frequentes. A seguir, comentamos sobre as formas que surgem na terceira faixa etária: 4 a 4,6 anos.

Quadro 11 - Emergência das formas prefixadas – 4 a 4,6 anos (*corpus* A).

	Prefixos			
Idade	*a-*	*eN-*	*deS-*	Criança
4;00.17	*acredit-*			*Am*
4;00.18	assopr-			Lz
4;01.13	abaix-			**Ar**
4;01.15		**embaralh-**		Lz
4;02.21		**encost-**		**Ar**
4;02.28	apont-			Lz
4;03.05			**descobr-**	Lz
4;03.12	atir-			**Ar**
4;03.12			disjunt-	Lz
4;03.19		**encost-**	desf (az, iz, aç, ar) -	Lz
4;03.26		**enforc-**		Lz
4;04.24	ajunt-			Lz
4;05.07		*entort-*		Lz
4;05.20			deslig-	**Ar**

Legenda:

- Composicional e **há** presença prévia da palavra sem o prefixo (na mesma criança).
- *Composicional e **não há** presença (prévia) da palavra sem o prefixo (na mesma criança).*
- **Não composicional.**

Como é possível notar no quadro acima, nesta faixa etária há um total de 15 dados emergentes. Grande parte desses dados, mais especificamente 67% deles, ou seja, 10 dados, são produzidos somente pela Luiza. Os 5 dados restantes estão distribuídos entre o Arthur, com 4 dados, e a Amelie, com 1 dado.

Inicialmente, observando os 10 dados produzidos pela Luiza, que são: *assopr-*, *embaralh-* (presente em *embaralhar* e seus derivados), *apont-*, *descobr-*, *disjunt-* (presente em *disjunta*), *encost-* (presente em *encostar*), *desf(az, iz, aç, ar)-* (presente em *desfazer*), *enforc-* (presente em *enfocar*), *ajunt-* (presente em *ajuntar*) e *entort-* (presente em *entortar*), notamos que o prefixo mais frequente é o *eN-*. Considerando apenas a produtividade nas formas analisáveis, o prefixo *a-* é o mais produtivo e em seguida temos o *deS-*.

Sobre as formas com composicionalidade semântica, essas correspondem a 60% do total de dados. Em relação às faixas etárias anteriores, aqui há uma diferença: a maior parte dos dados com composicionalidade são analisáveis; dos 6 dados composicionais *(assopr-*, *apont-*, *ajunt-*, *entort-*, *disjunt-* e *desf(az, iz, aç, ar)-*, apenas *entort-* é do tipo não analisável (sem presença (prévia) da forma não prefixada). Os dados sem composicionalidade semântica são *embaralh-*,

encost-, *enforc-* e *descobr-*. Fazendo uma distinção entre dados analisáveis e não analisáveis, temos 50% de cada tipo. Observando separadamente cada um dos prefixos, vemos que 100% dos dados com o prefixo *a-* apresentam composicionalidade e são analisáveis; dos 4 dados prefixados pelo *eN-*, 100% não são analisáveis: 1 (25%) é composicional sem presença (prévia) da forma simples e 3 (75%) não têm composicionalidade semântica; sobre o *deS-*, dos 3 dados emergentes, 2 (67%) são analisáveis e 1 (33%) não apresenta composicionalidade. As contribuições semânticas presentes nos dados analisáveis da Luiza são: *formação de atividade* (*assopr-*), *mudança de configuração* (*apont-*), *mudança de estado* (*ajunt-*) e *reversão* (*disjunt-* e *desf(az, iz, aç, ar)-*).

Acerca da classificação dos dados emergentes diante da frequência presente na produção adulta, dos 10 dados produzidos, 2 (20%) são frequentes: *descobr* (34) e *encost-* (24); como o quadro 11 nos mostra, esses dois dados não são analisáveis. Entre os pouco ou nada frequentes, temos 8 formas: *assopr-* (12), *embaralh-* (10), *desf(az, iz, aç, ar)-* (8), *apont-* (4), *enforc-* (3), *entort-* (3), *disjunt* (1) e *ajunt-* (0); dessas 8 formas, 5 (62,5%) têm composicionalidade semântica e são analisáveis, 2 (25%) não têm composicionalidade e 1 (12,5%) é composicional do tipo não analisável. Sobre o dado *disjunt-*, ele é uma formação nova e a sua única ocorrência na produção adulta corresponde apenas a uma repetição da produção da criança. Na situação em que esse dado foi produzido, a criança pede para a mãe não separar (*disjuntar*) as peças do quebra-cabeça[36].

Sobre a produção do Arthur, como citamos acima, há um total de 4 formas emergentes nessa faixa etária. Essas formas são: *abaix-* (de *abaixar*), *atir-* (de *atirar*), *encost-* e *deslig-* (de *desligar*). Aqui, o prefixo mais frequente (formas no geral) e mais produtivo (formas analisáveis) é o *a-*. Do conjunto desses 4 dados, 3 (75%) apresentam composicionalidade semântica e a presença prévia da forma sem prefixo, isto é, são analisáveis, e 1 (25%) é do tipo que não possui composicionalidade (*encost-*). Observando separadamente os prefixos, o *a-* está em 2 dos 3 dados analisáveis e o dado restante é precedido pelo *deS-*. Acerca das contribuições semânticas presentes nesses 3 dados, temos: *mudança de estado* (em *abaix-*), *formação de atividade* (em *atir-*) e *reversão* (em *deslig-*). Referente à frequência das formas emergentes, *deslig-* (53) e *encost-* (24) estão entre as formas classificadas como frequentes na produção adulta, e *abaix-* (12) e *atir-* (3) são classificadas como pouco frequentes. Como podemos perceber, o único dado não analisável, *encost-*, está entre as formas frequentes, e 2 dos 3 dados analisáveis são pouco frequentes.

[36] "CHI: e não disjunta tá? MOT: tá eu não vou disjuntar não."

Sobre a produção da Amelie, nesse faixa etária encontramos apenas a emergência da forma *acredit-* (presente em *acreditar*). Esse dado, conforme já vimos anteriormente, é do tipo que apresenta composicionalidade, mas não há a presença (prévia) da forma sem prefixo. Ou seja, é um dado possivelmente não analisável. Sua contribuição semântica é a de *mudança de posse abstrata* e, sobre a frequência da forma no *input*, ela é classificada como pouco frequente, com 20 *tokens*.

Em uma breve análise conjunta dessa faixa etária, vemos que o prefixo *a-* se mantém como o mais produtivo; a maior parte dos dados, isto é, 67%, apresenta composicionalidade semântica; 53% dos dados são analisáveis e as contribuições semânticas presentes nesses dados são: *formação de atividade* (*assopr-* e *atir-*), *mudança de estado* (*abaix-* e *ajunt-*), *mudança de configuração* (*apont-*) e *reversão* (*disjunt-*, *desf(az, iz, aç, ar)-* e *deslig*). Por fim, sobre a frequência das formas, 73% estão entre as formas classificadas como pouco ou nada frequentes na produção adulta. Além disso, são as formas analisáveis que constituem a maior parte (64%) desse grupo de formas pouco ou nada frequentes. Adiante, apresentamos a quarta e penúltima faixa etária.

Quadro 12 - Emergência das formas prefixadas – 4,6 a 5 anos (*corpus* A).

	Prefixos			
Idade	*a-*	*eN-*	*deS-*	Criança
4;06.01		**enfi-**	desapert-	**Ar**
4;06.13	*atir-*			Lz
4;06.20			*desajeit-*	Lz
4;06.27			descol-	Lz
4;07.03		**engatinh-**		Lz
4;07.24	*adormec-*[37]			Lz
4;08.14		*ensabo-*		Lz
4;08.21	**acert-**			Lz
4;08.28			**descarg-**	Lz
4;09.19	acalm-		**desembol-**	Lz
4;10.09		enterr-		Lz
4;10.23			desenrol-	Lz
4;11.00			descartel-	Lz

Legenda:

- Composicional e **há** presença prévia da palavra sem o prefixo (na mesma criança).
- *Composicional e **não há** presença (prévia) da palavra sem o prefixo (na mesma criança).*
- **Não composicional.**

Nesta faixa etária também temos um total de 15 dados emergente; 13 (87%) desses dados são parte da produção da Luiza e 2 (13%) correspondem à produção do Arthur. A princípio, observando a produção de formas emergentes pela Luiza, encontramos os dados: *atir-*, *desajeit-* (presente no verbo *desajeitar*), *descol-* (presente em *descolar*), *engatinh-* (presente em *engatinhar*), *adormec-* (presente em *adormecer*), *ensabo-* (presente em *ensaboar*), *acert-* (presente em *acertar*), *descarg-* (presente em *descarga*), *acalm-* (presente em *acalmar*), *desembol-* (presente em *desembolar*), *enterr-*, *desenrol-* (presente em *desenrolar*) e *descartel-* (presente em *descartela*). Em uma visão geral dos dados e em uma visão que considera apenas as formas analisáveis, podemos afirmar que o prefixo *deS-* é o mais frequente e o mais produtivo.

Sobre a composicionalidade semântica, 9 dados (69%) apresentam essa característica. Esses são: *atir-*, *desajeit-*, *descol-*, *adormec-*, *ensabo-*, *acalm-*, *enterr-*, *desenrol-* e *descartel-*. O dado *descartel-* é composicional, mas não há a forma sem prefixo (*cartel-*) na produção da

[37] O dado *adormec-* apresenta composicionalidade semântica bem como a presença anterior da forma sem prefixo (*dorm-*) na produção da criança; no entanto, pelo contexto, podemos perceber claramente que se trata de uma repetição da produção adulta e não de uma forma que é analisada pela criança. Desse modo, a forma *adormec-* foi classificada como uma forma do tipo composicional não analisável (formas em itálico/azul).

criança; ou seja, esse dado deveria ser classificado como um dado composicional não analisável. No entanto, por se tratar de uma forma nova, criada pela criança, e pelo contexto, no qual a criança usa a palavra *descartela* para pedir à mãe que *destaque as cartelas* de um jogo, podemos notar que *descartel-* é analisável. Sendo assim, como uma exceção, esse dado foi classificado como composicional analisável (formas sublinhadas/verdes). Assim como vimos na descrição da faixa etária anterior, aqui, a maior parte dos dados composicionais também corresponde a dados analisáveis, totalizando 56% dos casos. Os dados sem composicionalidade semântica são: *engatinh-, acert-, descarg-* e *desembol-*. Pelo contexto da produção, verificamos que a forma *desembol-*, presente na palavra *desembolado,* é usada com sentido oposto[38]. Examinando cada um dos prefixos, dos 4 dados com *a-*, 2 (50%) são composicionais não analisáveis, 1 (25%) é composicional analisável e 1 (25%) não têm composicionalidade semântica. A respeito do prefixo *eN-*, seus 3 dados estão igualmente distribuídos entre os 3 tipos de classificação: composicional analisável, composicional não analisável e não composicional. Sobre o *deS-*, dos seus 6 dados, 3 (50%) são analisáveis, 1 (17%) é do tipo composicional não analisável e 2 (33%) não apresentam composicionalidade semântica. Por fim, estabelecendo uma divisão entre dados analisáveis e não analisáveis, das 13 formas emergentes, 8 (61,5%) não são analisáveis.

Acerca das contribuições semânticas presentes nas formas com composicionalidade, temos *formação de atividade* (*atir-*), *mudança de estado* (*adormec-* e *acalm-*), *mudança de posse concreta* (*ensabo-*), *mudança de lugar* (*enterr-*), *negação* (*desajeit-*), *reversão* (*descol-* e *desenrol-*) e *separação* (*descartel-*). Considerando somente as contribuições semânticas presentes nas formas analisáveis, temos: *mudança de estado* (*acalm-*), *mudança de lugar* (*enterr-*), *reversão* (*descol-* e *desenrol-*) e *separação* (*descartel-*).

Referente à frequência, das 13 formas produzidas pela Luiza, apenas *acert-* é classificada como frequente na produção adulta, com 28 *tokens*. Essa forma, como vimos, não contém composicionalidade semântica. Dentre as classificadas como pouco frequentes no *input,* 8 (61,5%) são produzidas nessa faixa etária pela Luiza: *desenrol-* (8), *descarg-* (7), *acalm-* (5), *descol-* (4), *enterr-* (4), *atir-* (3), *adormec-* (2) e *engatinh-* (2). E, dentre as formas nada frequentes, temos 4 casos (30,8%): *desembol-* (1), *descartel-* (1), *desajeit-* (0), *ensabo-* (0). A soma das formas pouco e nada frequentes corresponde a 92% do total de dados emergentes e a maior parte dos dados analisáveis se encontra nessa classificação de frequência.

[38] "CHI: ela deu o cabelo p(a)ra pentear o cabelo por causa que o cabelo (es)tava todo despedaçado, todo desembolado."

Sobre a produção do Arthur, os dados emergentes nesse estágio são: *enfi-* (presente em *enfiar*), que não apresenta composicionalidade semântica, e *desapert-* (presente em *desapertar*), que apresenta composicionalidade semântica e é analisável; a contribuição semântica de *desapert-* é *reversão*. Sobre a frequência, os dois dados estão entre as formas classificadas como pouco frequentes no *input*; *enfi-* com 8 *tokens* e *desapert-* com 3.

Em uma sucinta observação conjunta dos dados, podemos afirmar que: 67% apresentam composicionalidade semântica; 40% são analisáveis; 93% estão entre os dados classificados como pouco ou nada frequentes no *input*; e, por último, há o surgimento de três formas que não estão presentes na produção adulta do nosso *corpus*: *desajeit-*, *ensabo-* e *descartel-*[39]. A seguir, discorremos sobre os dados da última faixa etária.

Quadro 13 - Emergência das formas prefixadas – 5 a 5,6 anos (*corpus* A).

	Prefixos			
Idade	*a-*	*eN-*	*deS-*	Criança
5;01.06			**desenvolv-**	Lz
5;01.14		ensolar-		Lz
5;03.18		**enfi-**		Lz
5;05.29			**desfil-**	Lz

Legenda:

● Composicional e **há** presença prévia da palavra sem o prefixo (na mesma criança).

● *Composicional e **não há** presença (prévia) da palavra sem o prefixo (na mesma criança).*

● **Não composicional.**

Neste último estágio, temos um total de 4 formas emergentes; todas pertencentes à produção da Luiza. Essas formas são *desenvolv-* (presente em *desenvolver*), *enrol-* (presente em *enrolar*), *enfi-* (presente em *enfiar*) *e desfil-* (presente em *desfilar*). Vale lembrar que o número reduzido de dados nas últimas faixas etárias se deve a um número reduzido de dados em geral e não a uma diminuição na produção das crianças, como já apontamos no início do capítulo.

A respeito desses 4 dados emergentes, 3 (75%) não apresentam composicionalidade semântica (*enfi-*, *desenvolv-* e *desfil-*) e um têm composicionalidade com presença prévia da forma simples *(ensolar-*), presente na palavra *ensolarado*. Aqui, temos um cenário diferente, pois esta é a única faixa etária que tem a maior parte dos dados sem composicionalidade

[39] Visto que a forma *descartel-* é criada pela criança, a única ocorrência que há na produção adulta corresponde a uma repetição da produção infantil.

semântica e nenhum dado analisável ou apenas composicional prefixado pelo *deS-*. Além disso, também não há emergência de dados prefixados por *a-*, que são frequentes nos outros estágios. Provavelmente, essas diferenças são decorrentes do número reduzido de dados. Acerca da contribuição semântica, a única que vemos nesse faixa etária, presente na forma *ensolar-*, é a de *mudança de estado*.

Por fim, sobre a frequência das formas, 3 estão entre as formas pouco frequentes na produção adulta: *desfil-* (17), *enfi-* (8) e *desenvolv-* (4); e *ensolar-*[40] é classificada como nada frequente, com apenas 1 *token*. Ou seja, a única palavra analisável também é a menos frequente do grupo no *input*. Observando a frequência das formas, podemos notar mais uma diferença dessa faixa etária em relação às anteriores: não há nenhuma palavra emergente classificada como frequente.

Retomando a análise que foi feita até aqui, acima, com base no número de *types*, havíamos pressuposto que a emergência dos prefixos *a-* e *eN-* aconteceria antes da emergência do prefixo *deS-*, pois, considerando os *types*, os prefixos *a-* e *eN-* são muito frequentes nas primeiras faixas etárias, ao contrário do *deS-*. A respeito dessa suposição, podemos afirmar que, de acordo com as informações presentes no quadro 9, os prefixos *a-* e *eN-* de fato surgem antes do *deS-*, mas apenas na produção da Luiza e em formas não analisáveis. Na produção do Arthur, é o *deS-* que surge primeiro, em seguida o *a-*, e, por último, o *eN-*. No entanto, em uma observação conjunta, a maioria das primeiras formas emergentes é prefixada pelo *a-* e esse prefixo ocupa uma posição interna em relação à raiz nessas formas, pois elas são do tipo que não apresentam composicionalidade semântica*;* além disso, todas estão entre os dados classificados como frequentes ou muito frequentes na produção adulta. No quadro 9 tratamos da emergência levando em conta todas as formas; abaixo, diferentemente, apresentamos a emergência dos prefixos somente em formas analisáveis.

[40] Pelo contexto, pudemos verificar que não se trata de repetição.

Quadro 14 – Emergência dos prefixos em formas analisáveis (composicionais com presença prévia da forma simples).

	Luiza		Arthur		Amelie	
Ordem	Prefixo	Freq. da forma no *input*	Prefixo	Freq. da forma no *input*	Prefixo	Freq. da forma no *input*
1º	***deS-*** (desaparec-)	PF	***eN-*** (enterr-)	PF	***a-*** (apont-)	PF
2º	***a-*** (afund-)	PF	***a-*** (aterriss-)	NF	–	–
3º	***eN-*** (endurec-)	PF	***deS-*** (desmont-)	F	–	–

Conforme o quadro acima nos mostra, não há a possibilidade de se chegar a uma sistematização acerca da ordem de emergência dos prefixos em formas analisáveis. Uma alternativa seria desconsiderar a produção disponível da Amelie, que é a mais escassa[41]. Nesse caso, chegaríamos a seguinte sistematização: o prefixo *a-* nunca é o primeiro a emergir em formas analisáveis. Sobre a frequência dessas primeiras formas analisáveis, percebemos que a maioria está entre as classificadas como pouco frequentes no *input*. Acerca da contribuição semântica, os significados presentes nessas formas do quadro 14 são: *mudança de lugar* (em *afund-*, *aterriss-* e *enterr-*), *reversão* (em *desaparec-* e *desmont-*), *mudança de estado* (em *endurec-*) e *mudança de configuração* (em *apont-*). Podemos considerar que esses são os primeiros significados analisados pelas crianças do nosso *corpus*.

Acerca da composicionalidade semântica, temos no quadro abaixo uma síntese dos prefixos mais presentes em formas com composicionalidade, mas não necessariamente analisáveis, e em formas com composicionalidade analisáveis.

[41] Na produção da Amelie só encontramos dados precedidos pelo prefixo *a-*.

Quadro 15 – Prefixos com mais composicionalidade semântica (CS) e prefixos mais analisáveis.

	Luiza		Arthur		Amelie	
Faixa etária	Prefixo com mais CS	Prefixo mais analisável	Prefixo com mais CS	Prefixo mais analisável	Prefixo com mais CS	Prefixo mais analisável
1ª	*deS-*	*deS-*	*deS/eN-*	*eN-*	-	-
2ª	*eN-*	*deS-*	*a-*	*eN-*	-	-
3ª	*a-*	*a-*	*deS-/a-*	*deS-/a-*	-	-
4ª	*deS-/ eN-*	*deS-*	*deS-*	*deS-*	-	-
5ª	*eN-*	*eN-*	-	-	-	-

Primeiramente, na produção da Luiza, vemos que o *eN-* é o prefixo que mais apresenta composicionalidade semântica no conjunto das faixas etárias e o *deS-* é o mais analisável. Na produção do Arthur, o prefixo que está mais presente em dados com composicionalidade no conjunto observado é o *deS-* e os prefixos mais analisáveis são, igualmente, *eN-* e *deS-*. Somando os achados da produção da Luiza com os da produção do Arthur, reparamos que o prefixo *deS-* lidera nos dois cenários, tanto como prefixo com mais composicionalidade semântica quanto como prefixo mais analisável/produtivo. Isso nos evidencia que, nas formas emergentes, o *deS-*, em comparação com os outros dois prefixos, é o que mais ocupa uma posição externa em relação à raiz. Os dados novos e analisáveis que encontramos na produção infantil do *corpus* A reforçam o caráter produtivo desse prefixo, pois, como podemos observar, eles são precedidos pelo *deS-*: *disjunt-* e *descartel-*. Essas formas aparecem nas frases do exemplo abaixo e foram detalhadas anteriormente.

(7) Uso das formas *disjunt-* e *descartel-*:

a. “CHI: e não disjunta tá?

MOT: tá eu não vou disjuntar não.” (Luiza – 4;03.12).

b. “CHI: descartela.

MOT: (es)tá.

MOT: descartela o que, Luiza?

MOT: destaca(r)?

CHI: é.” (Luiza – 4;11.00).

Conforme vimos no decorrer das análises, o quadro 15, acima, mostra que, no geral (somando os dados de todas as crianças), a maioria dos dados emergentes prefixados por *a-*, *eN-* e *deS-* apresenta composicionalidade semântica; consequentemente, em grande parte desses

dados emergentes, os três prefixos estão ocupando uma posição externa em relação à raiz. No entanto, como também vimos, a composicionalidade dos prefixos varia nas diferentes faixas etárias, e, mesmo todos apresentando uma maioria de dados com composicionalidade semântica, podemos definir, entre os três, qual é o mais ou o menos composicional.

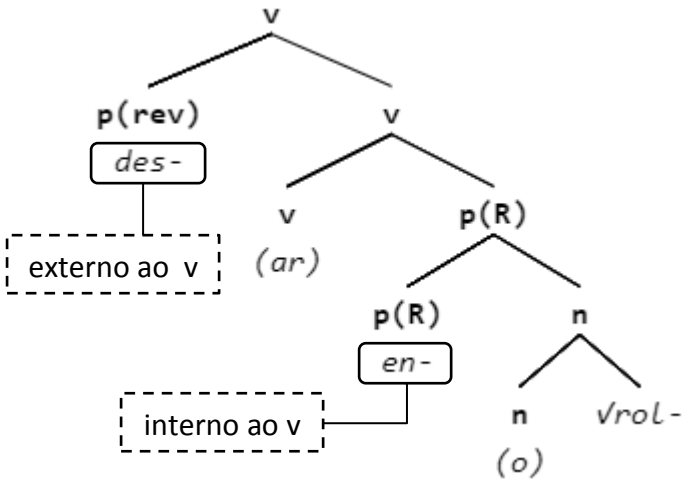
Tabela 3 - Porcentagem de dados com/sem composicionalidade semântica por prefixo (corpus A).

Prefixo	**Formas SEM composicionalidade semântica**	**Formas COM composicionalidade semântica**	**Nº total de formas**
a-	12 (34%)	23 (66%)	35 (100%)
eN-	10 (42%)	14 (58%)	24 (100%)
deS-	8 (29%)	20 (71%)	28 (100%)
Total	30 (34,5%)	57 (65,5%)	87 (100%)

Sobre o *deS-*, a tabela ilustra o que já afirmamos: ele é o prefixo que mais contém formas com composicionalidade; é o prefixo mais externo. Entre os prefixos *a-* e *eN-*, o último lidera como o que menos acompanha formas com composicionalidade semântica. Em comparação com o *deS-*, a maior ligação dos prefixos *a-* e *eN-* a formas sem composicionalidade, mesmo que essas ainda sejam minoria em nossos dados, reforça a natureza mais interna desses prefixos e, ao mesmo tempo, a natureza mais externa do prefixo *deS-*, com base no que propôs Marantz (2007). Palavras como *desengavetar, desenterrar, desarrumar* e *desalinhar*, exemplificam o caráter mais externo do prefixo *deS-* em oposição à internalidade do *a-* e do *eN-*, que aparecem diretamente ligados a uma base não prefixada, como mostram os respectivos exemplos: *acampar* (a base é *campo*) e *engessar* (a base é *gesso*).

Abaixo, representamos a estrutura simplificada de uma palavra duplamente derivada por prefixação para exemplificar a externalidade do *deS-* em bases já precedidas por um prefixo. Essa palavra foi produzida pela Luiza, aos 4 anos, 10 meses e 23 dias.

(8) Estrutura de *desenrolar*[42].



Como citamos anteriormente, Svenonius (2004), ao estudar os prefixos eslavos, indica que os prefixos externos a V se comportam como advérbios. É o caso do prefixo *deS-* no exemplo acima, que reverte o evento denotado pelo verbo *enrolar*. Sobre os prefixos internos a V, o autor afirma que esses possuem significado resultativo e espacial. Conforme pudemos observar na descrição dos dados apresentada acima, os prefixos *eN-* e *a-* formam estruturas de mudança de estado e resultado (Bassani, 2013).

O próximo quadro trata da presença de dados com composicionalidade semântica e de dados analisáveis na passagem das faixas etárias.

Quadro 16 – Porcentagem de dados com composicionalidade semântica (CS) e de dados analisáveis (por faixa etária).

	Luiza		Arthur		Amelie	
Faixa etária	% de dados com CS	% de dados analisáveis	% de dados com CS	% de dados analisáveis	% de dados com CS	% de dados analisáveis
1ª	66,7%	25%	71,4%	28,6%	-	-
2ª	70%	30%	67%	33%	75%	25%
3ª	60%	50%	75%	75%	100%	0%
4ª	69%	56%	50%	50%	-	-
5ª	25%	25%	-	-	-	-

[42] A categoria p(rev) corresponde ao prefixo com semântica de reversão (*deS-*) e a categoria p(R) corresponde ao prefixo relacionador (*eN-*), de acordo com Bassani (2013).

Um dos objetivos que colocamos para a nossa pesquisa é o de demonstrar se a criança, para cada forma composicional prefixada, produz a mesma forma sem o prefixo, como indício de que ela está analisando a palavra. De acordo com o que mostramos durante a descrição dos dados, há um grupo de formas com composicionalidade semântica e esse grupo é composto por formas que, na produção da criança, aparecem previamente sem o prefixo (analisáveis) e por formas composicionais que não aparecem (previamente) sem o prefixo (não analisáveis). Portanto, tendo isso em vista, podemos afirmar que a criança não produz a forma sem o prefixo para cada forma composicional prefixada, mas apenas para uma parte dessas. Considerando todo o conjunto de dados (formas sem composicionalidade semântica e com composicionalidade semântica), as formas analisáveis, que aparecem previamente sem o prefixo, só constituem maioria na 4ª faixa etária da Luiza (56%) e na 3ª faixa etária do Arthur (75%), como podemos notar no quadro 16. No entanto, também é possível observar que em algumas faixas etárias as formas analisáveis constituem a maioria ou a totalidade do grupo de formas composicionais, das quais elas fazem parte. No geral, as faixas etárias que apresentam esse cenário são as: 3ª, 4ª e 5ª. Como resultado da investigação, comprovamos a hipótese de que a emergência de formas analisáveis aumenta na produção infantil com o avanço da idade. Nas duas primeiras faixas etárias, essas formas, com composicionalidade e ocorrência prévia da forma simples, ainda compõem somente menos da metade do grupo de dados composicionais.

Sobre as formas com composicionalidade semântica, o quadro 16 nos mostra que esse tipo de forma representa a maioria ou a metade (4ª faixa etária do Arthur) dos dados que surgem em todas as faixas etárias, com exceção da última faixa, que, comparada às anteriores, é a mais deficiente em número de sessões de gravação e de dados.

Nos quadros a seguir, temos a distribuição das contribuições semânticas[43] presentes nos dados emergentes analisáveis. O quadro 17 traz as informações sobre a produção da Luiza.

[43] Nos quadros, colocamos apenas as iniciais de cada contribuição semântica. Essas são: ME (mudança de estado), ML (mudança de lugar), MPA (mudança de posse abstrata), MPC (mudança de posse concreta), MC (mudança de configuração), FA (formação de atividade), R (reversão), N (negação) e S (separação).

Quadro 17 – Contribuição semântica nos dados emergentes analisáveis (Luiza).

	Contribuição semântica								
	a- e *eN-*						*deS-*		
Faixa etária	ME	ML	MPA	MPC	MC	FA	R	N	S
1ª	-	-	-	-	-	-	x	-	-
2ª	*eN-*	*a-*	-	-	-	-	x	-	-
3ª	*a-*	-	-	-	*a-*	*a-*	x	-	-
4ª	*a-*	*eN-*	-	-	-	-	x	-	x
5ª	*eN-*	-	-	-	-	-	-	-	-

Primeiramente, na produção da Luiza, podemos observar que, com o aumento da idade, há também o aumento do número de contribuições semânticas. Na primeira faixa etária, temos apenas o significado de *reversão* em formas analisáveis, como em *desmont-* e *desarrum-*; na segunda, surgem mais dois significados: *mudança de estado* (em *endurec-*) e *mudança de lugar* (em *afund-*); na terceira faixa etária, aparecem *mudança de configuração* (em *apont-*) e *formação de atividade* (em *assopr-*); e, por último, na quarta faixa etária, surge a contribuição semântica de *separação* (em *descartel-*). O significado de *separação* é o mais escasso quando se trata do prefixo *deS-*; nesse sentido, é esperado que seu aparecimento seja tardio. *No* quadro 18, abaixo, apresentamos a produção do Arthur.

Quadro 18 – Contribuição semântica nos dados emergentes analisáveis (Arthur).

	Contribuição semântica								
	a- e *eN-*						*deS-*		
Faixa etária	ME	ML	MPA	MPC	MC	FA	R	N	S
1ª	*eN-*	*a-/eN-*	-	-	-	-	x	-	-
2ª	-	*a-*	-	-	*eN-*	-	x	-	-
3ª	*a-*	-	-	-	-	*a-*	x	-	-
4ª	-	-	-	-	-	-	x	-	-

A primeira faixa etária contém, em formas analisáveis, os significados de *mudança de estado* (em *ench-*), *mudança de lugar* (em *enterr-*) e *reversão* (em *desmont-*). Na segunda faixa, aparece uma nova contribuição semântica, a de *mudança de configuração* (em *enrol-*); e, por fim, na terceira faixa etária, surge o significado de *formação de atividade* (em *atir-*).

Na produção da Amelie que temos disponível, conforme já vimos, só há a aparição de um dado analisável, na segunda faixa etária; esse dado é o *apont-* e sua raiz contribui com o significado de *mudança de configuração*.

Quadro 19 – Contribuição semântica nos dados emergentes analisáveis (Amelie).

	Contribuição semântica								
	a- e *eN-*						*deS-*		
Faixa etária	ME	ML	MPA	MPC	MC	FA	R	N	S
2ª	-	-	-	-	*a-*	-	-	-	-

Fazendo uma comparação entre as três crianças, tanto na produção da Luiza quanto na produção do Arthur, a contribuição semântica de *formação de atividade* aparece na terceira faixa etária, e, em ambos os casos, a forma analisável é precedida pelo prefixo *a-*. Há, também, nas produções do Arthur e da Amelie, o surgimento da contribuição semântica de *mudança de configuração* na segunda faixa etária.

Em uma observação conjunta dos dados, são os significados de *reversão, mudança de estado* e *mudança de lugar* que surgem primeiro em formas analisáveis. Depois desses, aparecem as contribuições semânticas de *mudança de configuração* e de *formação de atividade*. Conforme pudemos verificar acima, na produção da Luiza, as duas contribuições aparecem na terceira faixa etária. Na produção do Arthur, a contribuição de *mudança de configuração* surge na segunda faixa e a de *formação de atividade* aparece na faixa etária seguinte, na terceira. Ainda em uma observação conjunta, nas diferentes faixas etárias, os significados que mais aparecem em formas analisáveis são *reversão* e *mudança de estado*. A predominância do significado de *mudança de estado* em nossos dados reforça o que se tem observado na literatura a respeito da frequência desse significado na fala adulta dentre os verbos parassintéticos (Bassani, 2013). Por fim, não encontramos nas formas analisáveis emergentes as contribuições semânticas de: *mudança de posse abstrata* (em *assust-*), *mudança de posse concreta* (em *envenen-*) e *negação* (em *desobedec-*).

No quadro 20, abaixo, indicamos, de maneira resumida, a distribuição dos tipos de frequência[44] das formas emergentes nas diferentes faixas etárias.

[44] No quadro, os tipos de frequência estão indicados pelas letras iniciais: MF (muito frequente), F (frequente), PF (pouco frequente) e NF (nada frequente).

Quadro 20 – Tipo de frequência predominante nas formas emergentes.

	Frequência dos dados														
	Luiza					Arthur					Amelie				
Faixa etária	Total de formas	**MF %**	**F %**	**PF %**	**NF %**	Total de formas	**MF %**	**F %**	**PF %**	**NF %**	Total de formas	**MF %**	**F %**	**PF %**	**NF %**
1ª	12	17	58	25	0	14	14	43	36	7	1	100	0	0	0
2ª	10	0	20	60	20	12	0	42	50	8	4	25	0	75	0
3ª	10	0	20	60	20	4	0	50	50	0	1	0	0	100	0
4ª	13	0	8	61	31	2	0	0	100	0	-	-	-	-	-
5ª	4	0	0	75	25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Observando as produções das três crianças, constatamos que, no geral, os dados emergentes classificados como *muito frequentes* na produção adulta são os primeiros a aparecer na produção infantil que temos disponível; ou seja, esses dados aparecem no intervalo de 3 a 3,6 anos. Com o avanço da idade, não temos mais a emergência, em nosso *corpus*, de outros dados classificados como *muito frequentes* no *input*. Por outro lado, a aparição dos dados *pouco frequentes* aumenta com a passagem da idade.

Examinando cada uma das faixas etárias, percebemos uma maioria de dados *frequentes* na primeira faixa. Nas faixas etárias seguintes, a maioria dos dados são do tipo *pouco frequentes*, com exceção da terceira faixa etária do Arthur, na qual 50% dos dados são *frequentes* e os outros 50% são *pouco frequentes*. A aparição de dados *nada frequentes* na primeira faixa etária é mínima; com nenhum dado nas produções da Luiza e da Amelie e com 7% dos dados na produção do Arthur.

Por fim, além das semelhanças, também encontramos algumas diferenças entre as produções das três crianças; essas diferenças estão na distribuição dos dados *frequentes* e dos *nada frequentes*. Primeiro, sobre os *frequentes*, ao longo de todo o período estudado, vemos a diminuição da aparição desses dados na produção da Luiza e o aumento na produção do Arthur. Sobre os dados *nada frequentes*, na produção da Luiza há a manifestação desses em maior quantidade com a progressão da idade; notamos uma diminuição apenas da quarta para a quinta faixa etária, mas, ainda assim, a quinta faixa tem um aumento da presença desses dados em relação às outras três primeiras. Na produção do Arthur, os dados *nada frequentes* aparecem apenas nas duas primeiras faixas etárias, com, praticamente, a mesma fração; isto é, não há o aumento da aparição desses dados com a passagem da idade. Na produção da Amelie, conforme nos mostra o quadro acima, a emergência de dados *frequentes* e de dados *nada frequentes* é inexistente.

Durante a descrição detalhada das faixas etárias, apresentada acima, vimos que na produção das crianças surgem algumas poucas formas que não estão presentes na produção adulta do nosso *corpus* ou que estão presentes com apenas 1 *token*, mas esse *token* corresponde a uma repetição que o adulto faz das formas criadas pelas crianças. Essas formas criadas pelas crianças e que possuem apenas 1 *token* na produção dos adultos são *descartel- e disjunt-;* as outras formas, sem nenhum *token*, são: *ajunt-, aterriss-, desajeit-, descompet-, enrosc- e ensabo-*. Sobre a frequência, todas apresentam apenas uma ocorrência na fala infantil e, sobre a composicionalidade semântica, metade dessas formas são composicionais analisáveis: *ajunt-, aterriss-, descartel- e disjunt-*. No total, são 87 formas emergentes produzidas pelas três crianças; portanto, esses 8 dados, específicos da produção infantil, correspondem a apenas 9% do conjunto. O contrário também ocorre. Existem formas prefixadas produzidas pelos adultos que não estão presentes entre as formas emergentes da produção infantil. Um dos objetivos deste trabalho, conforme indicamos anteriormente, é observar quais são essas formas e suas características.

Na produção adulta, reunimos um total de 114 formas prefixadas. Desse total, 53%, ou 60 formas, não aparecem nos dados infantis. A maior parte dessas formas (80%), que podem ser consultadas no Apêndice C, têm composicionalidade semântica; os significados mais recorrentes são: *mudança de estado*, em 31,3% dos dados, e *reversão*, em 25% dos dados. Essas duas contribuições semânticas, assim como a presença majoritária de dados com composicionalidade, são aspectos comuns às produções das crianças, conforme mostramos em nossa descrição. Referente à frequência das formas, mais da metade dos dados não produzidos pelas crianças, isto é, 60% deles, estão entre os classificados como *nada frequentes*; ou seja, eles contêm apenas 1 *token* na produção adulta. Como afirmamos acima e é de se esperar, essas formas são minoria nos intervalos observados da produção infantil. Há um aumento delas na produção da Luiza, mas, ainda assim, não chegam a ser maioria. Nas produções das outras crianças, essas formas *nada frequentes* não aparecem, como é o caso na produção da Amelie; ou aparecem pouco, como é o caso no conjunto de dados do Arthur. Sobre os prefixos, 50% dessas formas são precedidas pelo *deS-*, que, na produção infantil, é o prefixo que mais acompanha formas analisáveis. A outra metade das formas se divide entre os prefixos *a-* e *eN-*; o primeiro está em 16 formas e o segundo está em 14.

Tendo em vista o que apresentamos no parágrafo anterior, é possível afirmar que a maior parte das formas presentes na fala adulta e não produzidas pelas crianças apresenta as seguintes propriedades: composicionalidade semântica e, consequentemente, os prefixos ocupando uma posição externa em relação à raiz; contribuições semânticas de *mudança de estado* e de

reversão; frequência muito baixa e presença do prefixo *deS-*. Dessa maneira, percebemos que as características, em geral, são comuns às da produção infantil. Existem alguns fatores que podem implicar na ausência de certas formas na fala das crianças, como a baixa frequência de uso, comentada aqui; a própria aquisição de vocabulário, que está sempre em curso; e as necessidades contextuais.

4.2 *Corpus* B – AlegreLong (5 a 9 anos)

Um dos propósitos deste trabalho, conforme foi estabelecido, é comparar os dados do *corpus* A com os do *corpus* B, com o intuito de observar as diferenças e semelhanças entre as produções das crianças mais novas (3 a 5,6 anos) e as das crianças mais velhas (5 a 9 anos). Na tabela 4, abaixo, encontramos os números de dados por prefixo. Examinando os *tokens* e os *types*, percebemos que o prefixo *a-*, assim como nos dados das crianças mais novas, é o prefixo mais frequente. Examinando a frequência dos prefixos apenas nas formas prefixadas (terceira coluna da tabela 4), nos dois *corpora* o prefixo *a-* também é o mais frequente dentre os três prefixos estudados; no entanto, no *corpus* B, como é possível verificar, a discrepância entre a frequência do prefixo *a-* e as frequências dos prefixos *eN-* e *deS-* é maior do que a discrepância presente no *corpus* A. Isto é, no *corpus* A, formas prefixadas com *eN-* e *deS-* aparecem um pouco mais do que no *corpus* B, apesar de ainda serem menos frequentes nos dois cenários em relação às formas prefixadas pelo *a-*.

Tabela 4 – Número de *tokens*, de *types* e de formas prefixadas por prefixo (*corpus* B).

Prefixo	**Tokens**	**Types**	**Formas prefixadas**
a-	122 (66%)	61 (64%)	25 (56%)
eN-	37 (20%)	21 (22%)	11 (24%)
deS-	27 (14%)	13 (14%)	9 (20%)
Total	186 (100%)	95 (100%)	45 (100%)

Sobre a composicionalidade semântica, conforme mostra tabela 5, a seguir, 73% das 45 formas produzidas pelas crianças do *corpus* B apresentam essa característica. Considerando a composicionalidade por prefixo, todos estão predominantemente em formas com composicionalidade e o prefixo *deS-* tem destaque, sendo, dentre os três prefixos, o que mais contém formas desse tipo. Podemos notar que esses mesmos resultados são encontrados na

produção infantil do *corpus* A. No entanto, a respeito da composicionalidade dos prefixos, o menos composicional no *corpus* A é o *eN-* enquanto o menos composicional no *corpus* B é o *a-*. Diferentemente do que ocorre com os prefixos *a-* e *eN-*, o *deS-* apresenta estabilidade quando se refere à composicionalidade semântica. Em outras palavras, em todos os cenários ele tem o mesmo alcance.

Tabela 5 - Porcentagem de dados com/sem composicionalidade semântica por prefixo (*corpus* B).

Prefixo	Formas SEM composicionalidade semântica	Formas COM composicionalidade semântica	Nº total de formas
a-	9 (36%)	16 (64%)	25 (100%)
eN-	2 (18%)	9 (82%)	11 (100%)
deS-	1 (11%)	8 (89%)	9 (100%)
Total	**12 (27%)**	**33 (73%)**	**45 (100%)**

Acerca das contribuições semânticas dos dados com composicionalidade, todas são encontradas na fala das crianças do *corpus* B e, assim como no *corpus* A, as mais frequentes são *mudança de estado*, nas formas precedidas por *a-* e *eN-*, e *reversão*, nas formas prefixadas pelo *deS-*. Conforme indicamos, as contribuições semânticas de *mudança de posse abstrata* (em *assust-*), *mudança de posse concreta* (em *envenen-*) e *negação* (em *desobedec-*) não aparecem nos dados emergentes analisáveis do *corpus* A; no entanto, elas estão presentes nos dados composicionais não analisáveis (sem pré-existência da forma simples na fala infantil). Isso significa que, quando não diferenciamos os dados com composicionalidade em analisáveis e não analisáveis, podemos afirmar que todas as contribuições semânticas são encontradas tanto nas produções das crianças mais velhas quanto nas produções das mais novas.

Assim como vimos que algumas formas presentes na produção adulta não são faladas pelas crianças mais novas, também existem algumas formas produzidas pelas crianças mais velhas que não existem na produção infantil do *corpus* A. As crianças mais novas produzem 58% do que é produzido pelas crianças mais velhas; os 42% restantes correspondem a 19 dados que estão listados no quadro abaixo.

Quadro 21 - Formas do *corpus* B que são ausentes na produção infantil do *corpus* A.

PREFIXO	FORMAS PREFIXADAS	SEMÂNTICA	FREQ. No *corpus* B
a-	ABRAÇ-	FA	F
a-	ACOMOD-	ME	F
a-	ACONSELH-	MPA	NF
a-	ACOSTUM-	ME	NF
a-	AFIRM-	ME	NF
a-	AGARR-	-	F
a-	AJOELH-	FA	NF
a-	ALIS-	ME	NF
a-	AMANHEC-	ME	PF
a-	APRONT-	ME	PF
a-	APRONT-	-	PF
a-	ARROMB-	MC	NF
a-	AVIST-	-	PF
deS-	DESCALÇ-	N	F
deS-	DESCOSTUR-	R	NF
eN-	EMBARR-	MPC	F
eN-	ENDIREIT-	ME	NF
eN-	ENFAIX-	MPC	F
eN-	ENGESS-	MPC	NF

Sobre as características dos 19 dados que não são produzidos pelas crianças mais novas, 84% apresentam composicionalidade semântica. Os 16% não composicionais são: *agarr-*, *avist-* e *apront-*. As contribuições semânticas que aparecem nos dados analisáveis das crianças do *corpus* A estão presentes na maior parte desses dados composicionais; a mais frequente é a de *mudança de estado*. Acerca da frequência, 47% dessas 19 formas são *nada frequentes*, isto é, contém apenas uma ocorrência na produção das crianças mais velhas; 32% são *frequentes*, possuem de 3 a 14 *tokens*; e 21% são *pouco frequentes*, possuem 2 *tokens*. É natural que formas com pouca recorrência na fala adulta ou na fala de crianças mais velhas não apareçam ou apareçam pouco nas falas das crianças de 3 a 5 anos de idade. Por fim, o prefixo mais frequente nessas formas é o *a-*, que nas produções das crianças do *corpus* A é o segundo mais composicional e mais analisável, depois do *deS-*.

Assim como na comparação feita com os dados da produção adulta, percebemos que, tanto no conjunto total das formas quanto no conjunto das formas que não são produzidas pelas crianças mais novas, as características presentes não evidenciam uma maior complexidade da

produção das crianças mais velhas. Vale ressaltar que, para essa afirmação, estamos nos baseando em propriedades formais que fazem parte do escopo desta pesquisa, como a composicionalidade semântica da forma, e, juntamente, a posição do prefixo em relação à raiz; e a contribuição semântica da raiz.

As diferenças que encontramos entre os dois *corpora* estão relacionadas à frequência e à composicionalidade dos prefixos, mas não são diferenças absolutas. Sobre a frequência, no *corpus* A os prefixos *eN-* e *deS-* são mais frequentes do que no *corpus* B; no entanto, em ambos os casos, é o *a-* que apresenta predominância nesse aspecto. Por fim, sobre a composicionalidade, a diferença está nos prefixos menos composicionais: no *corpus* A, o prefixo *eN-* é o mais opaco; no *corpus* B, essa característica pertence ao prefixo *a-*. O total de formas produzidas pelas crianças do *corpus* B pode ser consultado no Apêndice D.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na seção anterior, pudemos apresentar uma descrição dados investigados, com ênfase na emergência de formas prefixadas na fala infantil, e, a partir dessa descrição, chegamos a alguns resultados que destacaremos abaixo.

Sobre nosso primeiro objetivo, de examinar a emergência dos prefixos na produção das crianças, considerando especificamente a composicionalidade semântica da forma, a contribuição semântica da raiz e a posição dos prefixos em relação à raiz, concluímos que:

a. As primeiras formas a surgir no *corpus* A são predominantemente precedidas pelo prefixo *a-*; essas são *acab-*, *arrum-* e *amass-*. (quadro 9);
b. Essas formas, prefixadas pelo *a-*, que surgem na primeira idade observada de cada criança, não apresentam composicionalidade semântica; consequentemente, o prefixo ocupa uma posição interna em relação à raiz da palavra;
c. As primeiras formas são muito frequentes na produção adulta recebida pelas crianças;
d. Dado que essas formas precedidas pelo *a-*, por não terem composicionalidade semântica, não são analisadas pelas crianças, vemos que o fator determinante para o aparecimento delas em primeiro lugar é a alta frequência no *input*;
e. Sobre os prefixos *eN-* e *deS-*, no quadro correspondente à primeira faixa etária, vemos que o cenário mais provável é, depois do *a-*, a aparição do prefixo *eN-*, e, por último, a emergência do *deS-*.

Tratamos, também, de observar a emergência dos prefixos em formas que a criança possivelmente as analisa. Essas, como definimos, são as formas com composicionalidade semântica do *corpus* A que, além de apresentarem significado composicional, apresentam, na produção das crianças, a presença prévia da forma sem o prefixo. Por exemplo, há a produção de uma forma prefixada composicional como *acalm-* (presente no verbo *acalmar* e seus derivados) e, anteriormente a ela, encontramos a produção da forma simples *calm-* (presente no adjetivo *calma*). Os passos para a verificação da presença anterior dessas formas sem o prefixo na produção infantil do *corpus* A foram apresentados no item 3.3. Sobre a emergência dos prefixos nessas formas possivelmente analisadas pelas crianças, temos os seguintes resultados:

f. Em cada uma das crianças, a ordem de emergência dos prefixos em formas analisáveis é diferente; sendo assim, não encontramos uma uniformidade;

g. A maior parte dessas formas são pouco frequentes no *input*;
h. As contribuições semânticas que apresentam são *mudança de estado, reversão, mudança de lugar* e *de configuração*. Entendemos, então, que as contribuições semânticas citadas são, provavelmente, as primeiras interpretadas pelas crianças em fase de aquisição nas formas precedidas pelos prefixos *a-, eN-* e *deS-*.

Além de observarmos as primeiras aparições dos prefixos *a-, eN- e deS-* em nossos dados, levamos em conta a descrição de todas as formas emergentes com esses três prefixos no decorrer da idade dessas crianças, isto é, dos 3 aos 5,6 anos. Observando as formas em geral, durante todos os semestres que compõem a faixa etária total, concluímos que:

i. Todos os prefixos acompanham majoritariamente formas com composicionalidade; isto é, todos estão, na produção infantil dos 3 aos 5,6 anos de idade, ocupando preferencialmente uma posição externa em relação à raiz nas estruturas das palavras. Dentre os três prefixos, o *deS-* é o mais proeminente nesse aspecto;
j. As estruturas que contêm o prefixo em uma posição externa em relação a raiz são maioria quando reunimos todas as faixas etárias, mas não são predominantes nas primeiras formas emergentes;
k. Os significados mais frequentes no conjunto das formas emergentes são *mudança de estado* e *reversão*;
l. O significado de *separação*, que é o mais escasso quando se trata do prefixo *deS-*, tem aparecimento tardio.

Ao comparar, no *corpus* A, a emergência das formas prefixadas nas produções infantis com a frequência recebida pelo *input*; constatamos que:

m. No geral, a maioria dos dados da primeira faixa etária (3 a 3,6 anos) estão entre os classificados como *muito frequentes* ou *frequentes* na produção adulta;
n. Com a passagem da idade, a aparição de dados *frequentes* ou *muito frequentes* diminui e aumenta a quantidade de dados que são considerados *pouco frequentes* no *input*.

Ao observar que tipo de produção prefixada, presente na fala adulta, falta na produção infantil do *corpus* A, concluímos que:

o. As formas que estão presentes na produção dos adultos, mas que não são produzidas pelas crianças do *corpus* A, não apresentam características (composicionalidade semântica da forma, contribuição semântica da raiz e posição dos prefixos em relação à raiz) diferentes daquelas que existem na produção infantil.
p. Dentre os aspectos que analisamos, o que parece implicar na ausência de determinadas formas é a baixa frequência da maioria dessas palavras no *input*.

Ao relacionar os dados das crianças mais novas (*corpus* A) com os dados das crianças mais velhas (*corpus* B), a fim de observarmos as possíveis diferenças entre as formas produzidas, constatamos que, assim como na relação feita com a produção adulta, as características presentes nos dados não evidenciam uma maior complexidade da produção das crianças mais velhas. Isso vale tanto para a observação do conjunto total de formas produzidas pelas crianças do *corpus* B quanto para a observação do conjunto de dados que estão no *corpus* B, mas não são produzidos pelas crianças do *corpus* A.

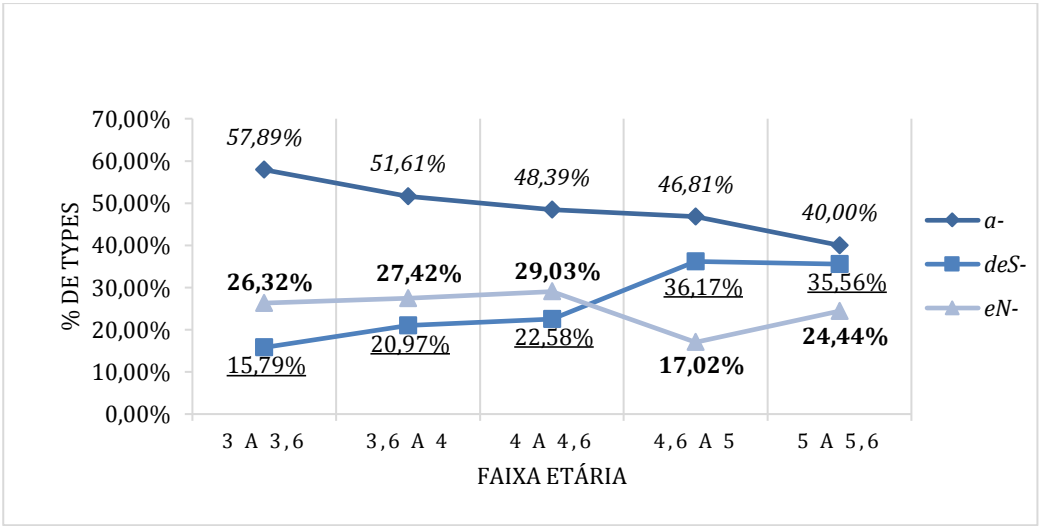
Por fim, um dos nossos objetivos era verificar, nos dados do *corpus* A, se a criança produz, para cada forma composicional prefixada, a mesma forma sem o prefixo, como indício de que ela está de fato segmentando a palavra. Sobre isso, chegamos aos seguintes resultados:

q. Das 57 formas com composicionalidade semântica, 30, ou 53%, apresentam presença prévia da forma sem o prefixo; isto é, são analisáveis;
r. Do total de 87 formas emergentes prefixadas na produção infantil do *corpus* A, as formas analisáveis correspondem a 34%;
s. A emergência de formas analisáveis aumenta na produção infantil com o avanço da idade;
t. O prefixo mais analisável/produtivo é o *deS-*.

Além da presença prévia das formas sem os prefixos, um outro indício de que as crianças estão analisando o uso dos prefixos está na produção de palavras novas, que não são faladas pelos adultos. Nos nossos dados, conforme comentamos, encontramos palavras desse tipo apenas com o prefixo *deS-*, todas provenientes da produção da Luiza. Essas palavras são: *descompetiu, disjunta* e *descartela.* Conforme explicamos durante a descrição dos dados, as duas últimas são analisáveis e aparecem, respectivamente, na 3ª (4;03.12) e na 4ª faixa etária (4;11.00).

Os achados acima e, principalmente, a generalização observada no gráfico 1, retomado abaixo, mostram que, com o avanço da idade, a produção de palavras prefixadas por *a-* decresce e a produção de palavras precedidas pelo *deS-* aumenta.

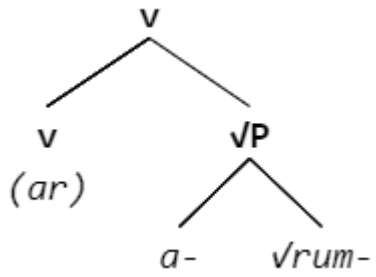
Gráfico 2 - Porcentagem de *types* por faixa etária e por prefixo na produção das crianças (*corpus* A).



Tendo em vista a alta frequência do prefixo *a-* nas primeiras faixas etárias e o crescimento do número de palavras com *deS-* nas últimas faixas, pressupomos que a aquisição do prefixo *a-* acontece antes da aquisição do *deS-*. Esse achado empírico descritivo revela um contraste entre dois conjuntos diferentes de dados, que nos permite fazer algumas observações sobre a distinção entre morfologia interna e morfologia externa, postulada pela teoria da Morfologia Distribuída.

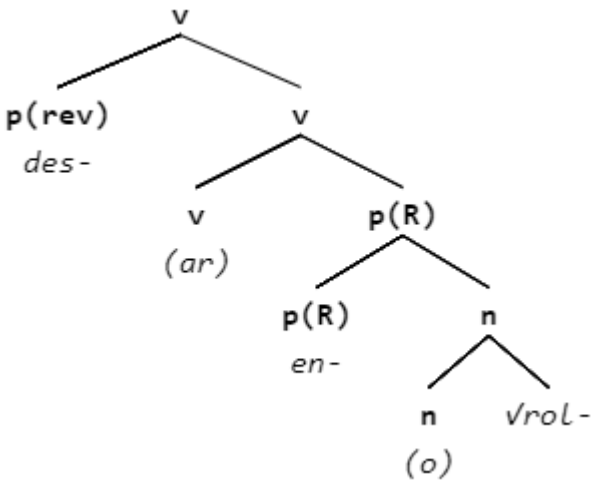
Defendemos que essa divisão é empiricamente corroborada pela produção infantil, em linhas gerais, do seguinte modo: os primeiros dados prefixais emergentes nas primeiras faixas etárias da produção infantil são compostos majoritariamente pelo prefixo *a-* em formas não composicionais. Os dados com *a-*, que são morfologicamente mais internos, semanticamente mais opacos e sintaticamente mais simples, diminuem com o aumento da idade. Pressupomos que isso se deve a uma menor capacidade cognitiva no início da aquisição que, em termos teóricos, se traduz por uma menor capacidade de formar estruturas morfológicas/sintáticas mais complexas. Abaixo, exemplificamos esse tipo de estrutura inicial com o dado *arrumar*, produzido pela criança Luiza aos 3 anos, 2 meses e 12 dias.

(9) Estrutura da palavra *arrumar*:



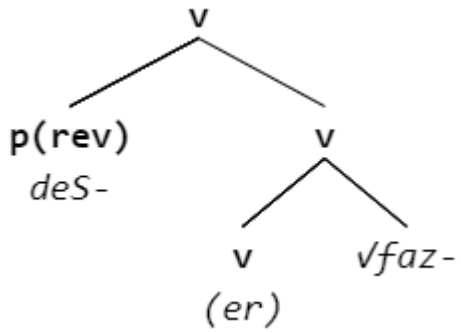
Por outro lado, os dados com o prefixo *deS-*, morfologicamente mais externos, semanticamente composicionais e produtivos, aumentam com o avanço da idade. Opõe-se, assim, por um lado, estruturas mais simples nas faixas etárias iniciais e estruturas mais complexas nas faixas etárias posteriores. Nesse caso, pressupomos que a aquisição de morfologia externa está relacionada ao natural desenvolvimento de uma maior capacidade cognitiva que, em termos teóricos, se traduz pela capacidade de formar estruturas morfológicas/sintáticas mais complexas, com mais camadas estruturais, e pela aquisição de mais peças morfológicas, tais como o prefixo externo *deS-*. Um bom exemplo de estrutura complexa pode ser encontrado na estrutura de *desenrolar,* presente na seção 4 e retomada no exemplo a seguir.

(10) Estrutura da palavra *desenrolar:*



Abaixo, apresentamos mais um exemplo de estrutura com prefixo em posição externa. Nesse exemplo o dado é *desfazer*, produzido pela criança Luiza aos 4 anos, 3 meses e 19 dias.

(11) Estrutura da palavra *desfazer*:



Como mostramos na seção de revisão de literatura, a aquisição de morfologia vem sendo tratada em termos de aquisição de morfologia flexional em oposição à aquisição de morfologia derivacional. Apenas com essa grande divisão, não é possível explicar a diferença observada nos dados explorados neste trabalho. A teoria da Morfologia Distribuída, ao propor a divisão entre morfologia interna e morfologia externa, bem como permitir observar os tipos semânticos derivados de diferentes estruturas, nos permite explicar a diferença entre a emergência das primeiras formas prefixais, morfologicamente mais simples, e das formas seguintes, morfologicamente mais complexas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa era observar a emergência dos prefixos *a-*, *eN-* e *deS-* na produção de crianças que estão adquirindo o português brasileiro como língua materna. A partir das nossas análises, conseguimos atingir alguns resultados que podem ser relevantes para o campo de estudos em aquisição de morfologia.

Especificamente, observamos a emergência e o estatuto dos prefixos na produção infantil levando em consideração a composicionalidade semântica da formação, a contribuição semântica da raiz e a posição do prefixo em relação à raiz. Sobre isso, concluímos que o primeiro prefixo a aparecer é o *a-*, em formas sem composicionalidade semântica e, portanto, em uma posição interna em relação à raiz.

Conforme comentamos anteriormente, outras conclusões obtidas, com base nos nossos objetivos específicos, foram as seguintes: i) 53% das 57 formas com composicionalidade semântica produzidas pelas crianças do *corpus* A apresentam presença prévia da forma sem o prefixo; isto é, são possivelmente analisáveis; ii) no *corpus* A, a maioria das formas que surgem na primeira faixa etária são frequentes ou muito frequentes na fala adulta. Nas faixas etárias seguintes, aumenta a presença de formas pouco frequentes; iii) a maioria das palavras que faltam na produção infantil do *corpus* A são aquelas com baixa frequência no *input* recebido; iv) as características presentes nos dados produzidos pelas crianças mais velhas (*corpus* B) não evidenciam uma maior complexidade em comparação com a produção das crianças mais novas (*corpus* A); e, por fim, v) a distinção entre morfologia interna e externa se mostra relevante na produção infantil na medida em que a primeira é mais expressiva nas faixas etárias inicias e a segunda surge em maior número com o avanço da idade.

Além dos achados apresentados acima, os passos iniciais desta pesquisa resultaram na criação de dois conjuntos de dados prefixados por *a-*, *eN-* e *deS-*. Como vimos, um é o *corpus* A, com dados da fala adulta e da fala infantil, e o outro é o *corpus* B, com dados produzidos por crianças entre 5 e 9 anos de idade. Todos esses dados foram tabulados e estão disponíveis para análise.

Para finalizar, consideramos como possibilidade futura de pesquisa e como continuidade a este trabalho a aplicação de um experimento, com base nas formas prefixadas encontradas, a fim de confirmarmos quais dados de fato são analisados pelas crianças. Outra possibilidade de dar sequência a este trabalho está na investigação da hipótese de que o prefixo *deS-* se comporta mais como uma raiz (por isso o chamamos de lexical), ao passo que *a-* e *eN-*

se comportam como itens funcionais; esses comportamentos distintos poderiam estar relacionados à ordem de aquisição dos prefixos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. F. M.; GOMES, C. A. Aquisição de palavras complexas no português brasileiro: a emergência de morfologia derivacional na fala infantil. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, v. 18, p. 203-218, 2014.

BASSANI, I.S. A interação fonologia-morfologia-sintaxe: discutindo modelos de análise através de prefixos do português brasileiro. **LL Journal**, v. 6, p. 1, 2011.

BASSANI, I.S. **Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro**. 2013. 382f. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BASSANI, I.S; MEDEIROS, A.B; SCHER, A.P. Verbos Denominais com prefixos *des-* no Português do Brasil. In: **Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais**. Ed. Cânone. Goiânia, 2011, v.1, p.123-138.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37. edição revista, ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language:** its nature, origin, and use. New York: Praeger, 1986.

CLARK, Eve. Morphology in Language Acquisition. In: Spencer; Andrew; Arnold M. Zwicky. (org.). **The Handbook of Morphology**. Blackwell Publishing, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 6. edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FERRARI NETO, J. Passos em direção a uma teoria da aquisição da morfologia. In: TAVEIRA DA CRUZ, R. (org.). **As interfaces da gramática**. 1. edição. Curitiba: Editora CRV, 2012, v. 1, p. 215-239.

GROLLA, Elaine; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. **Aquisição da linguagem.** São Paulo: Contexto, 2014.

GUASTI, Maria Teresa. **Language acquisition:** the growth of grammar. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, J. **The View from Building 20**. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HAUSER, M.; CHOMSKY, N.; FITCH, W.T. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? **Science**, v. 298, p. 1569-1579, 2002.

KIPARSKY, Paul. **Word formation and the lexicon**. Proceedings of the 1982 Mid – America Linguistics Conference, 1983.

LIMA, P.A.N. **Morfemas derivacionais e compostos do português brasileiro na fala de crianças de dois a sete anos de idade**. 2006. 91f. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 2006.

MACWHINNEY, Brian. **The acquisition of morphology**. Society for Research in Child Development Monographs 43, 1978.

MARANTZ, A. **Phases and words**. Manuscrito. NYU, 2007.

MEDEIROS, A. B. Para uma abordagem sintático-semântica do prefixo des-. **Revista da ABRALIN**, v. 9, p. 95-121, 2010.

PINKER, Steven. **Language learnability and language development**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

SCHWINDT, L. C. Produtividade, transparência e estatuto prosódico de palavras derivadas por prefixação em português brasileiro e espanhol peninsular. **Organon** (UFRGS), Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 131-137, 2004.

_____. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. **DELTA**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 175-207, 2001.

_____ (org.). **Manual de Linguística:** fonologia, morfologia e sintaxe. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, M. C; MIOTO, C. Considerações sobre a prefixação. **ReVEL**, v.7, n. 12, 2009.

SVENONIUS, P. Slavic Prefixes inside and outside VP. **Nordlyd**, v. 32, n. 2, p. 205-253, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A[45] – *Types* e distribuição dos *tokens* na produção adulta do *corpus* A.

TYPES	CONTAGEM DE TYPES	Nº DE OCORRÊNCIAS (TOKENS)
ABAIXADINHO-ME	1	1
ABAIXA-ME	1	5
ABAIXAR-ME	1	5
ABAIXEI-ME	1	1
ABRAÇA-FA	1	3
ABRAÇAR-FA	1	1
ABRAÇO-FA	1	6
ABRAÇOU-FA	1	1
ACABA	1	34
ACABADO	1	1
ACABAM	1	1
ACABAMOS	1	1
ACABANDO	1	33
ACABAR	1	92
ACABARAM	1	3
ACABAREM	1	1
ACABEI	1	8
ACABO	1	2
ACABOU	1	110
ACALMAR-ME	1	5
ACAMPAR-ML	1	1
ACERTA	1	3
ACERTA-ME	1	1
ACERTAMOS	1	1
ACERTANDO	1	3
ACERTAR	1	4
ACERTAR-ME	1	1
ACERTEI	1	5
ACERTOU	1	10
ACOMPANHA-MPA	1	3
ACOMPANHANDO-MPA	1	1

TYPES	CONTAGEM DE TYPES	Nº DE OCORRÊNCIAS (TOKENS)
ACOMPANHAR-MPA	1	1
ACOMPANHO-MPA	1	1
ACOMPANHOU-MPA	1	1
ACREDITA-MPA	1	3
ACREDITANDO-MPA	1	1
ACREDITARAM-MPA	1	1
ACREDITAR-MPA	1	2
ACREDITO-MPA	1	13
ADORMECEU-ME	1	1
ADORMECIDA-ME	1	1
AFIADA	1	1
AFIADAS	1	2
AFIADOS	1	1
AFUNDAR-ML	1	2
AFUNDOU-ML	1	4
AGARRA	1	1
AGARRANDO	1	1
AGARRAR	1	2
AGARROU	1	1
AGRUPADOS-MC	1	1
AJEITADA-ME	1	1
AJEITANDO-ME	1	4
AJEITAR-ME	1	4
AJEITEI-ME	1	1
AJEITO-ME	1	1
ALARANJADOS-ME	1	1
AMACIADA-ME	1	1
AMACIANDO-ME	1	1
AMADURECE-ME	1	2

[45] As siglas depois de algumas palavras indicam a contribuição semântica. As palavras que estão sem sigla não apresentam significado composicional. Retomando, as contribuições semânticas e suas respectivas siglas são: ME (mudança de estado), ML (mudança de lugar), MPA (mudança de posse abstrata), MPC (mudança de posse concreta), MC (mudança de configuração), FA (formação de atividade), R (reversão), N (negação) e S (separação).

AMADURECER	1	1
AMASSA	1	10
AMASSADA-MC	1	1
AMASSADINHO	1	1
AMASSADO	1	7
AMASSA-MC	1	1
AMASSANDO	1	6
AMASSAR	1	13
AMASSEI	1	1
AMASSOU	1	4
AMOLECER-ME	1	1
ANOTAÇÃO-FA	1	1
ANOTAR-FA	1	3
ANULAR-ME	1	1
APAIXONADA-ME	1	1
APAIXONADO-ME	1	1
APAIXONA-ME	1	1
APAVORADO-ME	1	1
APONTANDO	1	2
APONTAR-MC	1	1
APONTEI	1	1
APRESENTA	1	3
APRESENTAÇÃO	1	1
APRESENTAÇÕES	1	1
APRESENTAM	1	1
APRESENTANDO	1	1
APRESENTAR	1	2
APRONTANDO	1	1
APROVEITA-MPA	1	17
APROVEITAR-MPA	1	17
APROVEITOU-MPA	1	2
APROXIMAM-ME	1	1
APROXIMAR-ME	1	1
APROXIMOU-ME	1	1
AQUECER-ME	1	1
ARREDONDADA-ME	1	1
ARREDONDADO-ME	1	2
ARRUMA	1	25
ARRUMAÇÃO	1	1
ARRUMADA	1	2
ARRUMADAS	1	1
ARRUMADINHA	1	2
ARRUMADINHO	1	7
ARRUMADO	1	7
ARRUMANDO	1	26
ARRUMAR	1	131
ARRUME	1	5
ARRUMEI	1	17
ARRUMO	1	3
ARRUMOU	1	19
ASSOMBRADO	1	1
ASSOPRA-FA	1	2
ASSOPRANDO-FA	1	1
ASSOPRAR-FA	1	7
ASSOPROU-FA	1	2
ASSUSTADO-MPA	1	2
ASSUSTADORA-MPA	1	1
ASSUSTADOR-MPA	1	3
ASSUSTADOS-MPA	1	1
ASSUSTA-MPA	1	9
ASSUSTAR-MPA	1	2
ASSUSTOU-MPA	1	6
ATIRAR	1	1
ATIRAR-FA	1	2
DESAFINADA-N	1	1
DESAMARROU-R	1	1
DESAMASSA-R	1	1
DESANDADA	1	1
DESANDOU	1	1
DESANIMADO-N	1	3
DESAPARAFUSAR-R	1	1
DESAPARECENDO-R	1	1
DESAPARECERAM-R	1	1
DESAPARECER-R	1	2
DESAPARECEU-R	1	1
DESAPERTA-R	1	3
DESARRUMADO-N	1	1
DESARRUMOU-R	1	2
DESCABEÇADO-N	1	1
DESCABELADA	1	1
DESCABELADO	1	3
DESCANSADO-N	1	1
DESCANSANDO-R	1	1
DESCANSA-R	1	2

DESCANSAR-R	1	18
DESCARADAMENTE	1	1
DESCARGA	1	7
DESCARREGADA-N	1	1
DESCARREGUEI-R	1	1
DESCARTADAS-S	1	1
DESCARTANDO-S	1	1
DESCARTAR-S	1	1
DESCARTA-S	1	2
DESCARTELA-S	1	1
DESCARTEM-S	1	1
DESCOBRE	1	4
DESCOBRI	1	2
DESCOBRINDO	1	2
DESCOBRIR	1	17
DESCOBRIU	1	6
DESCOLAR-R	1	2
DESCOLOU-R	1	2
DESCONECTA-R	1	1
DESCONFIADO-N	1	1
DESCONFIAVA-N	1	1
DESCONGELADO-N	1	1
DESCONGELAR-R	1	1
DESCONGELEI-R	1	2
DESCONHECIDO-N	1	1
DESCONSOLADA-N	1	1
DESCONTO	1	2
DESCOSTURAR-R	1	1
DESCUBRA	1	2
DESCUBRO	1	1
DESCULPA-R	1	66
DESCULPE-R	1	1
DESEMBARAÇA-R	1	1
DESEMBOLADO	1	1
DESENCAIXADO-N	1	2
DESENCONTRO-N	1	1
DESENGATA-R	1	1
DESENROLANDO-R	1	2
DESENROLAR-R	1	4
DESENROLO-R	1	1
DESENROLOU-R	1	1
DESENTERRA-R	1	1
DESENVOLVE	1	3
DESENVOLVER	1	1
DESESPERADO	1	2
DESFAZENDO-R	1	1
DESFAZER-R	1	3
DESFAZ-R	1	3
DESFEITO-N	1	1
DESFILA	1	4
DESFILANDO	1	4
DESFILAR	1	1
DESFILE	1	7
DESFILOU	1	1
DESLIGADA-N	1	1
DESLIGADO-N	1	2
DESLIGA-R	1	18
DESLIGAR-R	1	18
DESLIGO-R	1	2
DESLIGOU-R	1	9
DESLIGUEI-R	1	2
DESLIGUE-R	1	1
DESMARCAR-R	1	1
DESMONTADO-N	1	1
DESMONTANDO-R	1	2
DESMONTA-R	1	10
DESMONTAR-R	1	16
DESMONTEI-R	1	2
DESMONTE-R	1	1
DESMONTOU-R	1	6
DESNATURADA	1	1
DESOBEDECER-N	1	1
DESOBEDECEU-N	1	1
DESORDEM-N	1	1
DESPEDAÇADINHO-S	1	1
DESPEDAÇADO-S	1	2
DESPREOCUPADOS-N	1	1
DESPREVENIDO-N	1	1
DESTRANCAR-R	1	2
DESVIA	1	1
DISJUNTAR-R	1	1
EMBARALHA	1	2
EMBARALHANDO	1	1
EMBARALHAR	1	6
EMBARALHEI	1	1

EMBOLA	1	2
EMBOLADO	1	3
EMBOLOU	1	2
EMPOEIRADO-MPC	1	3
ENCAIXA	1	56
ENCAIXADA	1	1
ENCAIXADO	1	3
ENCAIXAM	1	2
ENCAIXAMOS	1	1
ENCAIXANDO	1	4
ENCAIXAR	1	40
ENCAIXE	1	2
ENCAIXEI	1	2
ENCAIXO	1	2
ENCAIXOU	1	20
ENCHA-ME	1	3
ENCHE	1	2
ENCHEÇÃO	1	2
ENCHE-ME	1	19
ENCHEM-ME	1	2
ENCHENDO	1	2
ENCHENDO-ME	1	2
ENCHER	1	2
ENCHERAM-ME	1	1
ENCHER-ME	1	35
ENCHEU-ME	1	11
ENCHIDO-ME	1	1
ENCOSTA	1	10
ENCOSTADA	1	1
ENCOSTADO	1	4
ENCOSTANDO	1	3
ENCOSTAR	1	5
ENCOSTOU	1	1
ENCURTA-ME	1	1
ENDIREITANDO-ME	1	3
ENDIREITAR-ME	1	5
ENDOIDOU-ME	1	1
ENDURECE-ME	1	1
ENDURECER-ME	1	3
ENDURECEU-ME	1	1
ENFEITIÇADAS-MPA	1	1
ENFIA	1	3
ENFIAR	1	5
ENFORCAR	1	3
ENFRENTAM-FA	1	1
ENFRENTAR-FA	1	1
ENFRENTOU-FA	1	1
ENGATINHANDO	1	1
ENGATINHAR	1	1
ENGESSADA-MPC	1	1
ENGORDA-ME	1	1
ENGORDURADA-MPC	1	2
ENGORDURADO-MPC	1	1
ENGRAÇADA-FA	1	14
ENGRAÇADAS-FA	1	1
ENGRAÇADINHO-FA	1	1
ENGRAÇADO-FA	1	33
ENROLA	1	3
ENROLADA	1	1
ENROLADA-MC	1	1
ENROLADINHA-MC	1	1
ENROLADINHO-MC	1	3
ENROLADO	1	2
ENROLADO-MC	1	3
ENROLA-MC	1	4
ENROLANDO	1	7
ENROLANDO-MC	1	2
ENROLAR	1	4
ENROLAR-MC	1	10
ENROLEI-MC	1	1
ENROLE-MC	1	1
ENROLO-MC	1	1
ENROLOU	1	1
ENROLOU-MC	1	2
ENSOLARADA-ME	1	1
ENTALADO	1	1
ENTERRADA-ML	1	1
ENTERRADO-ML	1	1
ENTERRO-ML	1	2
ENTORTA-ME	1	2
ENTORTOU-ME	1	1
ENVELHECER-ME	1	1
ENVELHECEU-ME	1	1

ENVENENADA-MPC	1	5
ENVERGONHADA-ME	1	2
ENVERGONHADO-ME	1	1

ENVERNIZADOS-MPC	1	1
ENVIDRAÇADO-MPC	1	1
Total Geral	**317**	**1547**

APÊNDICE B – *Types* e distribuição dos *tokens* na produção infantil do *corpus* A.

TYPES	CONTAGEM DE TYPES	Nº DE OCORRÊNCIAS (TOKENS)
ABAIXAR-ME	1	2
ACABA	1	6
ACABANDO	1	11
ACABAR	1	21
ACABARAM	1	2
ACABASSE	1	1
ACABEI	1	29
ACABO	1	5
ACABOU	1	99
ACALMAR-ME	1	3
ACAMPAR-ML	1	1
ACERTA	1	2
ACERTANDO	1	1
ACERTAR	1	12
ACERTARAM	1	1
ACERTEI	1	6
ACERTO	1	1
ACERTOU	1	6
ACOMPANHA-MPA	1	1
ACREDITA-MPA	1	1
ACREDITAR-MPA	1	3
ADORMECEU-ME	1	1
AFIADA	1	1
AFIADAS	1	1
AFUNDAR-ML	1	1
AFUNDOU-ML	1	2
AJUNTAR-ME	1	1
AMASSA	1	2
AMASSADO	1	5
AMASSANDO	1	2
AMASSAR	1	6
AMASSEI	1	3
AMASSOU	1	8
APONTADOR-MC	1	3
APONTAR-MC	1	1
APRESENTAÇÃO	1	1
APRESENTANDO	1	1
APRESENTAR	1	8

TYPES	CONTAGEM DE TYPES	Nº DE OCORRÊNCIAS (TOKENS)
APROVEITAR-MPA	1	1
APROXIMA-ME	1	1
ARRUMA	1	28
ARRUMADA	1	2
ARRUMADO	1	1
ARRUMANDO	1	7
ARRUMAR	1	40
ARRUMEI	1	6
ARRUMO	1	1
ARRUMOU	1	3
ASSOPRA-FA	1	3
ASSOPRAR-FA	1	1
ASSOPREI-FA	1	4
ASSOPROU-FA	1	5
ASSUSTADORA-MPA	1	2
ASSUSTADOR-MPA	1	4
ASSUSTA-MPA	1	4
ASSUSTAR-MPA	1	3
ASSUSTOU-MPA	1	3
ATERRISSOU-ML	1	1
ATIRA-FA	1	1
ATIRANDO-FA	1	1
ATIRO-FA	1	1
ATIROU-FA	1	6
DESAJEITADA-N	1	1
DESANIMADO	1	2
DESAPARECE-R	1	1
DESAPARECER-R	1	8
DESAPARECEU-R	1	1
DESAPERTA-R	1	1
DESARRUMADA-N	1	1
DESARRUMADO-N	1	1
DESARRUMAR-R	1	1
DESARRUMOU-R	1	1
DESCANSANDO-R	1	3
DESCANSA-R	1	2

TYPES	CONTAGEM DE TYPES	Nº DE OCORRÊNCIAS (TOKENS)
DESCANSAR-R	1	9
DESCARGA	1	1
DESCARTELA-S	1	1
DESCOBRI	1	4
DESCOBRIU	1	1
DESCOLA-R	1	2
DESCOMPETIU	1	1
DESCUBRO	1	1
DESCULPA-R	1	12
DESCULPE-R	1	5
DESEMBOLADO	1	1
DESENROLAR-R	1	1
DESENROLOU-R	1	1
DESENVOLVE	1	1
DESFAZER-R	1	1
DESFILANDO	1	2
DESFILAR	1	1
DESFILE	1	3
DESFILEI	1	1
DESLIGADO-N	1	1
DESLIGA-R	1	7
DESLIGAR-R	1	2
DESLIGOU-R	1	2
DESLIGUE-R	1	3
DESMONTADO-N	1	1
DESMONTANDO-R	1	1
DESMONTA-R	1	2
DESMONTAR-R	1	14
DESMONTEI-R	1	1
DESMONTOU-R	1	10
DESOBEDECEU-N	1	1
DESPEDAÇADO-S	1	2
DISJUNTA-R	1	1
EMBARALHAR	1	1
EMBARALHEI	1	1
ENCAIXA	1	5
ENCAIXAR	1	3
ENCAIXEI	1	3
ENCAIXOU	1	2
ENCHE-ME	1	6
ENCHENDO-ME	1	1

TYPES	CONTAGEM DE TYPES	Nº DE OCORRÊNCIAS (TOKENS)
ENCHER-ME	1	8
ENCHEU-ME	1	1
ENCHI-ME	1	1
ENCHO-ME	1	2
ENCOSTADO	1	1
ENCOSTAR	1	4
ENCOSTEI	1	2
ENDURECE-ME	1	1
ENFIA	1	1
ENFIAR	1	1
ENFORCAR	1	3
ENGATINHANDO	1	1
ENGRAÇADA-FA	1	2
ENGRAÇADINHO-FA	1	1
ENGRAÇADO-FA	1	19
ENROLADA-MC	1	1
ENROLADINHO-MC	1	1
ENROLADO-MC	1	3
ENROLADONA-MC	1	1
ENROLAM	1	2
ENROLA-MC	1	5
ENROLANDO	1	1
ENROLANDO-MC	1	1
ENROLAR	1	1
ENROLAR-MC	1	6
ENROLEI-MC	1	1
ENROSCAR	1	1
ENSABOAR-MPC	1	1
ENSOLARADA-ME	1	1
ENTERRADA-ML	1	1
ENTERRADO-ML	1	1
ENTERRADOS-ML	1	1
ENTERRAR-ML	1	1
ENTERROU	1	1
ENTORTADO-ME	1	1
ENTORTA-ME	1	1
ENTORTOU-ME	1	1
ENVENENADA-MPC	1	2

TYPES	CONTAGEM DE TYPES	Nº DE OCORRÊNCIAS (TOKENS)
ENVERGONHADA-ME	1	1

TYPES	CONTAGEM DE TYPES	Nº DE OCORRÊNCIAS (TOKENS)
ENVERGONHADO-ME	1	1
Total Geral	**155**	**618**

APÊNDICE C – Formas produzidas pelos adultos que são ausentes na produção infantil.

PREFIXO	FORMAS PREFIXADAS	SEMÂNTICA	FREQ.	PREFIXO	FORMAS PREFIXADAS	SEMÂNTICA	FREQ.
a-	ABRAÇ-	FA	PF	deS-	DESCONSOL-	N	NF
a-	AGARR-	-	PF	deS-	DESCONT-	-	PF
a-	AGRUP-	MC	NF	deS-	DESCOSTUR-	R	NF
a-	AJEIT-	ME	PF	deS-	DESEMBARAÇ-	R	NF
a-	ALARANJ-	ME	NF	deS-	DESENCAIX-	N	PF
a-	AMACI-	ME	PF	deS-	DESENCONTR-	N	NF
a-	AMADUREC-	ME	PF	deS-	DESENGAT-	R	NF
a-	AMOLEC-	ME	NF	deS-	DESENTERR-	R	NF
a-	ANOT-	FA	PF	deS-	DESESPER-	-	PF
a-	ANUL-	ME	NF	deS-	DESMARC-	R	NF
a-	APAIXON-	ME	PF	deS-	DESNATUR-	-	NF
a-	APAVOR-	ME	NF	deS-	DESORDEM-	N	NF
a-	APRONT-	-	NF	deS-	DESPREOCUP-	N	NF
a-	AQUEC-	ME	NF	deS-	DESPREVEN-	N	NF
a-	ARREDOND-	ME	PF	deS-	DESTRANC-	R	PF
a-	ASSOMBR-	-	NF	deS-	DESVI-	-	NF
deS-	DESAFIN-	N	NF	eN-	EMBOL-	-	PF
deS-	DESAMARR-	R	NF	eN-	EMPOEIR-	MPC	PF
deS-	DESAMASS-	R	NF	eN-	ENCURT-	ME	NF
deS-	DESAND-	-	PF	eN-	ENDIREIT-	ME	PF
deS-	DESAPARAFUS-	R	NF	eN-	ENDOID-	ME	NF
deS-	DESCABEÇ-	N	NF	eN-	ENFEITIÇ-	MPA	NF
deS-	DESCABEL-	-	PF	eN-	ENFRENT-	FA	PF
deS-	DESCARAD-	-	NF	eN-	ENGESS-	MPC	NF
deS-	DESCARREG-	R	PF	eN-	ENGORD-	ME	NF
deS-	DESCART-	S	PF	eN-	ENGORDUR-	MPC	PF
deS-	DESCONECT-	R	NF	eN-	ENTAL-	-	NF
deS-	DESCONFI-	N	PF	eN-	ENVELHEC-	ME	PF
deS-	DESCONGEL-	R	PF	eN-	ENVERNIZ-	MPC	NF
deS-	DESCONHEC-	N	NF	eN-	ENVIDRAÇ-	MPC	NF

APÊNDICE D – Produção infantil do corpus B.

PREFIXO	FORMAS PREFIXADAS	SEMÂNTICA	FREQ.
a-	ABRAÇ-	FA	F
a-	ACAB-	-	F
a-	ACERT-	-	F
a-	ACOMOD-	ME	F
a-	ACOMPANH-	MPA	NF
a-	ACONSELH-	MPA	NF
a-	ACOSTUM-	ME	NF
a-	ACREDIT-	MPA	F
a-	AFI-	-	NF
a-	AFIRM-	ME	NF
a-	AFUND-	ML	NF
a-	AGARR-	-	F
a-	AJOELH-	FA	NF
a-	ALIS-	ME	NF
a-	AMANHEC-	ME	PF
a-	APONT-	MC	F
a-	APRESENT-	-	F
a-	APRONT-	ME	PF
a-	APRONT-	-	PF
a-	ARROMB-	MC	NF
a-	ARRUM-	-	F
a-	ASSOPR-	FA	F
a-	ASSUST-	MPA	F

PREFIXO	FORMAS PREFIXADAS	SEMÂNTICA	FREQ.
a-	ATIR-	-	F
a-	AVIST-	-	PF
deS-	DESAPAREC-	R	F
deS-	DESARRUM-	N	NF
deS-	DESCALÇ-	N	F
deS-	DESCANS-	R	F
deS-	DESCOBR-	-	F
deS-	DESCOL-	R	PF
deS-	DESCOSTUR-	R	NF
deS-	DESCULP-	R	F
deS-	DESLIG-	R	PF
eN-	EMBARR-	MPC	F
eN-	ENCH-	ME	F
eN-	ENCOST-	-	NF
eN-	ENDIREIT-	ME	NF
eN-	ENFAIX-	MPC	F
eN-	ENFI-	-	F
eN-	ENGESS-	MPC	NF
eN-	ENGRAÇ-	FA	F
eN-	ENROL-	MC	NF
eN-	ENTERR-	ML	F
eN-	ENVENEN-	MPC	NF

APÊNDICE E – Sessões de gravação do *corpus* A.

CRIANÇA	SESSÃO	IDADE	TEMPO DE GRAVAÇÃO
Amelie	1	3;04.09	00:30:00
Amelie	2	3;05.14	00:30:00
Amelie	3	3;06.15	00:32:02
Amelie	4	3;07.16	00:31:00
Amelie	5	3;10.10	00:30:00
Amelie	6	3;11.16	00:30:00
Amelie	7	4;00.17	00:30:00
Arthur	1	3;00.12	00:24:18
Arthur	2	3;00.30	00:31:00
Arthur	3	3;01.00	00:16:08
Arthur	4	3;01.16	00:29:36
Arthur	5	3;01.20	00:15:00
Arthur	6	3;01.25	00:26:42
Arthur	7	3;02.11	00:29:06
Arthur	8	3;02.21	00:30:00
Arthur	9	3;03.10	00:28:00
Arthur	10	3;04.02	00:24:13
Arthur	11	3;04.02	00:30:00
Arthur	12	3;04.10	00:30:00
Arthur	13	3;04.19	00:27:00
Arthur	14	3;05.07	00:30:00
Arthur	15	3;05.14	00:28:00
Arthur	16	3;05.28	00:24:28
Arthur	17	3;06.04	00:24:28
Arthur	18	3;06.26	00:30:51
Arthur	19	3;07.07	00:26:39
Arthur	20	3;07.28	00:28:00
Arthur	21	3;08.14	00:19:00
Arthur	22	3;08.14	00:08:30
Arthur	23	3;08.15	00:31:00
Arthur	24	3;08.30	00:29:39
Arthur	25	3;09.25	00:28:00
Arthur	26	3;10.11	00:28:37
Arthur	27	3;10.14	00:30:00
Arthur	28	3;10.28	00:30:00
Arthur	29	3;11.07	00:25:35

CRIANÇA	SESSÃO	IDADE	TEMPO DE GRAVAÇÃO
Arthur	30	3;11.21	00:30:00
Arthur	31	4;01.00	00:10:00
Arthur	32	4;01.13	00:30:53
Arthur	33	4;02.18	00:02:17
Arthur	34	4;02.21	00:20:51
Arthur	35	4;02.21	00:08:19
Arthur	36	4;03.05	00:30:00
Arthur	37	4;03.12	00:30:00
Arthur	38	4;05.03	00:27:14
Arthur	39	4;05.20	00:27:00
Arthur	40	4;06.01	00:26:10
Arthur	41	4;07.16	00:29:00
Arthur	42	4;08.30	00:30:00
Arthur	43	4;11.12	00:30:04
Luiza	1	3;00.09	00:30:57
Luiza	2	3;00.16	00:31:02
Luiza	3	3;00.23	00:31:12
Luiza	4	3;00.30	00:31:11
Luiza	5	3;01.07	00:31:09
Luiza	6	3;01.14	00:31:35
Luiza	7	3;01.20	00:31:06
Luiza	8	3;01.27	00:31:08
Luiza	9	3;02.05	00:31:06
Luiza	10	3;02.12	00:31:03
Luiza	11	3;02.19	00:31:04
Luiza	12	3;02.26	00:31:03
Luiza	13	3;03.10	00:31:10
Luiza	14	3;03.17	00:45:46
Luiza	15	3;03.24	00:45:44
Luiza	16	3;04.00	00:45:41
Luiza	17	3;04.07	00:45:39
Luiza	18	3;04.14	00:31:02
Luiza	19	3;04.27	00:31:02
Luiza	20	3;05.05	00:31:09
Luiza	21	3;05.12	00:31:09
Luiza	22	3;05.19	00:31:02

CRIANÇA	SESSÃO	IDADE	TEMPO DE GRAVAÇÃO
Luiza	23	3;05.26	00:31:04
Luiza	24	3;06.03	00:31:05
Luiza	25	3;06.10	00:31:06
Luiza	26	3;06.17	00:30:58
Luiza	27	3;06.24	00:30:56
Luiza	28	3;07.00	00:30:17
Luiza	29	3;07.07	00:30:15
Luiza	30	3;07.14	00:31:08
Luiza	31	3;07.21	00:31:05
Luiza	32	3;07.28	00:30:18
Luiza	33	3;08.05	00:30:16
Luiza	34	3;08.12	00:30:15
Luiza	35	3;08.19	00:30:14
Luiza	36	3;08.25	00:30:15
Luiza	37	3;09.02	00:30:17
Luiza	38	3;09.09	00:30:59
Luiza	39	3;09.16	00:31:00
Luiza	40	3;09.23	00:31:02
Luiza	41	3;09.30	00:31:03
Luiza	42	3;10.07	00:30:59
Luiza	43	3;10.14	00:30:57
Luiza	44	3;10.21	00:30:07
Luiza	45	3;10.28	00:30:08
Luiza	46	3;11.05	00:30:24
Luiza	47	3;11.12	00:30:21
Luiza	48	3;11.22	00:30:15
Luiza	49	3;11.29	00:30:08
Luiza	50	4;00.04	00:30:08
Luiza	51	4;00.11	00:30:10
Luiza	52	4;00.18	00:31:06
Luiza	53	4;00.25	00:31:06
Luiza	54	4;01.01	00:31:00
Luiza	55	4;01.08	00:31:01
Luiza	56	4;01.15	00:30:13
Luiza	57	4;01.22	00:30:12
Luiza	58	4;02.00	00:30:05
Luiza	59	4;02.07	00:30:03
Luiza	60	4;02.14	00:30:11
Luiza	61	4;02.21	00:30:13

CRIANÇA	SESSÃO	IDADE	TEMPO DE GRAVAÇÃO
Luiza	62	4;02.28	00:30:14
Luiza	63	4;03.05	00:30:12
Luiza	64	4;03.12	00:46:46
Luiza	65	4;03.19	00:51:14
Luiza	66	4;03.26	00:31:00
Luiza	67	4;04.03	00:31:00
Luiza	68	4;04.10	00:31:30
Luiza	69	4;04.17	00:31:28
Luiza	70	4;04.24	00:30:56
Luiza	71	4;05.00	00:30:56
Luiza	72	4;05.07	00:30:55
Luiza	73	4;05.14	00:30:55
Luiza	74	4;05.21	00:30:56
Luiza	75	4;06.13	00:30:54
Luiza	76	4;06.20	00:30:56
Luiza	77	4;06.27	00:17:00
Luiza	78	4;07.03	00:30:57
Luiza	79	4;07.24	00:30:55
Luiza	80	4;08.00	00:30:53
Luiza	81	4;08.07	00:30:51
Luiza	82	4;08.14	00:30:57
Luiza	83	4;08.21	00:30:56
Luiza	84	4;08.28	00:30:55
Luiza	85	4;09.05	00:30:52
Luiza	86	4;09.12	00:30:55
Luiza	87	4;09.19	00:30:53
Luiza	88	4;09.26	00:30:50
Luiza	89	4;10.02	00:30:50
Luiza	90	4;10.09	00:30:54
Luiza	91	4;10.16	00:31:04
Luiza	92	4;10.23	00:31:06
Luiza	93	4;11.00	00:31:26
Luiza	94	4;11.07	00:31:24
Luiza	95	4;11.14	00:30:58
Luiza	96	4;11.25	00:30:58
Luiza	97	5;00.09	00:30:53
Luiza	98	5;00.30	00:30:31
Luiza	99	5;01.06	00:30:41
Luiza	100	5;01.14	00:30:59

CRIANÇA	SESSÃO	IDADE	TEMPO DE GRAVAÇÃO
Luiza	101	5;01.21	00:31:00
Luiza	102	5;02.28	00:30:44
Luiza	103	5;03.04	00:30:44
Luiza	104	5;03.11	00:30:43
Luiza	105	5;03.18	00:30:42

CRIANÇA	SESSÃO	IDADE	TEMPO DE GRAVAÇÃO
Luiza	106	5;04.01	00:30:45
Luiza	107	5;05.15	00:30:00
Luiza	108	5;05.22	00:30:45
Luiza	109	5;05.29	00:30:44
Luiza	110	5;06.07	00:30:47